

Entre os muitos aspectos que *GUATA PORÃ / Belo Caminhar* suscita, cabe ressaltar aqueles relacionados à sua concepção: o registro de uma história que vem sendo perenemente resguardada, vivida e anunciada, entre os Guarani, com a força da expressão verbal de seus próprios detentores e avaliadores, os *xeramõi* e *xejary* (anciões e anciãs); e o empenho dos pesquisadores guarani na transcrição e na tradução da riquíssima variedade de expressões contidas nos enunciados, de modo a incluir os *jurua* (não indígenas) entre os seus leitores.

A busca de palavras em português que dessem sentido a conceitos e expressões, muitas vezes intraduzíveis, foi parte relevante da pesquisa. Nos textos eleitos para compor o livro, com todas as ressignificações possíveis, foram mantidas a cadência e as maneiras de contar e aconselhar (*nhemongueta*) dos mestres guarani.

A escolha do *Guata Porã*, como referência cultural a ser pesquisada, revela a consciência dos jovens guarani de que as condições de vida, bem como os contextos atuais de inserção dos *Tekoa* – “espaço onde vivemos de acordo com o *nhandereko* (nosso sistema)” –, estão intimamente vinculados aos acontecimentos relacionados às antigas “caminhadas”, principalmente depois da chegada dos *jurua*.

Percebe-se que os pesquisadores não prescindiram do uso das próprias formas guarani de difusão de conhecimentos. Ao entrevistar os *xeramõi*, as respostas às perguntas “por que caminhavam os nossos avós antigos? Por que caminhamos? Onde paramos?” constituíram aprendizados e motivaram a criação de caminhos de comunicação com a sociedade não indígena, para que esta possa compreender e assimilar, nos termos do universo do pensamento e da ciência guarani, como este povo construiu, passo a passo, sua territorialidade.

GUATA PORÃ / Belo Caminhar se situa no âmbito do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), criado para viabilizar ações de identificação, salvaguarda e promoção do Patrimônio Cultural Imaterial (PCI). Seguindo o mesmo princípio, a Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, instituída em 2003 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da qual o Brasil é signatário, define como medidas de salvaguarda aquelas que assegurem a participação das comunidades nas pesquisas, nos processos de revitalização, nas formas de transmissão dos saberes, no acesso à terra e às espécies naturais.

Nesse sentido, o *Guata Porã* – no qual os preceitos do modo de vida guarani e do uso do território (*Yvyrupa*), em sentido amplo, são preconizados pelos *xeramõi* em seus relatos e vivências – fundamenta e constitui a territorialidade guarani enquanto Patrimônio Cultural que deve ser reconhecido tanto no âmbito das ações de salvaguarda, quanto na esfera das políticas públicas.

Diante de tantos escritos que foram produzidos sobre a história da colonização incidente no território guarani, *GUATA PORÃ / Belo Caminhar* surge como um contraponto às versões propagadas correntemente. Nas entrelinhas deste livro, em que experiências e tempos se entrecruzam, nós, *jurua*, embora presentes, permanecemos calados. As belas palavras, aqui reunidas, não são só para serem ouvidas, são para fazer pensar.

Maria Inês Ladeira
Centro de Trabalho Indigenista (CTI)



GUATA PORÃ | Belo caminhar

Descripción de las Provincias del Chaco, y
finanzas segun las relaciones modernas, y
vias adquiridas por diversas entradas
de Misioneros de la Compania de Jesus
se han hecho en este siglo de 1700.
Pueblos de Indios
Pueblos de Christianos
Ciudad
De Pedrochi Sule

El Rio de Guata Porã es un rio que nace en el
Parana y corre hacia el N. E. y se une al Rio
de Guata Porã en el punto de la Ciudad de
Corrientes.

GUATA PORÃ | Belo Caminhar

São Paulo – SP, 2015

Xejary, Xeramõi entrevistados

Adriano Morinico, *Karai Jekupe*

Alzira Fernandes, *Jera Poty*

Antonio Carvalho, *Vera Kuaray*

Aristides da Silva, *Karai*

Augustinho da Silva, *Karai Tataendy Oka*

Augusto da Silva *Karai Tataendy*

Felix Karai Brizola *Karai Mirim*

João Silva *Vera Mirim*

Leonardo da Silva *Werá Tupã*

Marcolino da Silva *Karai Tataendy Marangatu*

Maria Guimarães *Para Rete*

Mario Guimarães *Kuaray Mirim*

Marta Benites *Para Rete*

Miguel Benites *Karai Tatãxi*

Ronaldo Costa *Karai Tukumbo*

Tereza da Silva Oliveira *Djatxuka Mirim*

Timóteo da Silva *Verá Popygua*

Timoteo Oliveira *Karai Tataendy*

Organização

Ana Maria Ramo y Affonso

Pesquisadores Guarani de Aldeias de Santa Catarina e Paraná

Coordenação editorial

Maria Inês Ladeira

Centro de Trabalho Indigenista (CTI)

Programa Guarani

Tradução

Adão Antunes *Karai Tataendy*

Augusto da Silva *Karai Tataendy*

Ronaldo Costa *Karai Tukumbo*

Timoteo Oliveira *Karai Tataendy*

e pesquisadores guarani

Edição de textos

Ana Maria Ramo y Affonso

Maria Inês Ladeira

Revisão

Jera Guarani (grafia guarani)

Tatiana Amaral

Imagens

Acervo CTI

Vinícius Toro

Projeto gráfico e capa

Renata Alves de Souza

Tipográfico Comunicação

Apoio

Embaixada Noruega

MINC/IPHAN

GUATA PORÃ | Belo caminhar

Projeto PESQUISADORES GUARANI NO PROCESSO DE TRANSMISSÃO DE SABERES E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL GUARANI – SANTA CATARINA E PARANÁ | Agosto de 2014 / Novembro de 2015

Coordenação do Projeto Daniel Calazans Pierri (CTI)	Pesquisadores Guarani Adriano de Oliveira <i>Tukumbo, Tekoa Itanhaen, SC</i> Aládio Bolantim Mariano <i>Kuaray, Tekoa Itaty, SC</i> Claudio Verissimo <i>Karai, Tekoa Araçai, PR</i> Die Arai Martins Timóteo <i>Ara'i, Tekoa Mbiguaçu, SC</i> Edinho da Silva Vera , <i>Tekoa Yvya Yvate, SC</i> Elsom da Siva <i>Karai Mirim, Tekoa Pirai, SC</i> Gabriel Martins Pires <i>Karai Tataendy, Tekoa Pirai, SC</i> Laercio Silva Wera <i>Tupã Mirim, Tekoa Araçai, PR</i> Lucas Oliveira da Silva Rokadju , <i>Tekoa Mssiambu, SC</i> Nilton da Silva Pa-Pa , <i>Tekoa Mymba Roka, SC</i> Osmar de Castro , <i>Tekoa Araçai, PR</i> Silmar Ostroski <i>Karai Mirim, Tekoa Mbiguaçu, SC</i> Wilson Euzebio <i>Wera, Tekoa Yvya Yvate, SC</i>	
Coordenação Pedagógica Ana Maria Ramo y Affonso José Benites <i>Karai Tataendy (Tekoa Mymba Roka, SC)</i> Vinicius Del Toro (audiovisual)		
Coordenação Técnica do Iphan Juliano Martins Doberstein (Iphan-PR) Pedro Gustavo Morgado Clerot (DPI/Iphan) Regina Helena Meirelles Santiago (Iphan-SC)		
Gestão Ana Tomasuolo (CTI) Eliza Bolsoni Castilla (CTI)		
	Acompanhamento e assessoria Elizete Antunes <i>Ara, Tekoa Massiambu, SC</i> Ronaldo Costa <i>Karai Tukumbo, Tekoa Pirai, SC</i> Xeramõi Augusto Da Silva <i>Karai Tataendy, Tekoa Marangatu, SC</i> Xeramõi Timoteo Oliveira <i>Karai Tataendy, Tekoa Itanhaen, SC</i>	
Realização CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA – CTI	COMISSÃO GUARANI YVYRUPA – CGY	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN
Presidente Elisete da Silva Noleto	Coordenador <i>Tenonde</i> Marcos Tupã	Presidente da República Dilma Rousseff
Coordenação Geral Gilberto Azanha Maria Elisa Ladeira Maria Inês Ladeira Conrado Rodrigo Octavio Daniel Calazans Pierri Omar Silveira Junior Pollyana Mendonça	Coordenação Geral Maurício da Silva Gonçalves, RS Leonardo da Silva Gonçalves, PR José Benites, SC Timoteo da Silva <i>Vera Popygua, SP</i> Julio Garcia Xiju, RJ Neudo <i>Kuaray Mirim Poty</i> Fernandes, ES	Ministro da Cultura Juca Ferreira
Coordenação dos Programas: Guarani – Maria Inês ladeira	Secretários Marcelo Caio Nussenzweig Hotimsky Neusa <i>Poty</i> Quadro, SP	Presidente do Iphan Jurema de Sousa Machado
Javari e Timbira – Gilberto Azanha e Maria Elisa Ladeira		Superintendente do Iphan no Paraná José La Pastina Filho
Comunicação Helena Ladeira Azanha e Rafael Nakamura		Superintendente do Iphan em Santa Catarina Liliane Janine Nizzola
Coordenação Administrativa Evanildo Teixeira		Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial T.T. Catalão
		Diretor do Departamento de Articulação e Fomento Luiz Philippe Peres Torelly
		Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização Andrey Rosenthal Schlee
		Diretor do Departamento de Planejamento e Administração Marcos José Silva Rêgo
		Coordenadora-Geral de Identificação e Registro Mônia Luciana Silvestrin
		Coordenadora-Geral de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Rívia Bandeira Ryker
		Coordenadora de Identificação Sara Santos Morais

AGUYJEVETE!

Reguata’i ndaje ra’e, rire’indaje reupity’i

kova’e reko ra’ĩ rupi ae ma nderatay py’i rupa’i rupi,

mbovy nhamandu nhemopu’ã, mbovy nhamandu kuray’ã rupa re,
mbovy nhamandu raky kue rei e’ỹ gui rerojapyxaka rire vy mã

Nhe’ẽ kue’iry mbopy’aguaxua kue’iry

tove katu tape rupa’i tomõ pã’ũ pora’ĩ katu

he’ere aque’i mbojerovia pora’ĩ agui ndaje mĩrami

nderete’i reupity pora’ĩ kova’e jevy’ma

va’erãko aguyjevete

kova’e rema nderete’i reno’ã porã’i va’erãko ha’e

opamba’e reko anhete, ko yvy rupa gui katuve’ma,

yvy rupa gui anhove’yma

nhanderete’i jareko porã verity va’erã rami ve’yma,

nhanderu yvy rupa va’e mbyte mbyte rupi jepe

ha’e ramigua etegui jepeama anhete

mbovy araymã guive’yma, mbovy arapyau guive’yma anhete,

mby’aguaxuve rekorã’i re joguerojapyxaka anhete

onhembojerovia pora’ĩ oikovy ae quivyma anhete

nderete’i reno’ã pora’ĩ va’erãko anhete

kova’e rupi jevy-jevvy’i nhanderete’i nhano’ã’i raẽ’ma

Aguyjevete anhete

Você fez uma caminhada pra chegar até aqui e alcançou

para isso acontecer, lá no seu lar,

durante vários amanheceres, vários ocasos, vários anoiteceres, você esperou, se concentrou e pediu para que os *nhe’ẽ* que nos guiam, protegem e fortalecem

pudessem belamente iluminar o seu caminho

você pediu com verdadeira confiança e, assim, isso se realizou

seu corpo purificado alcança de novo o que agora acontece

por tudo isso, *aguyjevete*

desse modo, você sentirá o bem-estar do seu corpo

apesar dos males que certamente existem nesta Terra

e que não são somente deste mundo

persistimos no nosso belo viver

persistimos no meio deste mundo

verdadeiramente, apesar de tudo, assim é

vários *ara yma*, muitos *ara pyau*, com o propósito de adquirir coragem e fortalecimento

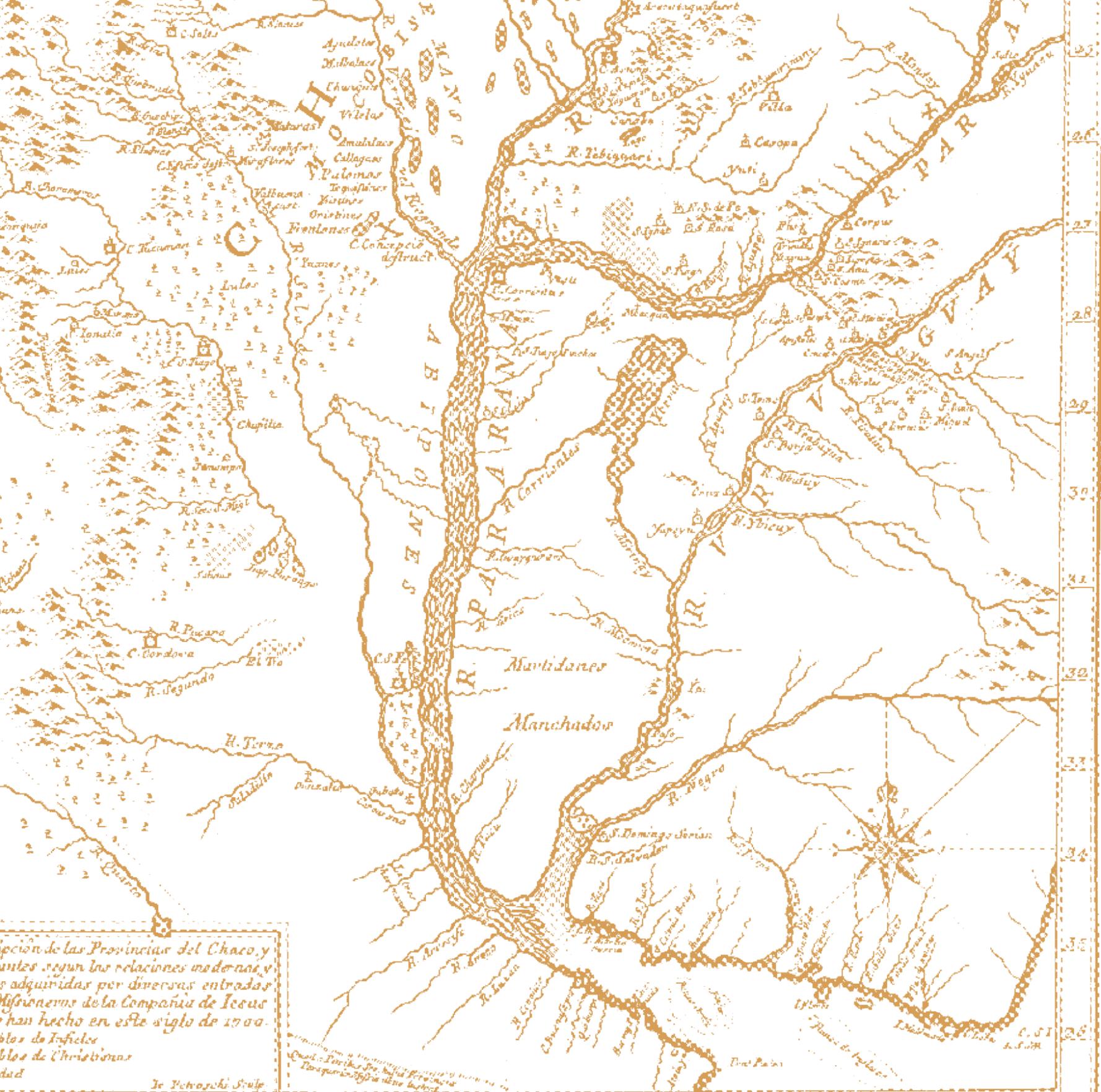
nhaneramõi kuery, nhandejaryi kuery se concentram verdadeiramente

respeitam a sua boa forma de viver

certamente, sentirás o bem-estar do seu corpo

assim, novamente, nosso corpo persevera

verdadeiramente *Aguyjevete*



GUATA PORÃ | Belo caminhar

NHANDERU OMBOJERA YVY
Nhanderu gerou a Terra 8

NHE'E KUERY
Os Espíritos Protetores 20

NHEMONGARAI
A revelação dos verdadeiros nomes 24

NHANDERU MIRIM KUERY OGUATA PORÃ
Os Nhanderu Mirim belamente caminharam 28

JURUA KUERY OVAË
A chegada dos jurua 38

NHANERAMÕI KUERY OGUATA YVYRUPA RUPI
Nossos avós caminharam ao redor da Terra 46

JURUA KUERY OJOKO NHANDERAPE
Os jurua dificultam nossos caminhos 56

MBYA REKO
O modo de ser Guarani Mbya 72

OPY'I RE
Na Casa de Rezas 80

TAPE PORÃ TENONDE PORÃ | Para seguir em frente
Os caminhos da pesquisa 88

Descripción de las Provincias del Chaco, y
antes segun las relaciones modernas, y
adquiridas por diversas entradas
Misioneros de la Compañia de Jesus
han hecho en este siglo de 1700.
Autor de los Fieles
de Christiano
de
de Petrovich Stup

NHANDERU OMBOJERA YVY

Nhanderu gerou a Terra



Anhetengua a'é ma! É verdade mesmo!
Essa palavra que nós aprendemos através dos nossos antigos avós, dos nossos tataravôs, nós sabemos e também acreditamos; sabemos que é certo. Nós, Guarani, não estamos anotando letras, só que a palavra é a palavra – nunca mentimos.

*Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)*

O SURGIMENTO DE NHANDERU TENONDE

Tudo começou no meio das trevas, havia apenas escuridão e mar, sem sequer existir um único ser vivo. Veio um vento do norte e um vento do sul que, se encontrando, fizeram surgir um pequeno redemoinho e *Nhanderu Tenonde*, (nosso primeiro pai) se concretizou ali, em cima do mar, flutuando e segurando apenas o seu *popygua* (cajado). *Nhanderu* não teve pai nem mãe; nasceu por ele mesmo. Ainda sendo deus, ao existir ali, passou por dificuldades, pois não havia algo concreto onde pisar. Por isso, ele teve a necessidade de criar o mundo que hoje chamamos *Yvyrupa*, o Planeta Terra. Tudo era escuro e, no meio do escuro, *Nhanderu* desce e paira por cima do mar. Ele pensa o que é que vai fazer, por que é que ele veio. E, então, ele sabe através do coração: “vou fazer a Terra”.

Nasceu junto com ele aquilo que seria o gérmen da *pindo marã e'y*, a palmeira sagrada. Ele a plantou em cima do oceano. Suas raízes foram se expandindo e, no contato com a água, se transformando em terra. Por ser uma planta muito sagrada, é invisível a nós, simples seres humanos. Assim que plantou o *pindo marã e'y*, ele gerou o *tatu ratã'i* (tatu). Foi esse tatu que o ajudou a espalhar a terra assim gerada.

Até agora, aquele *pindo* ainda está lá em *Yvy Mbyte*, o centro do mundo, o lugar que, hoje, os nãoindígenas chamam Paraguai. Só que ninguém vai ver, porque foi *Nhanderu* quem plantou. Essa planta dele, que ninguém tira, vai durar muito tempo e vai segurar a Terra. Mas se tirarem aquela plantinha que ele plantou, aí a Terra vai cair, porque é ela que segura. É assim que nós sabemos. A partir unicamente desse pedacinho de terra, é que fizeram tudo o que existe no mundo.

*Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)*

Esse é o começo de tudo, quando o deus *Nhanderu Tenonde* se gerou sozinho. Como? No começo, esse planeta era apenas formado pelo oceano, não tinha Sol, luz, nem nada que iluminasse o dia. *Nhanderu Tenonde* se gerou como uma flor em meios às névoas e em cima do mar. E, no momento em que isso aconteceu, ele, sendo *Nhanderu*, já tinha pensado em tudo: como seria o que ele iria criar, como ia fazer, como ele queria ser lembrado e, assim, fez o mundo. Criou várias coisas e, com elas, as regras que cada criação iria seguir. [...] E, assim, quando ele fez a Terra, era tudo mato, não tinha rio, nem cachoeiras, ou seja, não tinha água potável para o consumo. Então, como será que ele sabia o que tinha que fazer? Ele fez seis nascentes no mundo inteiro para a água escorrer entre os matos e, assim, se criaram vários rios, cachoeiras e a água que podia ser consumida. [...] Quando *Nhanderu* se gerou, ele fez um tipo de bengala (vara, cajado, *popygua'i*) e, dessa bengala, ele fez a Terra; e é nessa primeira Terra que ele criou o lago. Ali é o centro da terra, *Yvy Mbyte*, como se fosse o cérebro da Terra, que, recentemente, os não indígenas descobriram como “Aquífero Guarani”. Os *xeramõi* (avós, os mais velhos, lideranças espirituais) disseram a verdade sobre isso. [...] A água que está debaixo da Terra serve como se fosse um espelho, mas isso somente para aqueles que são os líderes espirituais. Através disso, eles sabem onde podemos ir, onde existem outros parentes e assim por diante.

*Timóteo da Silva - Verá Popygua
(Tekoa Takuari, Eldorado/SP)*

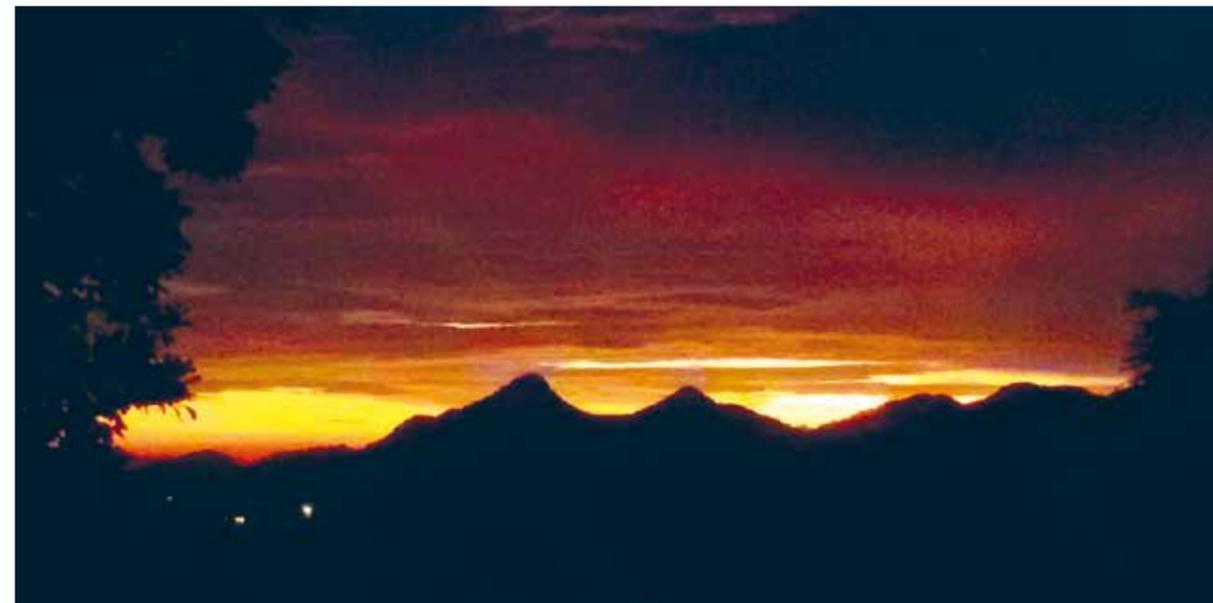
E o Sol? Esse é *Nhanderu* também. Sol, eu vou dizer Sol, mas o nome dele verdadeiro é *Nhamandu*. Foi ele quem fez o mundo primeiro, esta Terra... Porque, no começo, não tinha nada aqui, era só água, só mar. Não tinha nem um pedacinho de terra. Mas, um dia, *Nhanderu* resolveu e desceu trazendo um punhadinho de terra lá da terra dele. Ele botou em cima do mar e foi pisando, devagarzinho. Aí, ele ia ampliando um pouquinho mais. Então, ele pensou: “o que eu vou fazer pra me ajudar?”. E ele fez um tatuzinho, daqueles bem pequeninhos. Porque tem três ou quatro tipos de tatu. Aquele do campo é bem pequeninho: tatu bolinha, dizem. Então, ele foi ajudando o *Nhanderu*, cada vez mais, cada vez mais. E assim foi indo. Este pedaço de mundo aqui, o *Nhanderu* fez.

*Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)*

Pra contar tudo isso, precisaríamos de muito tempo. Vou contar de forma resumida. É pra vocês gravarem e pra mostrarem nas suas aldeias. E eu falar sozinho, isso pode causar confusão. Então, pra vocês conhecerem essas histórias, é bom que eu conte e vocês mostrem pra todo mundo. Quando *Nhanderu* se gerou, ele estava sozinho, ele não tinha pai nem mãe. Quando ele veio neste mundo, ele tinha um *popygua* e veio através dele, vagando pelo mar. Mesmo sendo um deus, ele também passou dificuldade porque só vivia através do *popygua* e do *Kuaray jexaka*, que é o reflexo do Sol. Ele conseguia a força só através desses dois. Como ele vivia sozinho, pensou em fazer uma companheira pra ele. Foi assim que gerou a companheira dele! Mas, mesmo sendo ele *Nhanderu*, ela não queria ser mulher, não queria se levantar. Meus avôs diziam que, quando ele fez a mulher, ela não tinha força pra se levantar, caía. Então, ele tirou um osso da parte da costela, pra fazer a mulher ficar forte, pra levantar. Tirou aquele pedacinho e colocou na mulher, na companheira dele, pra viverem juntos até hoje. *Nhanderu* fez a companheira pra ele de seu osso. [...] Foi isso que eu ouvi. Já aquela história do homem que veio do barro, não é nossa; ela veio através do conhecimento dos não indígenas, por meio do *kuatia* (livro). A história do barro, eu escuto dos não índios. A história que eu contei é a única que eu sei, a que os meus avôs me contaram. Mas a nossa gênese, o nosso início, ninguém sabe certo, ninguém vai saber certo como é que aconteceu.

*Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)*

NHANDERU KUERY



O primeiro mundo quem fez foi *Nhamandu Ru Ete*, o primeiro *Nhanderu* que existiu. Ele fez o mundo e quando ficou pronto, ele pensou: “poxa, eu estou muito sozinho”. Então, ele fez uma mulher para ser companheira dele. Como ele é *Nhanderu*, aquele que tem poder, que é tão poderoso, ele pensou: “mas, só assim não dá. Eu vou fazer outros”. E ele fez *Tupã*. *Tupã* é dono da água; quem manda a chuva é *Tupã Ru Ete*.

Nhamandu Ru Ete pensou: “está faltando mais”. Então, ele fez de novo *Karai Ru Ete*. Ele é *Nhanderu* também; pra nós é deus. Então, *Nhamandu* pensou um pouquinho e disse: “está faltando mais”. Então, ele fez *Jakaira Ru Ete*, outro *Nhanderu* também. Mas todos eles são mais novos que *Nhamandu Ru Ete*, porque ele foi o primeiro que existiu. Depois, ele mesmo destruiu essa terra, pra renovar de novo.

[...] *Nhanderu Tenonde* é o primeiro de todos. A direção na qual ele mora é o leste, como os *jurua* (brancos, não indígenas) falam. Cada deus mora em certa direção. Existe *Nhanderu Tupã*, que fica na direção oeste. Há também *Nhanderu Jakaira*, que fica na direção sul, depois há também *Nhanderu Karai*, que mora no norte, em direção ao norte. Assim, nas quatro regiões eles têm *amba* (lugar, morada) deles. Esses deuses todos se conhecem, todos são deuses e todos são igualmente poderosos. Por isso, na nossa sabedoria realmente há quatro deuses, nós conhecemos quatro deuses. Agora, no conhecimento do *jurua* existe apenas um. Eles conhecem apenas o deus que criou o mundo, só aquele, mais ninguém. Realmente, existem esses quatro deuses, mas, além desses, há mais subdeuses que são seus auxiliares, foram criados por eles. Aí sim, entra *Karai Jekupe*, que mora ao lado deles. A morada dele é mais perto de nós.

*Xeramõi Marcolino da Silva - Karai Tataendy Marangatu
(Tekoa Araçai, Piraquara/PR)*

Pra que a gente reza pra *Nhanderu*? Pra ter várias coisas, pra ter muitas coisas. A gente tem que pedir pra *Nhanderu*. *Nhanderu kuery imarã e'y*: nunca vão ficar velhos, vão ser sempre jovens. *Nhanderu Ete, Nhandexy ete ndaetai*: *Nhanderu ete* e *Nhandexy ete* (nosso pai e nossa mãe) verdadeiros, primeiros, não são muitos, só tem um. Eles têm *xondaro* (soldados, auxiliares), *Karai kuery* (pessoas de sabedoria), têm governo. Eles são ajudantes do pai. *Nhanderu Ete Tenondegua* só tem um, ele é o pai de todos. Depois vem *Karai kuery*. *Karai Mirim* vem de mais longe. *Nhanderu* ilumina para os *xeramõi kuery* saberem de onde eles vêm, pra eles saberem e dar o nome para as crianças.

Xeramõi Felix Karai Brizola – Karai Mirim
(Tekoa Ara Ovy, Maricá/RJ)

Xeramõi kuery (os *xeramõi*) têm funções diferentes um do outro: um vai ser pra dar o nome, o outro vai poder curar, fazer remédio e o outro fumar. Antigamente, cada pensamento era diferente. Já que você quer saber, então vou contar. Aqui (norte) está *Karai retã*, ali, do outro lado, *Tupã retã* (sul). *Tupã* que manda, quando tem que resolver alguma coisa que está acontecendo; aí manda raio, chuva forte. Os *Tupã* são os mais bravos que têm. Eles vêm andando aqui na Terra. Eles afastam os espíritos maus daqui da Terra, porque não tem outro que manda neles, a não ser *Nhanderu*. Eles são os mais fortes são *xondaro* (guardiões). Como os soldados, policiais dos brancos que cuidam das cidades deles, ao redor, porque eles foram escolhidos pra isso mesmo. Ninguém manda em *Nhanderu*. Os *xondaros* (*Tupã kuery*) fazem o trabalho que *Nhanderu* mandou.

Xeramõi Aristides da Silva - Karai
(Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC)

Quando *Tupã* manda os *xondaro* dele – são os *xondaro* que sempre vêm, quando dá aqueles ventos –, então, eles estão voando baixinho, olhando o que é que tem aqui na Terra, o que tem de ruim, essas coisas. Então, nesse momento, nós temos que ficar bem quietinhos e não podemos usar coisas que brilham, nada. E nem fumar não pode fumar, porque *Tupã* não quer ver. Na hora que os *Tupã* vêm com chuva, com vento forte, dando trovoadas, não se pode brigar, tem que ficar bem quieto. Então, eles sabem que a gente está respeitando, e deixam mais saúde pra gente e nos fazem ficar mais fortes, nos fortalecem.

Aquele *petygua* (cachimbo) que a gente usa, é quando precisamos de *Karai kuery*. Eles são outros *Nhanderu*. Quando a gente vê alguma coisa ruim que está acontecendo, ou que vai acontecer, pra se salvar tem que usar o *petygua*. *Karai kuery* respeita e cuida. Eles não deixam acontecer.

[...] O primeiro *Nhanderu* que existiu foi *Nhamandu Papa*. O filho dele foi *Papa'i*. Esse filho que agora está nos iluminando, ele já foi da Terra, porque ele veio e teve um filho aqui na Terra já. Tem *Nhamandu Papa*, e tem o *Papa'i* e depois tem *Pa'i*. *Pa'i* é aquele que está nos iluminando. Esse Sol que a gente está vendo é um trem. Por que eles vêm? Não é só uma pessoa que vem. Ele vem cheio de passageiros. É a luz do trem que a gente está vendo como Sol. Eles vão de *Karai retã* (a cidade de *Karai*) até *Tupã retã* (a cidade de *Tupã*), e passa por lá. Tem muitos que dizem que passa por dentro da Terra; não, é só aldeia por lá, mas a gente não vê. Porque aí está passando pelo Japão. O Japão fica bem na baixada, bem do outro lado da Terra. Agora no Japão já está escurecendo. Quando amanhece lá é que o trem está voltando. Então tem *Nhamandu Papa*, *Nhamandu Papa'i* e *Nhamandu Pa'i*. Se diz que ele nem falou com o pai dele ainda, desde que ele foi embora daqui da Terra. Porque, se faltar o Sol, pra nós vai ser muito ruim, muita gente vai morrer. [...] Por isso que dizem que o Sol não pode parar, tem que vir sempre. Chegou a hora, tem que estar.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

Nhanderu Kuaray dá tudo o que usufruímos aqui na Terra, para cada pessoa. Através disso, conversamos tranquilos, crianças, adultos. Isso é que eu agradeço. Tudo isso através de *Nhamandu*, que ilumina a terra do pai dele. Esse é o filho que trabalha para nós. Ele é o *Nhanderu Nhamandu*. *Nhamandu nhemopuã*, ele ilumina e ele mesmo coloca todos nós para conversar. Para sabermos conversar, coloca a sabedoria. *Ayvu rekorã'i*: são palavras. Para continuar as palavras bem, com os parentes, com as criancinhas. Se a gente fala através de *Nhanderu*, nunca fala mal. Na aldeia, tem que falar bem, com alegria. *Nhanderu* deu alegria para nós. *Tory rekorã*: sorriso. Tudo isso veio através dele. Esses sorrisos com crianças, adultos!

Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Guyra'i tapu, Parati/RJ)

Marangatu pra nós é *Kuaray*. Nós chamamos de *Nhamandu*. Ele mora aqui no céu. A capital é aqui no céu. Não é do outro lado do mar, não é do outro lado de *Tupã*. É do céu. Lá tem duas cidades. *Nhamandu* tem uma cidade, que ele divide com *Jakaira*. *Jakaira* é do outro lado da rua. O Sol, *Kuaray*, trabalha todo dia, não para, porque ele tem *Marangatu*, ele tem amor pelas pessoas. Pode fazer qualquer coisa, mas ele vai esclarecer pra poder continuar andando aquele que nada sabe. É como *Nhanderu*, esclarece pra todo mundo. Porque ele tem *Marangatu*, ele que tem *Marangatu*, tem amor pelas pessoas. Ele esclarece, com esse amor que tem, amor por todo mundo. Não só pelos seres humanos, todos os bichinhos, cada formiguinha, de dia esclarece e eles vão trabalhando. Os pássaros se levantam. Ele ama a todos. Estando aqui no mundo, ele ama. Então, ele tem *Marangatu*, e aí que está. [...] Sempre *Marangatu jareko*, nós temos coração *marangatu*.

[...] Isso aí que estava contando. Esse que nós chamamos de *Nhamandu pa'i*. Esse é, tipo, igual Jesus Cristo. Ele que nos ensinava o que íamos fazer, como é o nome do passarinho, da árvore, todas as coisas. Por isso que até agora nós chamamos de *Nhanderekombo'eare*, *Nhanderu Pa'i Kuaray*. Esse que nasceu aqui neste mundo, né, igual que Jesus Cristo. Para todas as árvores, todas as frutas, todos os passarinhos, todas as mariposas, todos os peixinhos, ele que dá o nome pra nós saber; todas as armações, todas as flechas, balaios, tudo isso aí ele que deixou pra nós. Não deixa na escrita, mas nós sabemos através dele.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(*Tekoa Itanhaen*, Biguaçu/SC)

O SEGUNDO MUNDO



Antes de ter a Terra, tudo era água. *Nhanderu* começou a secar parte da água para colocar a terra, para os *tekoaxy* (seres humanos) viverem. *Nhanderu oikuaa rakae va'e rã!* (*Nhanderu* sabia como seria o porvir!). *Nhanderu* deixou o conhecimento aos *tekoaxy*. Antes de criar o *tekoaxy*, o ser humano, era tudo água. Depois, *Nhanderu* limpou, retirou a água pra ter espaço para o *tekoaxy* viver. Então, ele gerou *tekoaxy* no local.

Xeramõi Mario Guimarães – Kuaray Mirim
(*Tekoa Marangatu*, Imaruí/SC)

Esse mundo em que nós estamos pisando hoje já é o segundo mundo. Mil anos tinha o primeiro mundo que foi feito. Veio a água e tampou tudo. Depois, *Nhanderu Tenonde* mandou o filho dele, *Papa'i*. Mas ele não veio sozinho; já vieram também *Xariã* e *Peru rima*. Dizem que *Peru rima* é do céu também, mas é meio louco. Ele e *Xariã* são mais velhos que *Nhanderu*. Então, *Xariã* mandava mais nas coisas, e *Nhanderu* não discutia: “então tá, vamos fazer assim”, dizia. Por isso que essa Terra aqui já está durando muito, porque *Nhanderu* pensou em botar só um papelãozinho para colocar a Terra em cima. Mas, então, o *Xariã* falou: “mas assim não dá. O seu filho tem que viver muitos e muitos anos. Esse papelão vai apodrecer logo. Nós temos que botar as pedras e, por cima, temos que botar arame. Assim, vai durar muito tempo”. Por isso que está passando de 2000 anos e ainda não destruíram esta Terra.

Este pedaço de mundo aqui, *Nhanderu Papa'i* fez. [...] Tudo que é animal, ele foi botando na Terra. *Nhanderu* ia deixar todas as coisas fáceis pra nós. Quando a gente quisesse, estaria ali na hora. Mas *Xariã* falou: “ah, mas tudo fácil demais também não dá. Eles vão ter que procurar bastante, têm que trabalhar, pra depois achar alguma coisa que eles precisem”. Por isso que tudo é difícil pra nós. A gente pensa em fazer, comprar, trazer, achar; não acha, tem que procurar muito pra dar certo. O *Peru Rima* já faz coisas de outro tipo. Ele mente muito, engana. *Xariã* já não; algumas coisas ele faz bem e algumas coisas ele faz mal. Por isso que está tudo ruim.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(*Tekoa Marangatu*, Imaruí/SC)

AVA (HOMEM) E KUNHA (MULHER): O CORPO DO ARCO E O CORPO DO CESTO

Os nossos avôs contavam pra gente que o homem foi feito de uma madeira e a mulher feita de *takuara* (bambu). A gente sempre ouviu essa história. Meus avôs contaram assim, e eu acredito neles. Acredito neles porque vem dos meus antepassados. Quando perguntam pra mim, sempre conto como os meus avôs me contaram. No começo da Terra, antes de fazer a Terra, este mundo era só mar. Quando *Nhanderu* veio de seu *amba*, veio olhar. Ele caminhava no *tataxina* (fumaça) e no *kuaray raxa* (luz do Sol). Quando foi gerar a terra e o mato, com os animais e as frutas, foi que pensou em fazer o homem e a mulher. Quando pensou em fazer eles, foi ao mato e buscou uma madeira, *yvyra*, e fez um arco e flecha. Fez o arco, para ser um homem, e, para fazer a mulher, foi buscar *takuara* (bambu). Fez um balainho, que amarrrou com *guembepy* (cipó), e, desse balainho, fez a mulher. [...] *Nhanderu* soprou o arco, e levantou o homem; soprou o balaio, e levantou a mulher. Os *xeramõi* (avós), quando estão na *Opy* (casa de rezas, de rituais), eles chamam os homens *guyrapa rete i*, “o ser do arco”, corpo do arco. Assim que se usa na *Opy*. *Nhanderu* nos fez assim e, através disso, a gente é chamado. *Ajaka rete i*, *takua rete i*, “o ser do balaio”, corpo do balaio, é como são chamadas as mulheres. Eu sei assim! Na minha opinião, todos nós devíamos saber só uma história. Mas somos todos diferentes, todos não sabem igual. Eu acredito mesmo é nessa história que os meus avôs contaram.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

[...] Diz que quando o dono da Terra (*Papa*) veio neste mundo, fez o mundo, fez a terra, o mato, como continuação de outra Terra, aquela que *Nhanderu Tenonde* fez. Quando fez a segunda Terra, foi o filho de *Nhanderu Tenonde*, *Nhanderu Papa*, quem fez a mulher do *ajaka* (cesto). *Nhanderekorã oanga i rive*, ele já marcou tudo. É verdade que a mulher foi feita do *ajaka* e o homem foi feito do arco. O arco foi feito para o filho de *Nhanderu Papa*. Ele deixou a mulher grávida e, quando a deixou, ela foi atrás dele, com o filho na barriga. Ela chegou onde não devia chegar, na casa de outros animais. Eles a devoraram e tiraram o filho dela de dentro da barriga. A avó destes animais pediu pra guardar o filho pra ela comer, pois a sua carne era mais macia. Foi assim que nasceu *Kuaray*. Quando ia comer ele, fez de tudo para cozinhá-lo. Botou pra assar no fogo, botou no pilão, mas não conseguiu. Colocou para secar ao Sol, e foi assim que se levantou *Kuaray*. Quando ele se levantou, viu as larvas no sangue da mãe dele, que tinha sido devorada. Tinha várias espécies de moscas e larvas no sangue da mãe dele. Quando viu esses insetos, esses vários bichinhos, ele pediu pra fazer o arco para a avó daqueles animais, pra poder matar e assustar os insetos, pra eles irem embora dali. Ele ia matando os insetos e, enquanto os matava, ele ia dando os nomes para esses insetos e borboletas. É verdade mesmo, todos os bichos que a gente conhece foi *Kuaray* quem os nomeou. Foi essa a história que eu ouvi desde criança. Sempre chamaram a mulher “*ajaka rete*”, o corpo que foi feito do balaio, e o homem “*guyrapa rete*”, o corpo que foi feito de arco. O ser do balaio e o ser do arco. [...] Esse conhecimento vem através de *Nhanderu*, que escolhe pra quem contar; o que sabemos, sabemos por ele.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

GUARANI MBYA E JURUA

Então, primeiramente, essa terra nós sabemos que *Nhanderu* que fez pra nós, em primeiro lugar. Ele pensou o que haveria de fazer. Primeiro fez os bichos, os peixes, fruta nativa, mel. Pensou de novo: “o que é que eu vou fazer?”. Para caçar, para comer as frutas do mato, para pescar. Foi então que pensou em nos fazer, e fez os homens e as mulheres, os Guarani. Tudo aquilo, foi para nós que fizeram, no nome dos Guarani é que ficou tudo aquilo. Não é que nós somos os donos da Terra, ou desta terra, mas ela é para ser ocupada por nós, para ser usada por nós; foi para nós que a fizeram. Por isso nós sabemos que essa é a nossa terra, que é para ser usada por nós. O dono mesmo é *Nhanderu*. Este mundo não tem outros donos. Em qualquer país, a população está só usando a terra. A hora que ele quiser terminar, o dono é que vai resolver. Por isso que nós Guarani temos vergonha de dizer que nós somos os donos da terra. Essa terra, nós só usamos.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

Por que nós Guarani estamos por aqui? Como é que nós viemos? Para que nós viemos? Quando *Nhanderu* estava começando a fazer o mundo, ele começou bem no meio do mundo, onde hoje é Paraguai. *Yvy mbyte* quer dizer o meio do mundo (o centro do mundo). Lá tinha uma nascente muito grande; lá é bem o meio do mundo, bem o centro mesmo. Como *Nhanderu é Nhanderu*, diz que nós tínhamos uma avozinha, que *Nhanderu* mesmo fez. Então, diz que *Nhanderu*, de uma pessoa só, dessa avozinha, fez duas pessoas: uns somos nós e os outros são vocês, os *jurua* (não indígenas ou brancos). Lá em Paraguai, em *Yvy Mbyte*, também: não era Paraguai, nem sabemos como era o nome. Só vivíamos por aí, mas naquele tempo não tinha países e os outros brancos não tinham vindo ainda. Então, diz que *Nhanderu* deixou os Guarani no mato e aqueles que deviam ser *jurua* foram deixados no limpo, no campo. Só que, na verdade, diz que em um primeiro momento *Nhanderu* não deixou aos *jurua* comida. Eles tinham que procurar a sua comida, que criar a sua comida. E, aos Guarani, que somos nós hoje, nos deixou pobres. *Nhanderu* não nos deu poder para fazer de tudo: ferro, roupas, etc.; não nos ensinou. Ele ensinou os *jurua* a fazer algumas coisas e, assim, trabalham até hoje, cada vez mais sabendo o que têm que fazer.

Nhanderu disse assim aos Guarani: “agora, eu vou acabar este mundo, vou deixar tudo pronto e depois vou embora, vou pro céu. Mas um dia vocês me seguem, para alcançar a minha terra”. Por isso que nos deixou no mato, para ser pobres; não precisamos ter nada, não precisamos aprender a fazer nada. O único que nos deixou foi o algodão. Então, devagar os antigos foram aprendendo a fazer o tecido, grosso, pra fazer tanga. Faziam também uma esteira para botar nas costas. Essa era a roupa inteirinha. Até os meus sete anos, eu ainda via esse tipo de roupa.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

Quando *Nhanderu* fez a Terra, quando estava gerando os Guarani, tinha outro *Nhanderu*, chamado *Xariã*. *Xariã* foi o criador dos não indígenas. Quando *Nhanderu* gerou os Guarani, *Xariã* estava lá querendo imitar o que *Nhanderu* estava fazendo. *Xariã* queria fazer o mesmo que *Nhanderu*, queria gerar as coisas que ele estava gerando. Como viu *Nhanderu* trazendo a madeira para fazer o arco, do qual faria o homem, ele foi buscar também no mato, mas ele não achou essa madeira, e trouxe outra madeira, comum. Como não achou, trouxe *yvyrapaju*, aquela madeira comum que é amarela por dentro. Só trouxe aquela para fazer os homens. Ele não achou *guembepy* (cipó) e também não encontrou a semente para tingir o balaio. Ele fez tudo igual a *Nhanderu*, mas o material não era o mesmo. Apenas balaio branquinho ele fez. Quando ele soprou o arco que fez com *yvyrapaju*, gerou um homem que não era índio, que era igual, mas meio branquinho. O balaio que ele fez, que não tinha misturado com outra cor, ele soprou e saiu outra mulher, que não era índia. Assim que os meus avôs contaram pra mim. É assim que eu sei, mas tem vários outros *Karai* (pessoas de conhecimento), que fumam *petygua* (cachimbo), que falam diferente. Algumas pessoas diziam que foram feitos de barro, e que a mulher foi feita da costela do homem. Mas eu conto aos jovens do jeito que eu sei.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

Esse mundo, *Nhanderu* Tenonde fez pra nós, lá em *Yvy Mbyte*, o centro do mundo. Lá que dividiu pra nós. Só campo deixou ao Paraguai. Então, a nação Paraguaia pegou só campo. E nós Guarani pegamos só mato. Deixou só mato para nós. Mas desde o começo fazíamos plantações. Os Guarani se entendiam com os Paraguaio. Levavam e trocavam aipim, batata doce; trocavam por facão, por foice, machado, e aí já Guarani usava essas coisas. Naquela época, esses Paraguaio já eram *jurua*. Os *Nhanderu* que deixaram. Por isso que eles são nativos daqui. O único branco que é nativo é o Paraguai só. Igual que nós, também. Nesta terra, nós Guarani dividimos com os Paraguaio brancos, que ficam com os campos e nós com o mato. É assim que nós sabemos. Os brancos agora estão dizendo: “ah, você veio do Paraguai”. Mas, antigamente, chamavam Paraguai a ilha toda, porque é uma terra única que deixaram os *Nhanderu*. Eles não vieram de outro lugar, não é outro país, nada. Eles são nativos daqui também. Os únicos brancos nativos: a nação Paraguaia. E também nós Guarani.

O branco sabe onde é a terra dele. Lá pra Alemanha, Portugal, Espanha. Onde será que fizeram Roma? Foi nessas terras que Adão e Eva existiram. Essa história aí pra nós já é outra, é do branco; é para o branco mesmo que *Nhanderu* fez assim. Aquela terra fez para eles mesmos. Os brancos não vão saber, porque aqui, nesta Terra, antigamente, antes de chegar os brancos, neste mundo mesmo, *Nhanderu* fez essa separação. Assim que é a nossa sabedoria. Mas é certo mesmo isso. Pedro Álvares Cabral não vai conhecer mesmo, porque ele só chegou depois de muitos anos. Como é que ele vai saber? Não vai saber mesmo. Sobre nós, sobre esta Terra, ninguém vai saber, nunca. Sobre o Japão, Alemanha, eles vão saber, porque a terra é deles mesmo.

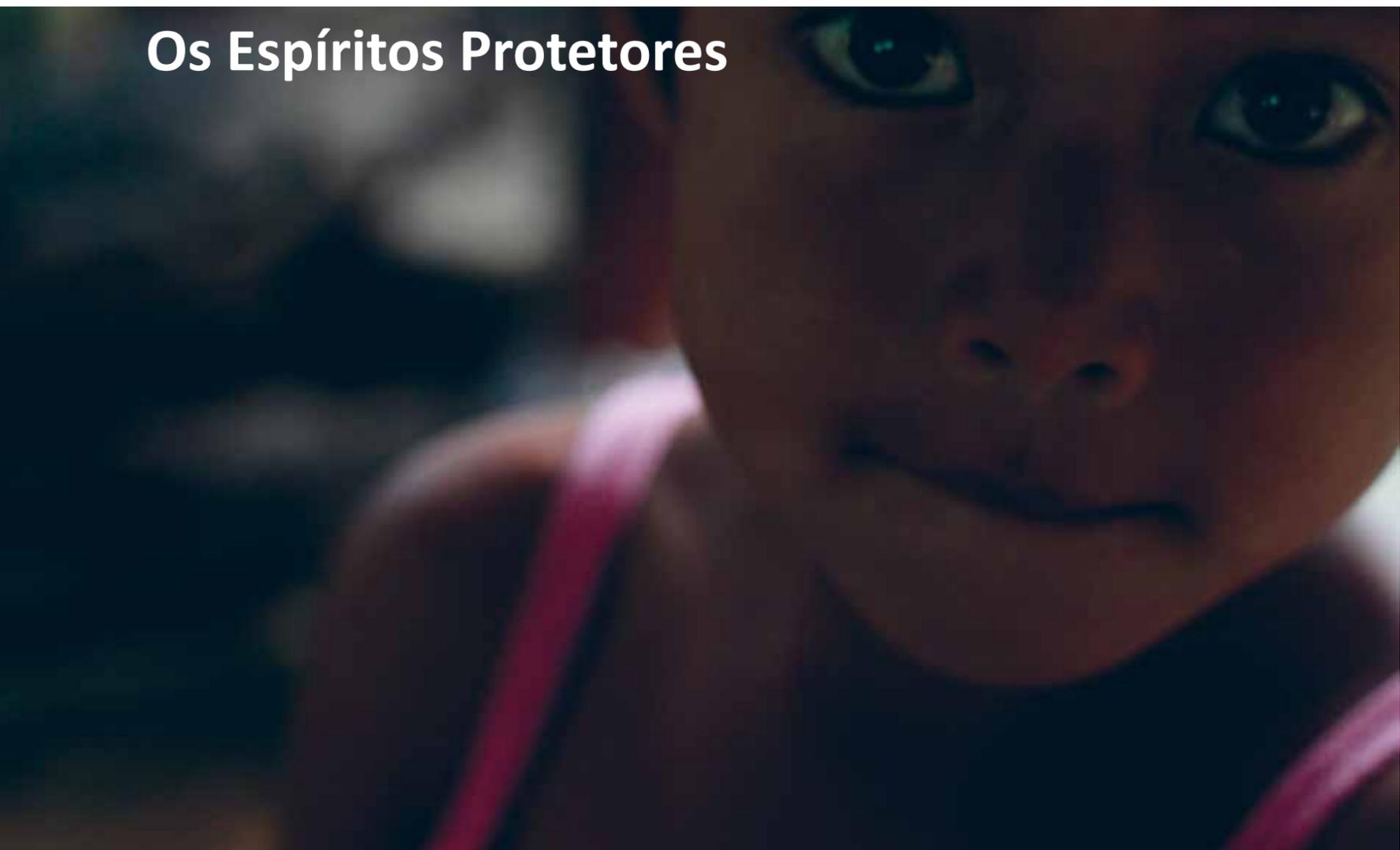
Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

Eu vou contar aquilo que os *xeramõi* (avôs, mais velhos, conhecedores) já contaram também. Se eu falar por mim mesmo será da mesma forma que os *xeramõi* falaram, porque eu soube deles. Nós falamos realmente que nós viemos do Paraguai, mas onde *Nhanderu* gerou mesmo o índio Guarani? Quando *Nhanderu* o colocou, ele não denominou aquele local, onde ele gerou o Guarani, não chamou de nada. [...] Por isso, não podemos falar que viemos do Paraguai ou coisa parecida, não tem nome o local onde nos originamos. Nós sabemos que eles, os *xeramõi* mais antigos, sempre falam que nós viemos do *Yvy Mbyte*, que é o centro do mundo, é isso que eles explicam. Ele nos colocou justamente no centro do mundo para ficarmos afastados da beira do mar, como um desafio, para ficarmos longe e termos que caminhar para chegar à beira-mar. É isso que tentamos explicar para os *jurua* (não indígenas, brancos) e para os órgãos governamentais, quando nos reunimos com eles. E nós contamos aquilo que sabemos pelos *nhaneramõi*, que são os mais velhos, os que têm sabedoria. [...] Os *jurua*, na visão deles, nos misturaram muito com outros povos, mas, ao mesmo tempo, eles nos dividiram. Com a divisão do território eles nos dividiram, daí eles falam que viemos de outro país. Por isso, há hoje uma grande confusão, separaram todos nós, mas havia vários grandes *xeramõi* que realmente faziam caminhadas sagradas e vieram parar para o lado de cá. Nós já viemos com essa função de caminhar para tentarmos alcançar Terra sem Males, além da beira-mar.

Adriano Morinico – Karai Jekupe
(Tekoa Yvya Yvate, São Francisco do Sul/SC)

NHE'Ë KUERY

Os Espíritos Protetores



Pra falar dos *nhe'ë* é muito difícil; não é qualquer um que fala, e não é qualquer um que entende, que compreende. E até mesmo para os *xeramõi* é difícil. Nós os chamamos *mombyry va'e kuery*, “aqueles que vieram de longe”.

*Xeramõi Mario Guimarães – Kuaray Mirim
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)*

Nhanderu nos mandou aqui na Terra. Lá no céu eles também têm os filhos, as filhas – são os nossos *nhe'ë*, somos nós. Depois que fazemos 30 ou 40 anos lá, é que ele nos manda aqui na Terra. É só porque a pessoa nasce aqui na Terra que vira bebê de novo. Quando *Nhanderu* nos manda ele diz: “agora, minha filha, você vai descer lá na Terra. Lá na Terra, você tem também o teu pai e a tua mãe. Então, agora, você vai trabalhar bem com eles, de novo, que nem aqui”.

Quando começa o verão, dizem que todos os nossos *nhe'ë* vão de novo pro céu. Eles fazem festa lá: dançam, cantam no *Nhanderu amba*, no lugar de *Nhanderu*. [...] Quando começa o verão, eles todos vão. Só o nosso esqueleto [o nosso corpo] que fica por aqui. Agora, durante o inverno, *Nhanderu* fecha a porta, pra ninguém entrar, pra ninguém sair. Então, os nossos *nhe'ë* estão todos na gente de novo, porque *Nhanderu* já não olha muito mais pra cá. No inverno, não olha muito aqui na Terra. Então, é o nosso *nhe'ë* que cuida da gente. [...]

*Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Guyra'i tapu, Parati/RJ)*

Nhanderu fala: “filho, você pode ir agora à Terra”. Então, você pode ter um filho. *Nhanderu* fala: “você pode ir”, e você vem. “Tem que ouvir a palavra de sua mãe”. Antes de vir aqui na Terra, *Nhanderu* já falou isso. *Nhanderu* passa o conselho ao *onhemboery va’e* [aquele que descobre o nome], que fala depois com a mãe, com o pai da criança. Quando a mãe está grávida, ela já senta para ouvir o conselho do *onhemboery va’e*. E continua assim até a criança nascer. Se você é *onhemboery va’e*, você pode dar conselho para todos. Não precisa ser a sua filha para sentar e conversar. Se os pais da criança quiserem saber e buscar a verdade, só precisa ter respeito. Antigamente, os pais sentavam com o *onhemboery va’e* desde o começo da gravidez. O *onhemboery* ia sabendo se aquela criança veio para o pai ou para a mãe, quem essa criança vai fortalecer, encorajar (*mbaraete, py’a guaxu*). O *onhemboery* ia conversando com o *nhe’ẽ*.

É *Nhanderu* que, antes de vir à Terra, já define o que cada *nhe’ẽ* vai fazer aqui, e isso depende de qual região ele está vindo. Então, o *onhemboery va’e* [aquele que descobre o nome] faz o *Nhemongarai* e coloca os nomes nas crianças. Ele faz isso porque *Nhanderu* mesmo definiu que esse seria o seu trabalho. Mas é difícil, para nós, saber o nome verdadeiro da criança, é um trabalho bem pesado. Cada *xeramõi* tem o próprio trabalho. É *Nhanderu* que dá. Se você trabalha só para colocar o nome em guarani, então você é *onhemboery va’e*. Você pode trabalhar com as crianças, ou com os adultos. Se *Nhanderu* deixou você sozinho pra colocar os nomes, você tem que ter *mbaraete* (força). Não é só uma criança que está no meio de nós, são muitas aqui na Terra; por isso tem que ter força. Tem que perguntar ao pai dela [ao pai lá no alto, nas moradas dos *Nhanderu*], de qual lugar está vindo. [...] Antigamente, o *onhemboery va’e* perguntava àquele [*nhe’ẽ*] que está em cima dele, *ojapyxaka* (aquele que sabe escutar), qual é o nome da criança, e esse vai falar com outro, até chegar em *Nhanderu Ete* que vai contar para que veio essa criança, qual é o nome e o trabalho dela aqui na Terra. Então, aquele que fica em cima do *onhemboery* ilumina (*omoexãka*), conta para o *onhemboery*, e este fala aos pais da criança. Hoje, é cada vez mais difícil saber de onde viemos, de qual *tetã* (cidade) dos *Nhanderu* veio o nosso *nhe’ẽ*: se foi do norte, do sul, do leste ou do oeste – de *Karai, de Tupã, de Jakaira ou de Nhamandu*. Se alguém tiver uma filha ou um filho enviado de *Karai retã*, então é *Karai Ete* quem vai enviar a criança. Só que vai enviar ela sozinha. Aí, quando nasce, ela vai querer outra criança para acompanhá-la, para ser amigo, porque ela não está muito feliz sozinha (*ndaipy’aguaxu porã*). Às vezes, tem o nome de *Kerexu* se for menina e, quando for menino, *Karai*. Mesmo enviando de *Karai retã*, não é só um *Nhanderu* que envia seus filhos, têm vários. Assim, cada *nhe’ẽ* tem um sobrenome diferente. Se o seu *nhe’ẽ* for de *Nhamandu*, o seu nome vai ser *Kuaray Papa*, esse é o nome verdadeiro. Se a criança for de *Kuaray*, ela é mais sensível (fraquinha).

Só os mais antigos que sabiam mesmo falar sobre os nomes. Se você tiver o nome, mas não falaram o sobrenome, você vai viver, mas não tão bem. Vai ficar sempre doente, triste. *Onhemboery va’e* pode dar o nome, mas se o seu *nhe’ẽ* não contou o sobrenome, ele não vai saber. Você vai vivendo assim, triste. Então, *Nhanderu* vai iluminar pra você o seu sobrenome, ou vai mandar um filho como uma forma de fortalecer você. Mas só que você tem que tentar se consultar com *onhemboery va’e*, perguntar a ele: “o que posso fazer para ficar bem?”. Às vezes, você pode não estar bem, porque não lhe deram o seu nome verdadeiro. Aí, se ele souber, ele vai contar o seu nome verdadeiro. Ele vai contar, e você vai viver feliz, forte. Hoje nós, os mais vividos, não temos muito disso, de ficar triste, de sentir tristeza.

Às vezes, a criança não quer ouvir o nome (o *nhe’ẽ* não conta). Por quê? Isso é porque ele (*nhe’e porã*) não quer viver em *Yvy Vai*, nesta Terra má, porque lá no céu (*Yvate*) ele não vê nada de ruim, vive feliz. Então, ele vive um pouco aqui, e aí ele volta. Todos nós não estamos aqui porque queremos, ninguém quer vir lá de cima. Estamos aqui porque *Nhanderu* mandou. Se ele mandar, tem que vir, não há outra opção. Tem que vir para viver na Terra. Então, sempre a

criança pode não ficar bem; para a menina e para o menino é a mesma coisa. A gente tem muita coisa (boa, perfeita) (*mba’e porã*) lá no céu que a gente não tem aqui na Terra. Quando você não está bem e senta com *onhemboery va’e*, ele vai contar para você que você não tem aquilo que era seu lá (*mba’e porã*), e que você precisa daquilo. Então, você tem que pedir para *Nhanderu* as suas coisas, para você se alegrar, para você ficar bem. Tem que lembrar daquilo que você deixou lá em cima: o seu relógio, a sua roupa... Porque temos várias coisas que deixamos lá em cima. Você procura na cidade coisas boas que você quer, mas você não acha. Aí, você compra, mas você fica com elas só algum tempo, e aí você joga fora de novo, porque isso não é seu. Nós vivemos assim, por isso as crianças não ficam felizes aqui na Terra. Se você quer que ela viva feliz com você, se você quer ver ela crescer, tem que perguntar pra *Nhanderu* o que é que ela não trouxe lá de cima, se é isso mesmo que falta pra ela, porque se ela não trouxe, ela chora.

Antes, o *nhe’ẽ* andava com nós na Terra, ficava no meio de nós, mas agora ele já não está mais aqui, ele só fica olhando, lá de cima. Porque antes o *nhe’ẽ* que mandava em nós. O *nhe’ẽ* de cada um cuida do próprio corpo. O *nhe’ẽ porã* nunca pisa na Terra. Ele não chega a se misturar com o nosso corpo, não encosta. Vocês sabem quantos *nhe’ẽ* a gente tem? Quantos *nhe’ẽ* temos, nós *Mbya ete* (*Mbya* verdadeiro)? Eu não sei quantos *nhe’ẽ* nós temos. Nem eu sei certo. *Nhanderu* mandou o *nhe’ẽ* puro (*porã*), sem nem um pouquinho de sujeira. Mas quando a gente está na Terra, o nosso corpo faz muita coisa errada, e o nosso *nhe’ẽ* vai se afastando aos poucos.

É isso que agora estamos vivendo aqui na Terra, porque, muitas vezes, o espírito mal (*yvy rupi gua*) é que está levantando o nosso corpo. Aí o *Karai* tem que achar o nome verdadeiro (*ery ete*) e, desse jeito, o espírito mal não chega mais na pessoa. É porque não tem nome verdadeiro que o espírito mal perturba a pessoa. Depois de ter o nome verdadeiro, você já vai ter vontade de ir passear, caçar no mato, visitar os parentes. Mas, de tarde, você pode voltar se sentindo mal, o *yvy rupi gua* (outros espíritos que caminham pela Terra) não querem te ver por ali (não gostam do seu nome, do seu *nhe’ẽ*). Então, você vai de novo com o *Karai*, e ele troca o seu nome. Desse jeito o *yvy rupi gua* fala: “ah, quem está vindo não é a mesma pessoa”. E você vai vivendo bem, fica alegre!

Às vezes, ao crescer, a pessoa não sabe se cuidar, não se lembra das coisas que o pai verdadeiro falou para ela, dos conselhos que ouviu antes de vir à Terra. Então, *Nhanderu* viu que ela não agiu de acordo, e diz: “agora basta!”, e ela falece. Não soube ser obediente, cumprir a palavra de *Nhanderu*. Cada coisa de errado que a gente faz, é tudo para *Nhanderu*. Se a gente tiver um filho, tem que falar, tem que aconselhar do mesmo modo que *Nhanderu* nos aconselha (*nhanhemongueta*) quando nos envia à Terra: pra viver bem, não ser uma pessoa má, não fazer mal aos outros e, assim, não trazer doenças pra nós. Os conselhos que a gente dá é como aprendemos. Não é só porque amamos muito o nosso filho, é porque *Nhanderu* nos ensinou a fazer do mesmo modo que eles falam ao nosso *nhe’ẽ*. Quando estamos na Terra, somos nós que temos que aconselhar. Sei que muitas vezes os filhos não levam a sério os conselhos, aí, quando eles desobedecem aos pais aqui na Terra, o pai verdadeiro [*Nhanderu Ete*] fica desanimado com os filhos, fica triste. Assim, a gente acaba envergonhando ele com nossas desobediências.

Xeramõi Aristides da Silva - Karai
(*Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC*)

NHEMONGARAI

A revelação dos verdadeiros nomes



Os *nhe'ẽ* das crianças são lindos. Quem dá força a nós todos, são os *nhe'ẽ* das crianças que vão crescer ainda. Eles crescem e a gente fica contente, alegre vendo isso, vendo os nossos filhos, porque a gente quer muito bem os nossos filhos. Que nem *Nhanderu*, que também nos quer bem aqui na Terra, e nós não esquecemos o pai e a mãe e, assim, ficamos fortes.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

Quando a mãe vai ficar grávida, ele recebe um aviso: no sonho, os nossos *xeramõi* e as nossas *xejaryi* já sabem. *Nhanderu* fala pra eles que a criança está vindo para a Terra. E, assim, já sabem! A criança já traz o nome e, quando o bebê estiver grande, a mãe leva para a *Opy* para ouvir o nome. Assim, sabemos de onde vem o nome que vem de *Nhanderu*.

Xejaryi Tereza - Djatxuka
(Tekoa Mboapy Pindo, Aracruz/ES)

Assim que *Nhanderu Tupã* teve o filho aqui na Terra, ele já criou *avaxi etei* (milho verdadeiro). *Nhanderu Tupã* é o dono do milho, por isso que, se você não batizar as sementes antes de plantar, como faz o *juruá*, o *avaxi etei* pode desaparecer; pode crescer, mas sem as espigas. [...] O *avaxi* é para o *nhe'ẽ* ficar na Terra. Foi pra isso que *Nhanderu* criou o *avaxi*. Hoje em dia, mesmo quando fazemos alguma coisa errada, o *nhe'ẽ* não nos deixa. Eles ficam porque ainda existe o *avaxi*, *nhe'ẽ* fica através do *avaxi*. Por isso que, hoje em dia, mesmo que seja pouquinho, você tem que plantar o milho. Mesmo um pouquinho, tem que plantar. Eu conto a história do jeito que ouvi contar. Assim é com o *Nhemongarai*, eu faço do jeito que eu vi fazer e é por isso que faço duas vezes por ano. Assim que eu vi a minha avó fazer, eu continuo fazendo a mesma coisa que ela. Quem acredita em *Nhanderu*, alguns que acreditam, podem chegar a ter 90 anos. Assim que eu cheguei, porque eu pedi pra *Nhanderu* pra alcançar 100 *maety* (plantios, anos).

Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Guyra'í tapu, Parati/RJ)

Pra dar nome para as meninas, precisamos do milho. Para dar o nome aos meninos, precisamos do mel, ou então do *ka'a* (erva-mate). O *guembe* (espécie de fruto nativo) também serve para o nome dos meninos. O *nhe'ẽ* das crianças fica na frente dos *Karai* para contar o próprio nome.

Uma vez, me contaram, estava chovendo. Caiu um raio que queimou o mato. No outro dia, foram olhar e estava tudo queimadinho, bonito. Então, o *Karai* falou: “vamos deixar pra ver o que vai acontecer. Se não sair nada, nós vamos plantar”. Esperaram umas duas semanas, aí foram ver e tinha nascido *avaxi etei* (milho verdadeiro). Aquele foi *Nhanderu* que deixou para os Guarani. Por isso que nós temos hoje. Existem várias espécies de milho, e cada um tem um nome. Tem *avaxi xĩ ete*, *avaxi para*, *avaxi vaka*, *avaxi takua*, *avaxi ponhi*... É só *Tupã* mesmo que, até hoje, dá o *avaxi*. É ele que sempre cuida. *Nhanderu Tupã* rega, molha a terra pra não ficar muito seca. Mas nós também temos que saber cuidar. Por isso, nós temos que batizar primeiro para poder plantar. Temos que fazer sempre o *Nhemongarai*. Assim que o meu irmão faz lá. Por isso, os milhos lá são bonitos.

Tendo esse milho, antes de colher, ele reforça a saúde das crianças e também dos adultos. Os nossos *nhe'ẽ* ficam mais fortalecidos. Para isso, *Tupã* mandou o *avaxi* (milho) pra nós. Quando colhemos esse milho (em dezembro), as crianças que nasceram, mas ainda não têm nome na Terra, são batizadas através desse milho. Cada um põe um pouco

de sementes, em um poronguinho, para cada criança; o *Karai* batiza isso e, depois, batiza todas as crianças. A gente já vem com o nome de lá dos *amba* dos *Nhanderu*, mas, aqui na Terra, ninguém sabe ainda. Batiza o milho que está na mão da criança e de todo mundo. Então, eles mesmos, os *nhe'ẽ*, se apresentam. Eles contam: “eu vim de tal lugar, de tal parte, e meu nome é assim”. E o *Karai* conta o nome no outro dia de manhã.

Nhanderu diz: “meu filho, você vai à Terra agora. O teu pai está lá, a tua mãe está lá. Então, você vai dar força, ânimo e saúde pra eles. É você que vai cuidar deles”. Então, ele nasceu pra cuidar do pai e da mãe. Mas se o casal começa a brigar muito, a criança não gosta, e ela mesma pode também ir ficando brava, sempre brava. Aí, a gente não entende nada; mas isso é por causa da mãe ou do pai. Se a gente cuida bem dos nossos filhos desde pequenininhos, eles não vão ficar bravos, vão estar sempre calmos, e eles também vão cuidar da gente, porque o *nhe'ẽ* deles ajuda o pai e a mãe.

Às vezes, tem criança que nasce e, dependendo da mãe e do pai aqui da Terra, de sua atitude, ela quer voltar logo, não quer ficar mais na Terra, e pede pra *Nhanderu* levar ela de volta. Mas tem o *Karai* que pode falar com o pai dela lá de cima, pra poder deixar ela de novo aqui. O *Nhemongarai* também faz isso. Tem algumas pessoas que casam e logo a mulher fica grávida. Mas então um dos dois, o pai ou a mãe, acha outra pessoa de quem gosta mais. Mas a criança não quer mais ficar na Terra, porque não acha bom. A gravidez é um momento complicado e, por isso, às vezes a criança não quer ficar, e ela morre. Mas em ocasiões, é possível pedir pra outro *Nhanderu* trocar o nome. Então, troca o nome.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

Eu fazia o *Nhemongarai* da semente do *avaxi* (milho). O *Nhemongarai* do *ka'a* (erva-mate) se fazia quando chegavam as visitas. É assim que eu sabia: esse *Nhemongarai* se fazia como agradecimento pela visita que estávamos recebendo. Quando chegavam as visitas, *omoãtãxi* (espalhava a fumaça) do tabaco por cima do *ka'a* para saber se aquelas pessoas estavam bem ou não. Sabíamos através de *tataxina* (fumaça) do *Nhemongarai*. Eu queria fazer assim também, mas já não fazemos. O outro *Nhemongarai* que fazíamos era para saber os nomes; fazíamos com o *ka'a* e com a semente do milho. Eu nunca fiz o *Nhemongarai* da água, mas sei que tem uma árvore que se chama *yyari*. As pessoas se molhavam com essa casca, antes de sentar no banco para serem curados, ou antes de se levantar pra dançar, dentro da *Opy*. Eles faziam isso, mas não era como *Nhemongarai*. Era só uma preparação para o benzimento (*moãtãxi*).

As pessoas chamam o *amba* (lugar, morada) que fica dentro da *Opy* de maneiras diferentes: nós o chamamos *tataxina amba*, mas tem outros que o chamam *nhe'ẽ amba*, só que pra nós o *nhe'ẽ amba* é o nosso corpo. Pra mim, o *nhe'ẽ amba* é o meu corpo (a morada do meu *nhe'ẽ*).

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

Tery gui gua ma, o nome, só vem no *Ara Pyau* (tempo novo), no final de janeiro. É em *Ara Pyau* que se dá o nome. As plantas começam a brotar. Hoje em dia, para plantar alguma coisa já é mais difícil. Antes, sabiam quando tinham que plantar e quando tinham que colher. Mas, como a gente está quase no fim, os dias são mais curtos, passam mais rápido, e fica difícil saber quando mesmo é o dia de cada coisa, de plantar, de colher. Os dias estão se fechando. O mundo está perto de acabar, está quase chegando no final.

A gente vai seguir o mesmo caminho de antigamente pra dar o nome pra criança? Qual caminho temos que pegar? Tem que ser do mesmo jeito que antigamente? O que precisamos, o que o pai e a mãe têm que levar? Se houver alguém que pode mostrar o nome em uma aldeia, então, temos que levar todas as crianças que não têm nome, sentarmos na *Opy*, para ouvirmos o nome de nosso filho, e chamá-lo pelo seu nome verdadeiro. Quando é assim, se abre o caminho e se vê quanto tempo vai levar para receber o nome. Aí, o *Karai* (líder espiritual) vai falar: “agora está quase chegando o dia para fazer o *Nhemongarai*”. Para dar o nome precisa ter *mbojapei* (pão de milho). Quando o *avaxi* (milho guarani) começa a florescer, então, já é para dar o nome. Aí, as mães têm que preparar *mbytai* (bolo de milho), *mbojapei*, para as filhas delas, em nome de cada pessoa. Tem que fazer para colocar na *Opy*, tem que colocar na mão da criança para ela mesma colocar no *nhimbei* (suporte para colocar os *mbojapei*). No caso dos meninos, tem que pegar o *ka'a* (erva-mate) e amarrar as folhas. Depois, o *Karai* vai *omoãtãxi* (fumar, espalhar a fumaça) sobre as folhas para saber o nome da criança. O próprio menino que tem que amarrar o *ka'a* (erva-mate). Mas se o menino não souber, pode ser o próprio pai. Não pode só amarrar, tem que falar que é para saber o nome do filho. Aí, o *onhemboery va'e* (aquele que descobre o nome) vai ouvir o nome e vai contar.

Antigamente, antes das crianças nascerem, eles já olhavam, plantavam com o propósito de dar o nome para a criança. Hoje, os mais velhos estão falecendo e, agora, quem vai continuar levando pra frente são os jovens, as crianças, para ter conhecimento. *Nhanderu* sabe como tem que andar certo, mas só que ele não está falando como temos que levar nosso caminho pra frente. Ele sabe como é o conhecimento do *xeramõi*, ele sabe que a gente tem que guardar.

Xeramõi Aristides da Silva – Karai
(Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC)

Poty (flor) é nome mesmo, isso já sempre existiu. Há *Karai Poty*... Eu vou tentar explicar, mesmo que vocês não compreendam, porque vocês são jovens ainda. Por que exatamente há pessoas que têm o nome *Poty*, no caso homens e mulheres? Normalmente, para as mulheres é *Para Mirim Poty*, *Jera Poty*. Dos homens, o que existe mais é *Karai Poty*. É pelo simples fato de que, quando estávamos no nosso clã mesmo, lá na casa do nosso pai, na nossa morada eterna, cuidávamos do jardim ou vivíamos num local onde havia bastante flor. Então, é só por isso que quando ele [o *nhe'ẽ*] vem aqui, ele tem nome de *Poty*. Essa pessoa provavelmente cuidava e regava uma flor quando estava vivendo na casa do pai dela. Então, são essas pessoas que têm *Poty'i* em seu nome. *Karai Poty* é nome de homem; *Jera Poty*, nome feminino. Com certeza, quando veio para cá, antes ele estava no meio de jardins de flores. *Jera Endy*, esse é também um nome interessante que eu vou explicar agora. Ela vivia no *amba* de onde ela vem, que é o dos deuses trovões. Quando se abre a porta do fogo nesse lugar, nós ouvimos trovões. Tem pessoas que cuidavam desse fogo, e são essas pessoas que, quando vêm aqui, têm nome de *Endy*. Há também as que têm nome de *Jaxuka Endy*. Agora, *Mirim* é aquela pessoa que, quando estava na casa do seu pai verdadeiro, era mais sensível, mais calmo, mais tranquilo. Provavelmente, é aquela pessoa, que quando estava na casa de seu pai, era mais sensível com seu pai, mais respeitosa. Essas pessoas que têm nome de *Mirim*. Acredito também que sejam menos corajosas, arriscam menos.

Xeramõi Marcolino da Silva – Karai Tataendy Marangatu
(Tekoa Araçai, Piraquara/PR)

NHANDERU MIRIM KUERY OGUATA PORÃ

Os *Nhanderu Mirim* belamente caminharam



É, meu irmão, minha irmã! Nós temos que lembrar deles. As futuras gerações, as mulheres, as crianças, os homens, tinham que lembrar deles. Nós sabemos disso, mas não fazemos sempre o que ele falou!

*Xejaryi Maria Guimarães – Para Rete
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)*

Há muitos anos atrás, existiu um Guarani, a quem hoje conhecemos como Xapa. Ele era *tekoaxy* como nós, um mero ser humano. Ele se casou e teve dois filhinhos, que eram dois meninos. Um dia, os dois faleceram. Ele chorou muito, tanto que até ia morrer também, mas, então, ele se lembrou de *Nhanderu* e pediu a força, o ânimo, a saúde. Pediu pra levar ele pro céu, porque morreram os dois filhos dele. *Nhanderu* ficou sentindo por ele e, então, falou: “tudo bem, mas você tem que fazer aquilo que eu pedir. Aí eu vou te ajudar”. De lá onde estava, ele só escutou; ele não viu, não enxergou. Foi então que *Nhanderu* falou para ele que, se ele quisesse mesmo ter força para continuar, ele tinha que se separar da mulher. Ele era casado, mas começaram a dormir separados, não namoraram mais. Nunca mais mexeu com a mulher e nem a mulher mexeu com ele.

Quem estava determinando isso era *Nhanderu*, porque ele já estava prestes a atravessar o mar. *Nhanderu* falou pra ele: “você já pode se preparar, a sua hora chegou. Os *tembiguai* (os auxiliares de *Nhanderu*) já vão chegar pra te levar”. Ele foi e deixou os dois filhos na Terra; não levou nenhum. Quando eles morreram, *Nhanderu* falou pra ele não ficar triste, pra deixar um pouco *tekoaxy* (a condição de ser humano, de viver na Terra). Então, ele foi e chegou à beira do mar. Começou a cantar e vieram os *tembiguai* (ajudantes de *Nhanderu*), em um barco, para atravessar o mar. Nós, *tekoaxy*, não sabemos por onde ele atravessou, em qual praia exatamente eles vieram buscá-lo. Não sabemos o local exato onde ele se encontrou com os *tembiguai*, os *nhe’ẽ xondaro* (espíritos guardiões) de *Nhanderu kuery*. Eles se aproximaram e disseram: “você pediu, e agora nós estamos aqui. Pode pôr o pé neste barco”. Xapa falou assim: “eu não posso, porque eu sou *tekoaxy*. Podem abrir um caminho pra mim, no meio do mar, para eu passar? Assim será melhor pra mim”. Assim que aconteceu.

Ele estava passando o mar e, quando chegou do outro lado, alguém trouxe para ele um pedaço de cipó imbé. *Nhanderu* ia testar aquele que seria o primeiro *Nhanderu Mirim* nesta Terra, Xapa, pra ver se ele estava sabendo mesmo; fez mais um teste. Xapa entendeu e pegou o cipó imbé sabendo que não foi entregue à toa pra ele; ele teria que usá-lo para algo. Sabia que devia se preparar para o que vinha pela frente. Então, quando ia botar o pé em *Yvy Marã e’y* (Terra que nunca vai terminar), vieram em sua direção dois leões marinhos gigantes. Vinha cada um de um lado, querendo atacar ele. Então, ele falou pra *Nhanderu*: “eh *xerui*, meu pai, eu sei que isto é uma prova, uma *teko a’ã*. Eu não tenho medo”. Ele disse que acreditava mesmo em *Nhanderu*, por isso, não tinha medo. Como ele já sabia, ele pegou aquele cipó imbé e laçou os dois leões marinhos pelo pescoço e foi levando. Ele terminou de fazer a travessia, depois soltou os dois leões marinhos e mandou eles voltarem ao mar, que é a casa deles. *Nhanderu* Xapa foi o primeiro *Nhanderu Mirim*.

Depois de um ano, ele voltou de novo nesta Terra, pessoalmente. Ele foi ao cemitério, onde tinha enterrado os dois filhos dele. Fez eles se levantarem de novo e os levou; foi embora e, até agora, não veio mais. Quando os outros viram, ele já estava lá em cima. Então, eles disseram que também queriam ir para o céu. Fizeram uma *Opy* bem grande para todo mundo se unir. Um dia, *Nhanderu* disse ao chefe deles: “agora que vocês são bastantes, agora vocês seguem à beira do mar”. E mostrou a estrada para eles. Eles viram e se encaminharam até lá, até aquele lugar que se chama hoje Porto Seguro. *Nhanderu* os ajudou a fazer uma passarela e, por isso, eles não tiveram tanta dificuldade pra chegar. Alguns passaram, mas outros ficaram e morreram, porque não obedeciam realmente o *Karai* (aquele que tinha o conhecimento), então, *Nhanderu* não perdoou. Aqueles que chegaram foi porque eram protegidos por *Nhanderu*, e nenhum bicho incomodava eles.

Nhanderu Xapaj, Nhanderu Mirim Tenonde. Xapa foi o primeiro que foi com *Nhanderu*, o primeiro *Nhanderu Mirim*. Os que vieram depois, buscando, eles iam pelo mesmo caminho que Xapa, e foram construindo as *Tava* (casas de pedra, também conhecidas como Missões Jesuíticas). Aqueles que vinham atrás iam fazendo o mesmo que *Nhanderu Xapa*. Bastante gente veio depois pelo mesmo caminho que Xapa, e eles iam fazendo as *Tava*, de acordo com o que o próprio *Nhanderu* dizia. Eles as fizeram com os *jurua* (não indígenas, brancos).

Por causa disso é que nós estamos por aqui até hoje. Cada vez mais. Porque nós seguimos aqueles que alcançaram a terra de *Nhanderu*. Os nossos antepassados queriam ir também, é por isso que eles vieram. Mas não deu. Alguns passaram, mas só um ou outro consegue. A maioria dos que vieram não alcançaram porque não obedeciam o *Karai*. Alguns acreditavam e outros não acreditavam muito. E, assim, foram indo. Por isso que houve muitos que ficaram, se criaram por aqui, por onde hoje é o Brasil, e na Argentina também. Porque, pra ficar como Argentina, dizem que quem descobriu foram os espanhóis. E este pedaço aqui, foram os Portugueses. Quando um descobria, o outro também queria. Depois de muitos anos, dividiram esta terra. Por isso que tem Brasil, Bolívia, Argentina. Agora, *Yvy Mbyte* está no lugar, até hoje, onde *Nhanderu* deixou.

[...] Quando a pessoa não falece na Terra e vai para a morada de *Nhanderu*, nós o chamamos *Nhanderu Mirim*. Eles são os segundos donos da Terra. *Nhanderu Tenonde* é o primeiro dono da Terra. O segundo são aqueles que, há muito tempo atrás, caminharam e passaram para *Yvy Marã e'y*

O primeiro *Nhanderu Mirim* era também uma pessoa, que era *tekoaxy*, um mero ser humano, que erra. *Nhanderu* mesmo que nos fez assim, para sermos *tekoaxy*. Mas, como é que os *Nhanderu Mirim*, sendo *tekoaxy*, conseguiam passar? Eles se concentravam na *Opy*. Eles rezavam e pediam pra *Nhanderu*, e *Nhanderu* mostrava o caminho. Ele dizia: “agora vocês podem ir”. O *Nhanderu Mirim rã* (aquele que será *Nhanderu Mirim*), ele inicia a caminhada. Ele não vai ficar em um só lugar, vai mudando, vai mudando. Durante todo esse tempo, ele fica na *Opy*, cantando, perguntando pra *Nhanderu* como é que tem que ser. Então, *Nhanderu* vai mostrar outro lugar, pra onde ele tem que ir. E vai mudar de novo, até atravessar o mar. É isso que aconteceu.

Eles sabiam viver da forma certa pra seguir o caminho. Eles não falavam besteira, não brigavam, faziam as suas plantações e não comiam o alimento dos *jurua*. Sempre seguiam em frente, fazendo aquilo que *Nhanderu* falava. Era assim que eles, os *Nhanderu*, os deuses, conseguiam conhecer todo mundo, se poderiam ser ou não *Nhanderu Mirim*. Plantavam abóbora, milho, *jety* (batata doce), faziam *kaguyjy* (bebida de milho), plantavam *mandui* (amendoim). *Nhanderu* dizia quais eram os alimentos que eles podiam comer. Não podiam comer qualquer alimento, porque estavam prestes a fazer a caminhada. Já estavam se preparando. Quanto mais eles se aproximavam do local sagrado, tinha mais coisas que não podiam fazer. Eles começavam a obedecer a palavra de *Nhanderu*, sobre aquilo que pode comer e aquilo que não pode comer. Então, eles aprendiam como fazer para atravessar o mar. São os *Nhanderu Mirim*, que aparecem como um raio (*overa*) no céu. Às vezes, de noite, a gente vê um raio sem chover. Esse é o *Nhanderu Mirim*, aquele que viveu na Terra. Ele que faz esse raio com o “banco de *Tupã*”, *Kuapy Tukumbo*.

Eles vieram de Paranaguá; passaram por Paraná. *Oguata porã!* Eles caminharam belamente, fizeram uma boa caminhada. Os *jurua* não tinham chegado ainda. Antes deles chegarem, nós já estávamos aqui, neste lugar. Eles, aqueles que seriam *Nhanderu Mirim*, tinham o pensamento dentro do coração, no peito, e só por isso que eles vieram. *Nhanderu* que falou aos *xeramõi* para fazerem essa caminhada, e as outras pessoas seguiam esses *xeramõi*. *Nhanderu* que dá esse conhecimento pra fazer a caminhada. Não caminhavam somente porque eles queriam. *Nhanderu* que mandava fazer essa caminhada. Foram os *xeramõi* e as *xejaryi* daquela época que abriram o caminho. Naquela época, era tudo mato fechado. Nem o branco existia naquela época. Mesmo assim, eles vinham caminhando. *Nhanderu* guiava, mostrava o caminho. Eles perguntavam para *Nhanderu*: “podemos ir?”. “Já está aberto o caminho. Vai mesmo”, diziam os *Nhanderu kuery*. Aí, eles andaram. Os mais velhos sempre andavam com *Nhanderu*, em espírito, sempre rezando. Eles caminhavam não só por caminhar, mas seguindo o propósito, o objetivo que eles tinham. *Guata porã*, o belo caminhar, é isso. Eles fizeram a travessia; atravessaram o mar seguindo as orientações de *Nhanderu*. Eles atravessaram o mar; este mesmo mar que nós vemos hoje.

Estou contando, mas não vou contar tudo. Não vou me prolongar muito, porque pra eu contar a história desde o início, é difícil pra vocês compreenderem. Os *xeramõi* e as *xejaryi* fizeram toda essa caminhada e atravessaram o mar junto com os *nhe'ẽ* (espíritos). A caminhada que eles faziam era muito difícil. Eles andavam pela floresta, por lugares onde nunca ninguém tinha pisado antes e, mesmo assim, não acontecia nada. Eles vinham, e paravam em alguns lugares, às vezes ficavam anos, às vezes paravam uma ou duas noites só. Mesmo assim, não acontecia nada com eles. No caminho, sempre encontravam algo pra se alimentar; nunca passaram fome, nunca faltou nada pra eles. E, assim, eles atravessaram. Aqueles que caminhavam, chegavam até o lugar que *Nhanderu* tinha mostrado. Lá eles encontravam os *tembiguai kuery* (ajudantes de *Nhanderu*) e de lá eles partiam para a morada de *Nhanderu*. Quando chegavam perto do mar, os *xeramõi* ficavam esperando os *nhe'ẽ kuery*, os *tembiguai kuery*. *Nhanderu* mesmo que escolhia aquelas pessoas que obedeceram à regra. E ele levava essas pessoas. Aqueles que fizeram algum mal pra alguém ficavam. O próprio *Nhanderu* mandou os *xondaro* para atravessar aqueles que seguiram a regra, a lei. Quem segue certo, chegava à beira do mar. Aí, *Nhanderu* mandava os *xondaro* pra atravessar eles no barco.

Isso que foi lembrado desde o começo. Aconteceu isso, eles atravessaram. Fizeram o que tinha que ser feito; por isso que atravessaram. Por isso que os *xeramõi* falam até hoje, porque é real o que aconteceu tempos atrás. Por isso que eles dizem *Guata Porã*, belo caminhar, porque eles acreditaram.

Xeramõi Mario Guimarães – Kuaray Mirim
(*Tekoa Marangatu*, Imaruí/SC)

Aqueles que seriam *Nhanderu Mirim* caminhavam lá de *Yvy Mbyte* (o centro do mundo), onde tinha uma *Opy*. Eles não caminhavam sozinhos. Eles caminhavam através da palavra de *Nhanderu*, que ilumina onde tem que ir. Não era a pessoa sozinha que queria caminhar e ia. Eles conseguiam através da casa de reza, através da reza eles conseguiam realizar a caminhada. Aquele que ia na frente, o *Karai* (liderança espiritual), tinha amor, por isso eles conseguiam. Todos os parentes, os filhos e os netos, ele queria que vivessem em tranquilidade, que todos tivessem *mbara'ete* (força). Eles conseguiam através da reza, contando, passando informação para *Nhanderu* sobre a comunidade, pedindo para *Nhanderu* fortalecer a todos. Eles tinham amor pela vida das pessoas. Por isso que eles conseguiam que *Nhanderu* iluminasse o caminho para eles. *Nhanderu tenonde*, *yvyraija tenonde*, aquele que ficava na frente da comunidade, tinha amor por todos, e ele mostrou isso a *Nhanderu*. *Nhanderu* estava vendo o que eles estavam fazendo, o trabalho que fizeram. Eles tinham amor, igual ao amor de *Nhanderu*. Através disso, eles conseguiram que *Nhanderu* iluminasse aquele caminho para eles.

Os nossos parentes que vieram pela primeira vez, estão todos do outro lado do mar, todos; não ficaram por aqui. Atravessaram muitas pessoas que estão hoje lá em *Yvy Marã e'ÿ*. *Nhanderu Xapa* é o primeiro *Nhanderu Mirim*. Ele veio sozinho, de *Yvy Mbyte*. Ele não pegou nem canoa, nem nada, atravessou por cima do mar, passou. *Nhanderu* colocou só uma fumaça, por cima do mar; nós chamamos essa fumaça de *tataxina*. Ele caminhou e atravessou. Antes de chegarem os brancos ele já havia atravessado.

Agora, nós estamos na beira de *Nhanderu retã* (a cidade de *Nhanderu*), pertinho da capital de nosso deus. Mas nós, pessoas, não vemos, pensamos que é longe. Não é. Nós já estamos pertinho. Me pediram para lembrar de *Nhanderu reko*, do sistema de *Nhanderu*, e isso é muito doloroso.

Eu ouvi também que, antigamente, quando aqueles que seriam *Nhanderu Mirim* chegavam ao mar, vinha uma espécie de cobra muito grande, com a boca enorme. Aquele que quer atravessar, não deve ter medo. Ele entra, tranquilamente. Porque nós vemos como cobra, mas é tipo um navio; a gente entra como em um navio. Quem tem coragem, já vai lá para o outro lado, para *Yvy Marã e'ÿ*. Mas aquele que não tem coragem fica, não vai mais.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(*Tekoa Xapukai/Brakui*, Angra dos Reis/RJ)

Os nossos *Nhaneramõi kuery* que viveram há muito tempo atrás já se foram e não temos mais aqueles que poderiam contar todas as suas histórias. Mesmo assim, tem alguns que ainda sabem. Tento lembrar como e onde começou, mas é muito difícil a gente passar o nosso conhecimento aos outros. É tudo verdade, há muito tempo atrás os *Nhaneramõi kuery* vieram. Eles vieram do centro da Terra. Caminhavam sem parar, parando só para comer e dormir. Sempre vinham seguindo ao lado da beira do mar. Nessas caminhadas, eles passavam dificuldades. Sempre que chegavam em algum lugar onde tinha terra boa, eles faziam plantação. Eles ficavam mais ou menos um ano nesse lugar. É por isso que estas aldeias de hoje já existem há muito tempo atrás. Quando faziam a caminhada e faziam paradas, eles aprendiam como é a sabedoria dos bichos, das plantas e de todas as coisas. Eles eram *Karai kuery*, por isso que eles tinham a sabedoria.

Xeramõi Miguel Benites – Karai Tatãxi
(*Tekoa Itaxim Mirim*, Parati/RJ)

Pra mim, na minha sabedoria, a estrada dos *Nhanderu Mirim* vem lá de São Miguel e de *Yvy Mbyte*. Essa estrada tem vários quilômetros. É uma estrada subterrânea que vai sair lá em Paranaguá, em Monte Cristo. De Paranaguá vai pra Itanhaém, em São Paulo. E de lá de Itanhaém, tem outra que vai para o Espírito Santo, Vitória, onde tem ruína também. Em Anchieta, ali também tem estrada. Dali tem outra estrada que vai lá pra Porto Seguro, na Bahia. E tem também outra estrada debaixo da terra lá no Peru. Assim que nós sabemos.

Antigamente, o que fizeram primeiramente por baixo da terra? Quais foram os bichos que fizeram a estrada? Que tipo de bichos fizeram essas estradas para os *Nhanderu Mirim*? Não foram pessoas que as fizeram. Mas quem trabalhava pra eles, para os *Nhanderu Mirim*? Na entrada da estrada subterrânea, as pessoas fizeram uma escada, pra ver, pra entrar. De onde vieram pra fazer a estrada? Com quem que *Nhanderu Mirim* falou pra vir fazer a estrada por baixo da terra? Por meio da pedra, dentro da pedra fazer quilômetros e quilômetros, quantos mil quilômetros fizeram? Disseram que foram os escravos que fizeram. Nada. Eu estou sabendo, mas nem Guarani está sabendo. Vários são caciques, vários são pajés, mas não sabem. Quem fez? “São os *Nhanderu Mirim* que fazem”. Claro, foi pra eles que fizeram a estrada. A estrada por dentro da terra é uma espiral, que vai por onde tem rio, passa por baixo. Vai passando. Não faz falta nem ponte: passa por baixo da água. Vai pra longe. Até agora ainda tem, em alguma parte tem. Mas é muito difícil passar. Então, foram uns bichos muito grandes que fizeram. Se eles viessem por baixo, descendo mais ou menos uns 15 metros de fundura, eles iam estragar tudo por cima. Tinham que ir mais fundo: uns 20 metros, 30 metros de fundura. Aí, iam fazendo. Foram os *Nhanderu Mirim* que pediram para fazer essa estrada para eles. Eles fizeram, e as pessoas iam seguindo. Assim eram os *Nhanderu Mirim*, inteligentes. Eles eram pessoas, nossos parentes, mas eles rezavam tanto que acompanhavam *Nhanderu*, falavam com *Nhanderu*, falavam com qualquer bicho. Eles entendiam qualquer palavra, do branco, de qualquer nação. Os bichos também falam; os passarinhos falam, e eles entendem. Por isso que nós os chamamos *Nhanderu Mirim*. Eles que fizeram as *Tava*, as ruínas (Missões Jesuíticas e outras construções de pedra). Eles que fizeram. [Os brancos] pensam que mataram a todos, mas os *Nhanderu Mirim* têm muita responsabilidade, e nunca morrem. Os brancos fizeram guerras, mas eles entravam nessas estradas por baixo da terra e saíam em outro lugar. Os soldados vão matando, vão fazendo guerra. Mas os *Nhanderu Mirim* nunca morrem, sempre seguem. Eles não são como nós. A gente olha pra eles e vê que na mão deles já está tudo “esclarecido”, iluminado; as pernas deles já estão totalmente “esclarecidas”, aí eles vão. Se não estiver, não vão.

Lá em São Miguel das Missões, os brancos diziam que mataram todos, mas não. Eles entraram na estrada que vai lá pra Itanhaém, e saíram lá. Por ali foram 150 pessoas, 150 Guarani que escaparam lá de São Miguel das Missões. Os brancos pensam que mataram todos, mas não. A maioria, aqueles que rezam muito, que não tem mais *tekoaxy*, escapou. Foram 150 pessoas. O resto morreu tudo; eles rezavam menos, não tinham condições de ir, por isso, os brancos mataram todos. Mas aquelas 150 pessoas foram dali. A gente entende a palavra deles, por onde eles iam passar, contaram tudo. Mas os brancos não entendiam. Escaparam dali mesmo, ali das Missões.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(*Tekoa Itanhaen*, Biguaçu/SC)

É pra escapar mesmo que eles faziam aquelas estradas por baixo da terra, porque *Nhanderu* já estava sabendo que ia chegar alguém pra brigar. Então, eles iam entrando ali. Ninguém ia saber. Pra onde foram? Ninguém ia saber?

Essa estrada, quem vai seguir, são os *Nhanderu Mirim*. As pessoas como nós, não conseguimos seguir essa estrada, enxergar essa estrada. Ninguém vai naquela estrada, ninguém vai saber. Só aqueles que rezam igual aos *Nhanderu Mirim* vão caminhar de novo por aquela estrada. Os outros não vão mesmo; não é pra (qualquer) pessoal assim. É pra *Nhanderu Mirim* que aquela estrada é feita. Ninguém (mais) vai seguir por ela.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(*Tekoa Xapukai/Brakui*, Angra dos Reis/RJ)

Antigamente, os mais velhos caminhavam, iam de um lugar pra outro, mas eles não caminhavam só por querer. Era *Nhanderu* que iluminava o caminho, que dizia para fazer a viagem. Onde tinha ruínas, as *Tava*, eram os *Nhanderu Mirim* que trabalhavam ali. Quando os Guarani andavam, eles paravam onde *Nhanderu* dizia pra eles pararem. A ruína foi feita através da história. *Nhanderu* iluminava o caminho pra seguirem a viagem, porque ele queria que chegassem onde ele estava com o corpo e com o *nhe'ẽ*. Os *Karai* rezavam e, através dessa reza, *Nhanderu* iluminava o caminho, determinando por onde eles iam andar, e onde eles iam descansar. Vocês estão vendo aqui, nesta aldeia, como é a reza. Antigamente, tinha muita reza pra poder alcançar *Yvy Marã 'eỹ*.

Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(*Tekoa Guyra'i tapu*, Parati/RJ)

OS MBYA EM CONTÍNUO MOVIMENTO

Por que antigamente não parávamos em um lugar só? Vocês perguntam isso! É porque com o tempo as aldeias que os antigos formavam iam ficando sem proteção, por causa dos espíritos maus. Por isso, eles fumavam, pediam para *Nhanderu* para proteger eles, para iluminar os caminhos dos *xeramõi*. Eles falavam com *Nhanderu*, e o próprio *Nhanderu* guiava eles, falava para eles irem se mudando de aldeia pra aldeia. [...] Os lugares onde eles iam ficar, eram os próprios *Nhanderu* que mostravam.

Os *Jurua* (não indígenas) pensam que só tem um mundo. Mas não! Nós Mbya vimos aqui na Terra e, depois voltamos ao nosso lugar no alto, no céu, nas cidades dos *Nhanderu*. Era esse o objetivo dos *nhanheramõi kuery* (os nossos avós antigos). É muito importante sabermos que quando viemos aqui na Terra, lá de cima, *Nhanderu* não falou pra vivermos até este mundo acabar. [...] Vocês estão perguntando por que os *nhaneramõi kuery* (os nossos avós antigos) não paravam em um lugar só, antes de chegarmos aqui. [...] Antigamente, os *nhaneramõi kuery* não paravam em um só lugar porque eles procuravam terras boas para plantar. Eles ficavam somente o tempo certo. Quem guiava eles eram os *nhe'ẽ*. Por outro lado, com o tempo, o *tekoa* ficava sem proteção. Para se afastar dos maus espíritos, os nossos avós se mudavam mais para frente; eles não podiam voltar atrás. Assim, eles seguiam através dos cantos e com o *petỹgua*. Quando alguém falece na aldeia, fica o seu espírito (a sua sombra) aqui na Terra, e esses espíritos ficam nos incomodando nos sonhos.

Também, sempre que os nossos avós antigos passavam pelos lugares, eles davam nomes e é por isso que os *jurua* sabem os nomes de cada cidade. Tem muitas cidades que têm nomes na nossa língua, e nós podemos identificar as palavras e os seus significados. Tem outros nomes que nós não sabemos [o significado]. Os não índios dizem que nós não somos donos das terras. Eles acham que os donos são aqueles que vieram do outro lado do oceano, de barco, mas antes de eles chegarem aqui no Brasil os Mbya Guarani já existiam. Os brancos falam que os Guarani não existiam aqui no Brasil. Então, é por isso que os brancos não querem nos dar mais terra. Antes de nós, nossos parentes já moravam aqui no Brasil.

Xeramõi Felix Karai Brizola – Karai Mirim
(*Tekoa Ara Ovy*, Maricá/RJ)

Bom, hoje em dia, nós jovens lideranças que estamos aqui hoje, nós aprendemos a trabalhar com os mais velhos. Nós, jovens líderes, sempre escutamos os mais velhos, aprendemos com eles como nos comportar com postura de liderança mesmo. Claro que fazemos perguntas a eles, nós procuramos saber através deles. Por isso que hoje nós temos um pouco de sabedoria para falar para vocês agora. Nós perguntamos também sobre as caminhadas e por isso nós sabemos por que nossos antepassados não se fixavam em apenas um local, mas estavam em constante movimento. E, realmente, eles não caminhavam por caminhar, mas, sim, faziam caminhadas sagradas em busca mesmo de *Yvy Marã e'ý*. E, realmente, isso já acontecia muito antes dos europeus entrarem aqui, já acontecia muito antes da entrada dos europeus. Nas caminhadas não havia só um único caminho. E, isso, os avós contavam. Alguns procuravam terra boa para plantar, e outros eram guiados por *Nhanderu* mesmo. Os objetivos mudavam em alguns aspectos: por exemplo, alguns vão pela iluminação de *Nhanderu*, à procura de *Nhanderu* mesmo, em outra dimensão. Agora, havia alguns que procuravam terra boa. Porque, normalmente, quando está para acontecer algo ruim em algumas aldeias, o *xeramõi* que está ali já vai saber muito antes. Por isso, o *xeramõi* decide partir antes também, e *Nhanderu* já ilumina para ele qual caminho ele deve tomar depois que sair daquele lugar. Depois chegaram os *jurua kuery* a quem também chamamos de *yvyo kuery*. Eles vieram justamente para nos prejudicar. Por tudo isso os nossos avós antigos não paravam mesmo em uma região apenas, sempre caminhavam. Naquela época, existiam aldeias grandes, havia muitas pessoas em uma comunidade. Sempre *Nhanderu* que está iluminando a caminhada. *Nhanderu* mostra quantos dias vai levar para chegar e o lugar onde eles vão parar e se fixar por um tempo. Então, há toda essa questão de parar em determinados lugares que hoje é tão questionada pelos *jurua*; a questão da mobilidade. Mas não é somente uma questão de apenas caminhar ou se locomover constantemente. Tem também a questão dos plantios, da organização interna, das funções ao amanhecer, dos afazeres naquela aldeia, das pessoas que iriam cuidar especificamente da caça (...) e tudo isso entra na questão da mobilização, e sempre eles, os *xeramõi* já tinham essas questões. São essas coisas que eu tenho para contar, coisas que nossos avós também contavam para mim.

Adriano Morinico – Karai Jekupe
(Tekoa Yvy Yvate, São Francisco do Sul/SC)

Os nossos parentes andavam muito porque o próprio *Nhanderu* ilumina para eles andarem. E, apesar de ele ter criado a Terra, ele colocou os espíritos guardiões de todas as coisas. E, assim, o rio, o mato, as montanhas têm os seus próprios donos que devem ser respeitados.

Os *xeramõi* se moviam através de rezas e de seus *pety'gua*, moviam seus filhos, netos e os seus parentes. Fizeram muitas aldeias e, por isso, viviam por aqui. E quando os não índios chegaram, os nossos parentes só se retiravam e iam para outro lugar, que nem hoje em dia. Esse sempre foi o nosso costume. Se os *jurua kuery* chegarem e nos incomodarem, nós vamos só nos retirar; antigamente era assim.

E essa mobilização faz parte da nossa vida, nós sempre temos que nos mover para a nossa saúde e bem-estar. Se ficarmos sempre no mesmo lugar, a gente é feliz, mas o nosso espírito, o nosso *nhe'ẽ*, não fica feliz. Se repararmos nos mais velhos, vemos que depois de dez anos eles não estão mais felizes ficando somente num lugar, e quando sabem que não estão mais felizes eles buscam um novo lugar, um novo lar para se sentirem felizes. Mas hoje, infelizmente, não dá mais para ser assim, temos que ter a terra demarcada e outras coisas, e hoje em dia até os nossos próprios costumes, a nossa cultura, os não índios limitaram para a gente.

Timóteo da Silva – Verá Popygua
(Tekoa Takuari, Eldorado/SP)

JURUA KUERY OVAË

A chegada dos jurua



Nhanderu, que nos ilumina, fez uma só Terra pra nós vivermos todos juntos, era pra estarmos todos juntos sem divisão. O *jurua* veio e fez a terra ficar sofrida, dividiu as três: Brasil, Paraguai, Argentina. Não foi *Nhanderu* que fez essas divisões. Os *jurua*, por se acharem mais do que a gente, fizeram essas divisões: “essa é uma terra, essa é outra terra”. E, assim, foram colocando as divisões. Paraguai ficou no meio do mundo, foi ali onde tudo começou. É por isso que agora estamos assim, indo pra lá e pra cá. Já não temos mais lugar. Depois que os *jurua* nos separaram, uns ficaram lá, e falam como nós. É verdade, eles são nossos parentes. Foi o *jurua* mesmo que dividiu tudo, não foi *Nhanderu*.

Xejaryi Maria Guimarães – Para Rete
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

No começo, nós vivíamos tranquilos lá, em *yy tavai*, *Yvy Mbyte* (centro da Terra), o lugar onde chegaram os Guarani. Mas, até hoje, nós ainda sabemos que esta é uma terra só: *Nhanderu Yvyrupa!* Não tem outros nomes. Depois de muito tempo, vieram Pedro Álvares Cabral e os seus homens – os conhecemos em Porto Seguro e, depois, vieram. Naquela época, já tinha *tape* (caminho). A estrada Peabiru, como a chamam os brancos, mas que para nós é *tape*. Os Guarani fizeram esse *tape* desde *Yvy Mbyte* (o centro do mundo), passando por aqui (SC) e também por Porto Seguro (BA), até Peru. Mas onde está agora esse caminho? Não aparece mais. Por quê? Quem destruiu aquela estrada? Ainda se pode ver algum pedacinho, pode chegar aqui em Monte Cristo, em Garopaba, em *Mbituba* têm pedacinhos ainda. Mas eles estão no meio das fazendas, das cidades e não aparecem mais.

Durante mais de 1500 anos vivemos aqui só os Guarani. Desde as Missões até aqui em Santa Catarina; assim vivemos primeiramente. Então, pra nós, é uma terra só. Mas, depois da chegada dos *jurua* (brancos), e depois de terem matado muitos índios, os brancos começaram a brigar entre si. Eles brigaram, pois cada nação queria tomar tudo pra si. Os portugueses queriam todo o território para eles, os espanhóis e os holandeses também. Então, eles brigaram entre si. Depois, negociaram e se entenderam sobre como fazer as divisões. E foram dividindo: no Uruguai [Paraguai, Argentina] ficaram os espanhóis, e tinha também os portugueses, que ficaram aqui no Brasil. Eles também não eram brasileiros, eram estrangeiros. Nós é que somos brasileiros. Só que, até agora, os brancos ainda não conhecem a gente. Eles dizem: “ah, vocês vieram lá de Ásia”. Assim! E eles não vão saber nunca, porque há muito pouco tempo que os brancos nos conheceram. Há mais de 1500 anos nós Guarani, nossos avôs antigos, já estávamos aqui; já estávamos nessa terra quando eles chegaram. Como é que os brancos vão saber como começou esta terra, como surgiram os Guarani, de onde vieram? Eles não vão saber nunca. Por isso que é muito difícil. Eles não vão acreditar, porque até agora não foi colocado na escrita.

Pedro Álvares Cabral chegou primeiro em Porto Seguro. Mas o *Nhanderu Mirim* era muito inteligente. Ele estava dentro da *Opy* (casa de rezas). O Guarani nunca saía; só em alguma época. Mas ele entendia todas as outras línguas. Aqueles que estavam chegando, pensaram que eram os Guarani os que estavam subindo nas árvores, olhando para os barcos. Mas não eram Guarani. Na época em que chegaram os *jurua*, a maioria dos que estavam lá, olhando assim, era índio bravo. E o Guarani sempre escondido. Os soldados deles é que estavam sempre saindo. Dali já começou, já complicou. Desde aquela época em que chegou Pedro Álvares Cabral, os brancos já começaram a incomodar. Eles conheceram cada lugar onde tinha aldeia. Porque tinha uma estrada, e eles seguiam aquela estrada, chegavam nas aldeias e já começavam a incomodar. Desde aquela época.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

TAVA, OS SINAIS DOS NHANDERU MIRIM

Alguns que vieram de lá de *Yvy Mbyte*, do centro do mundo, a gente chama em português Ninho Kesu. Ele é de depois que chegaram os portugueses, os franceses e os espanhóis. Candelaria é como chamamos a companhia do Ninho Kesu. Eles fizeram tudo para nós que ficamos aqui, para todas as pessoas; eles fizeram sinais para a gente lembrar. Então, temos que lembrar sempre o trabalho que eles fizeram aqui no mundo, porque eles vieram lá de *Yvy Mbyte*. Tudo isso é para a gente saber, para lembrarmos, para não esquecermos. Então, já deixou tudinho pra nós.

Aqueles que vieram lá de *Yvy Mbyte* (Paraguai), o Ninho Kesu, que é um *Nhanderu Mirim*, se encontraram em San Ignacio, com os Jesuítas. Ali foi o primeiro lugar onde eles se encontraram. Os padres jesuítas contaram uma coisa, os *Nhanderu Mirim* outra coisa diferente. Eles não se entenderam. Os padres jesuítas contaram uma história e os *Nhanderu Mirim* queriam contar outra. E assim vai! Daí já começou, até agora, faz muito tempo, mas nunca vai dar certo, nunca vão se entender. [...] O encontro com os brancos bloqueou (*joko*) a caminhada. Desde aquela época, não houve mais ninguém como eles. Desde aquela época, os Guarani não atravessaram mais ao outro lado do mar. Ficou muito difícil de acontecer depois do encontro com os Padres Jesuítas.

Só através de *Nhanderu* que não seria difícil; depende da pessoa. Vai acontecer de novo, mas tem que ser bem forte. Algumas pessoas abrem o seu coração para *Nhanderu*, então, aquele que tem a fé, que confia, que pede para *Nhanderu*, pode conseguir; pra ele, não é difícil. Se não alcançar, então, é difícil conseguir de novo. Para nós é difícil, mas para *Nhanderu* mesmo não é difícil. Se aquele que precisa pedir verdadeiramente, com certeza, absolutamente, para *Nhanderu*, essa pessoa vai alcançar de novo. Mas para nós, está difícil.

Xeramōi João Silva – Vera Mirim
(*Tekoa Xapukai/Brakui*, Angra dos Reis/RJ)

A maioria daqueles que estavam em São Miguel das Missões era *Nhanderu Mirim*. Saíram 150 pessoas de lá. Saíram lá em Itanhaém e, dali, foram lá para Porto Seguro. 150 pessoas. Eram Guarani, *Nhanderu Mirim* mesmo. Até aceitaram os brancos quando chegaram ali. Aceitaram a ajuda até dos espanhóis e também dos franceses. *Nhanderu Mirim* não estava proibindo: “podem carregar, podem levar pedra”. Eles estavam construindo as *Tava*. [Os brancos] Trabalham por interesse de riqueza, os *Nhanderu Mirim* estão sabendo. Mas pra eles não vale, porque eles vão embora, não é pra morar sempre. É só para os brancos verem, depois de muito tempo, como é o trabalho. E também onde que viveram os Guarani primeiramente, antes de chegarem os brancos. Então, eles deixaram marcas para conhecer onde era o lugar em que viveu o Guarani antigamente. Era só pra isso a marcação que eles deixaram. Mas os brancos não estavam sabendo porque é que eles fizeram em todos os lugares, em todos os Estados. Em Curitiba (Paraná), onde é agora a cidade, tinha muitas casas Guarani quando os brancos chegaram. Em Paranaguá (Paraná), Itanhaém (São Paulo), na cidade de São Paulo, capital, tinha muitos Guarani. Em Vitória, Anchieta (Espírito Santo), fizeram um restaurante enorme pra que não se saiba de nada, pra cortar todos os direitos dos Guarani. Lá em Minas Gerais, também tinha muitas *Tava Mirim*, e lá em Porto Seguro. E também no Peru tinha muitas *Tava* feitas pelos *Nhanderu Mirim*. Só que lá já eram outros índios, mas foram os Guarani que orientaram as outras nações fazer essas *Tava*.

[...] Os Jesuítas ficaram 150 anos, e queriam lograr a todos os Guarani, com a reza deles e a língua deles. Só que não conseguiram. Queriam integrar a todos e não conseguiram; tentaram durante 150 anos. Vieram outros tipos de padres, padres alemães e disseram: “agora nós queremos que vocês obedeçam. Nós queremos que vocês rezem igual a nós. Porque a nossa reza é que vale. A reza do Guarani não vale porque não é pra *Nhanderu* que se reza”. Mas os Guarani falaram: “não, nós não vamos entregar o *orereko* (nosso sistema). Nós não vamos entregar. Vamos continuar com a nossa cultura, com a nossa reza, com a nossa língua”. Dali começou a briga.

Começaram em Catarata das Missões e vieram até São Miguel das Missões. Chamaram todos para ajudar, eram muito ricos. Os *Nhanderu Mirim* também tinham muitas riquezas naquela época. Miguel era o mais rico de todos. Aqueles que vieram conheciam os espanhóis, que disseram: “nós vamos ajudar, vamos trazer ferro lá de Buenos Aires”. E eles trouxeram um ferro muito grande lá de Buenos Aires. Mandaram trazer de lá, os espanhóis, para ajudar os Guarani aqui a construir a casa. Miguel falou: “pode trazer. Se quer trazer, traz”. E colocaram todo o ferro que trouxeram lá de Buenos Aires para ajudar a levantar a casa. Eles queriam lograr os Guarani, ficar com toda a riqueza. Mas o interesse de Miguel não era ficar ali; ele estava fazendo a *Tava* só pra mostrar. Os espanhóis queriam ajudar e diziam: “nós vamos ajudar”. E Miguel respondia: “tudo bem, trabalha aí”. Os franceses trabalhavam, os portugueses trabalhavam, os espanhóis trabalhavam, mas só por interesse, porque queriam lograr e matar a todos. Então, não é que os Guarani aprenderam a trabalhar junto com os espanhóis, os franceses e os portugueses nas *Tava*. Eles vieram dizendo que queriam ajudar, e o Guarani deixou, não proibiu pra eles.

Miguel tinha muitos que o ajudavam. Antes de chegarem os brancos, apareceu um dia um rapazinho. Acho que foram os *Nhanderu* mesmo que mandaram aquele rapaz, que tinha uns dez ou doze anos. Aquele era Sepe Tiaraju. Já veio para ajudar mesmo, apareceu de repente. Ele era o líder dos índios bravos. Ele que mandava, era o *xondaro ruvixa* – tipo um tenente. Ele mandava naquelas pessoas. Ele trabalhava através da palavra de Miguel. Sepe Tiaraju era o responsável pelos índios bravos. Miguel era um *Nhanderu Mirim*, ele não ia ficar, ele ia atravessar para o outro lado do mar. Agora ele está lá.

Lá tinha muitos cavalos, tinha muito gado. Umas 13 mil cabeças de gado. Tinha somente umas 1600 pessoas, entre Guarani e outros índios. Mataram muitos. Uns 150 saíram de lá. O resto mataram todos. E ficaram com o gado. Por isso que agora tem muito fazendeiro lá. No começo aquele gado era do Guarani mesmo, eles que criaram. Foi assim que aconteceu primeiramente.

[...] Em Catarata Misiones, lá na Argentina, tinha muitas casas, várias aldeias. De lá, eles visitavam sempre as *Tava* de São Miguel. Os *xondaro* iam, pra lá e pra cá. Eles se visitam sempre, e se ajudavam, levavam plantação pra plantar aipim, banana, cana, essas coisas. Faziam plantação e trocavam, levavam o que os outros não tinham e traziam outros tipos pra plantar. Também, naquela época, tinha outra aldeia em [Caiguatê], no Rio Grande do Sul. Em São Nicolau tinha outra aldeia; em São Lourenço do Sul tinha outra aldeia; em Pelotas tinha outra aldeia; na capital [Porto Alegre], também tinha outra aldeia; Bagé tinha outra aldeia; Livramento tinha outra aldeia. Eles sempre estavam em comunicação; não tinham telefone, mas eles avisavam que estavam indo visitar, que estavam sabendo que precisavam ir lá. Naquela época era assim: os pajés estavam em contato entre eles: “vamos lá. Eles estão precisando”. Assim que vai continuando.

Naquela época, em Paranaguá tinha outra aldeia. Os Kaiowa tinham outra aldeia. Tinha muitas aldeias lá em São Paulo e às vezes eles vinham lá de São Paulo. Mas, naquela época, não é como agora. Eles tinham o *apyka* (veículo dos *Nhanderu*) pra caminhar. *Nhanderu* ajudava eles, então, não demoravam nem dez minutos para chegar aqui desde São Paulo. Vai e, na mesma hora, chega; igual que *Nhanderu*. Dessa forma, eles caminhavam naquela época. Então, vamos dizer que é assim: *Nhanderu* faz *Tape Mirim*, assim, uma *fumacinha*, como o brilho do Sol, aí, na hora que ele pisa ali, ele vai. De lá, de Porto Seguro, pra visitar ali, em São Miguel das Missões, não leva nem meia hora pra chegar. De lá, de São Miguel das Missões, vai lá pra Porto Seguro, e não leva nem uma hora pra chegar lá. Era assim antigamente, porque tudo isso eram os *Nhanderu* que faziam pra eles. Mas agora já não é assim; agora nós sofremos, não é como antigamente.

[...] Eu estudo. Cada dia, de noite, eu falo sobre essas coisas com *Nhanderu*. Em que lugar tinha Guarani antigamente? Onde viviam outros índios? Ali, na beira do Rio Tijucas, viviam outras nações. Em um primeiro momento, na Tijuca também havia Guarani. Mas pra lá havia também aqueles que nós chamávamos de *jekupe*, aqueles *ava* (homens) mais bravos. Mas isso é antigo, não é de agora. Ali, em Itapema, também havia outros índios, não eram Guarani. Camboriu já era lugar do Guarani também. Imbituba? Lugar de Guarani, também. Garopaba? Lugar de Guarani também. Praia do Sonho? Lugar de Guarani; Pinheira também. Enseada do Brito? Lugar de Guarani; antigamente, já era lugar de Guarani. Universidade Federal? Lugar de Guarani. Primeiramente, fizeram a casinha lá os Guarani. Por isso, antes de 1300 já moravam ali os Guarani. Depois, chegaram os brancos, puseram na escrita, fizeram muitos erros. Mas onde enterraram aqueles que fizeram balaies e outras coisas, arco e flecha, embiras, todas as coisas que sobravam e colocavam dentro da terra em várias partes? Pode ser que tenham tirado alguma parte, mas tem ainda pra tirar. Os brancos não deixam, tiram tudo pra ver, colocam tudo dentro de suas casas, de seus Museus.

Quantas mil pessoas estavam morando lá na Ilha de Florianópolis? Em 1845 chegou Floriano Peixoto. Ele matava todos. Naquela época, os mais bravos eram os Carijós. Brigaram até o fim e não se entregavam. Não entregavam, e morriam. Nossos antepassados Guarani morreram sem entregar a terra. Eles não tinham armas como os brancos, mas eles não entregavam a terra. Por isso que hoje em dia nós temos direito de lutar, porque os nossos parentes antigos não entregaram a terra aos brancos. Eles não entregaram, os brancos tomaram deles porque tinham armas de fogo e matavam a todos. Mas eles não entregavam essa terra. [...] Mesmo assim, os brancos desmataram tudo. Por isso, nós temos direito de lutar, porque nós não entregamos a terra para os brancos. Se os Guarani tivessem entregado diretamente, agora não tinham mais direito, nem existiria mais Guarani, somente portugueses. Mas nós, Guarani, estamos até agora, porque nós não entregamos mesmo. É assim que nós estamos sabendo; eu não estou mentindo. Mataram quatro mil pessoas na ilha de Florianópolis. Será que os Guarani não existiam primeiramente [antes da chegada dos brancos]? Como falou naquela época o Governador do Estado, ele estava comandando e disse: “mas aqui, antigamente, nunca existiram os Guarani; aqui não é lugar do Guarani”. Mas ele não sabe, porque ele é governo e não sabe nada de como era antigamente. Será que morreram quatro mil na Ilha de Florianópolis e não anotaram nada? Será que não existiram, primeiramente, os Guarani?

Xeramōi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(*Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC*)

Agora, eu vou contar um pouco de como e quando chegaram os *jurua* aqui. E o que foi feito pelos nossos antepassados? Hoje, nós temos uma FUNAI, mas, antes disso, havia o SPI e quem mandava mesmo eram só os militares. Quando existiam somente os militares não existia governo e quem sofria não éramos apenas nós, mas todo mundo. Um *jurua* nos viu sofrendo na mão dos militares e, nesse caso, ele não gostou e fez uma denúncia para outras pessoas. Talvez agora eu não vá lembrar do nome dessa pessoa que nos ajudou, mas só me lembro que na História é contado que era um polonês. Ele fez uma denúncia para outras pessoas de longe tomarem as providências. Foi através disso que eles criaram o tal de SPI (Serviço de Proteção ao Índio), que veio para trabalhar com os povos indígenas. Acredito que aconteceu em 1910 e, a partir disso, eles inventaram as Reservas para nós. Depois disso, eles nos colocaram todos numa só Reserva, eles pegaram nossos *xeramōi* (avôs), todo mundo. Até com os *Kaingang* nós tínhamos que conviver. Nos misturaram bastante, como se fosse todo mundo igual. Eles pegavam os *xeramōi* e as *xejaryi* (avós) e levavam de caminhão para o local onde seria a Reserva. Isso, para que vivêssemos em um só local sem atrapalharmos eles. Queriam que vivêssemos em um único local. Entretanto, os *xeramōi* e as *xejaryi* não queriam se misturar com outros povos, havia muitos que não aceitavam isso, já naquela época. Justamente por isso, quando eles percebiam que vinham pessoas para pegá-los, eles já se escondiam ou iam embora, se afastavam dali, já começavam a se espalhar novamente. Nesses casos, eles saíam refugiados, então, não iam todos juntos para um mesmo local, eles se espalhavam, mesmo cada família, se dividiam bastante. E, no meio disso, havia *xeramōi* que era forte em espiritualidade e conversava com *Nhanderu*. E, assim, ele acabou conseguindo fugir realmente, até mesmo dos *jurua*. Então... Graças a essas pessoas que fugiram que nós não vivemos num lugar denominado “Reserva” hoje. Só depois de muito tempo eles voltaram, e já haviam mudado o nome para FUNAI. Mesmo depois do momento em que surgiu a FUNAI, as lideranças trabalharam muito ainda para conquistar os territórios, os territórios mesmo, não a Reserva. Aí, já existia demarcação de terra dos nossos parentes. Daí sim, eles começaram a perceber também que nem todos somos iguais entre os índios, eles perceberam isso só depois. É isso que estou falando para vocês, jovens. Futuramente, vocês vão estar na frente, como lideranças. A partir disso, começaram uma luta para conseguir as coisas [seus direitos]. Então, através de muita luta, muitas coisas aconteceram e até mesmo os *jurua* fizeram um acordo, uma lei que se chama hoje Constituição Federal de 1988. A partir daí, nós temos esse direito, o reconhecimento de que cada grupo tem sua própria maneira de viver, que existem diferentes línguas. Existem *Kaingang* que não se pode mais colocar num só local junto com Guarani. Mas isso acontece até hoje. Nós sempre brigamos, a luta continua. Acredito que foi *Nhanderu* que iluminou tudo para vivermos melhor, para que plantemos, para conseguirmos território, uma terra mais apropriada, mais tranquila. Caso algo esteja para acontecer, ou se está prestes a vir um *jurua* para entrar na aldeia, *Nhanderu* já vai fazer com que percebamos na hora. Por isso, até hoje nós conseguimos manter pelo menos a nossa forma de vida.

Adriano Morinico – Karai Jekupe
(*Tekoa Yvya Yvate, São Francisco do Sul/SC*)

Por que nós temos muito medo? Porque desde o começo, em Porto Seguro, já começaram a guerra e mataram os índios. Nós considerávamos assim. Até agora. Só agora que eu não sinto medo. Na época em que era criança, nós tínhamos mais medo dos brancos, porque nós sabíamos o que eles faziam. Por que nós tínhamos medo? Porque eles eram matadores de guaranizinhos. Nós sabemos que onde chegavam matavam os nossos avôs antigos. Mataram todos. Então, onde nós morávamos, quando chegavam os brancos já ficávamos com medo de que matassem a todos. Por isso que os Guarani, onde tinha aldeia, ficavam bem; mas quando chegavam os brancos, por que Guarani saía de lá? Por causa do medo. E ele ia para mais longe.

Nós não éramos como os outros índios. Nós não brigávamos. Se os brancos chegassem em uma aldeia e se instalassem ali perto, aí os Guarani já tinham medo: “esses daí vão matar todos nós, vão matar todo mundo, vamos embora”. Eles saíam sempre, nunca brigaram. Até 1960, 1970 ainda era assim. Nunca brigavam. Por isso, nós não temos aldeia antiga, como os Xokleng ou os Kaingang. Nunca brigamos... Deixamos os brancos morar. Por fim, nós não tínhamos mais terra. Por isso, de tão bonzinhos, de tanto medo, nunca brigamos, entregamos aquelas aldeias para os brancos. Assim é que nós continuamos vivos, até agora. Agora eu não vou entregar mais para os brancos. Se entregar de novo, o que eu vou fazer? Não vou conseguir viver. É por isso que temos que lutar um pouco mais, hoje em dia. Por isso que, agora, começamos a ficar nos lugares, morando em um lugar só. Não podemos mais, como antigamente, escolher onde vamos morar. Então, é por isso. Antigamente, nós entregamos tranquilamente para os brancos as nossas aldeias. Nunca brigamos. Por que agora os Kaingang e os Xokleng têm aldeias antigas? Porque eles brigam. Quantos que já morreram desde o começo? Quantos que já morreram até agora? Brigam, brigam, brigam... Querem tirar a aldeia deles? Querem entrar na aldeia indígena? Matam. Se chegam, matam, não querem nem saber. Os índios vão morrer e os brancos também vão morrer. Ali, em Ibirama, quantos índios morreram? Quantos brancos morreram? Um monte. Por isso, eles têm aldeia grande, com mato, mas quantas pessoas morreram ali? Mas nós não, por isso, não temos terra como os outros índios, porque nunca brigamos, não queremos brigar: “estão chegando os brancos aqui, vamos embora”, e íamos para outra aldeia. Antigamente, nós vivíamos tranquilamente, porque tinha muito mato. Nós fazíamos outra aldeia. Depois de cinco ou seis anos chegavam os brancos de novo, então, nós íamos para mais longe. Mas e agora? Nós não podemos mais, como antigamente, seguir do mesmo jeito. Agora nós temos que ficar... É por isso que nós não temos aldeias grandes como os outros índios. Só por isso, de tanto que somos bons, de tanto medo também. Não queremos brigar... Dizem que Guarani nunca param, mas não queremos sair. Nós temos medo dos brancos, é por isso.

Nós estamos nesse mesmo caminho, nunca paramos. Quando chegam os brancos, nós temos que sair. Nós não queremos brigar e, aí, sempre saímos. Agora moro aqui faz sete ou oito anos. Estou começando a ter um pedacinho de terra só agora. Já que não conseguimos mais como antigamente, então, temos que lutar pra fazer aldeia pra morar. Mas ficou muito difícil pra nós, porque já não tem mais terra, mato... Mas nós temos pelo menos um pedacinho.

[...] Antes, os Guarani vinham, mas eles nunca incomodaram os brancos. Os brancos ofereciam muita coisa aos Guarani. Por volta do ano 1945, os Guarani chegavam na cidade, e os brancos ofereciam comida, sal, charque, bebida. O Guarani não conhecia que tipos de alimentos eram aqueles. Qualquer um oferecia para tomar e ele tomava. Aí, eles já não conseguiram mais caminhar como antigamente (atravessar o mar). Antigamente, quando não havia brancos, eles conseguiam. Eles passavam, atravessavam ao outro lado e chegavam em *Yvy Marã e’y*. Eles conseguiam. Mas, depois que os brancos chegaram, não conseguiram mais. Mataram muitos Guarani também com a bebida. Desde aquela época já era assim, os brancos oferecendo sal, vinho, cachaça e comidas de todo tipo. E os Guarani não souberam [recusar]. Por isso, desde que chegaram os brancos não conseguimos mais atravessar. Há muitos anos já.

Aqueles caminhos se mostraram a nós por meio dos rastros, dos sinais. Nós seguimos, mas não alcançamos igual que os *nhaneramõi* (nossos avôs) antigos. Mas, mesmo assim, nós seguimos esses caminhos deles. A gente não alcança mais como antigamente. Mesmo assim, nós caminhamos ainda, nós seguimos os rastros. Conseguimos. Não é do mesmo jeito que antigamente, mas nós conseguimos [...] Nós não alcançamos mais como *nhaneramõi* (nossos avôs) com o pensamento, o coração, tudo. Mas nós continuamos pedindo a *Nhanderu*, primeiramente, pois é ele que ilumina. Até agora nós fazemos isso. Os *nhaneramõi* antigos não nos esquecem... Eles pedem para todos, onde tem aldeia, eles pedem aos *nhe’ẽ* para proteger. Através disso, eles conseguiam que *Nhanderu* iluminasse, abrisse o caminho para eles.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

NHANERAMÕI KUERY OGUATA YVYRUPA RUPI

Nossos avós caminharam ao redor da Terra



Nossos avôs antigos, nossos parentes antigos, não viviam como agora. Naquela época, era tudo mato. Desde o começo eles já começaram a caminhar. Mas não era como agora. Nossos avôs antigos rezavam muito e, então, *Nhanderu* já mostrava o caminho para o filho. Dizia: “agora vai”. *Kuaray*, no nascer do Sol, sempre iluminava para ele. Várias pessoas, antigamente, vieram, mas não era para ficar por aqui. Vieram para atravessar, atravessar o mar, chegar em *Yvy Marã e’y*. Sempre vinham. Muitos. Vinham, vinham, vinham. Mas, depois que começaram as cidades e os países – Paraguai, Argentina, Brasil –, aí já não conseguiam mais, pois já não era mais como antigamente. As cidades com suas cercas impediam a caminhada deles.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(*Tekoa Xapukai/Brakui*, Angra dos Reis/RJ)

Yvy Mbytere, no centro do mundo, os *Mbya* cantam para *Nhanderu*. Quem acredita mesmo em *Nhanderu* ouve a voz dele e, se ele disser: “é esse o caminho que vocês vão seguir”, eles precisam seguir o caminho. Assim, eles continuam a caminhada, assim os nossos avôs vieram pra cá. Quem ouve a voz de *Nhanderu* e segue o que ele diz, isso que é *guata porã*, o belo caminhar.

Nhanderu guiava eles para eles fazerem a caminhada e mostrava o caminho, e por onde deviam seguir. Assim, eles vieram de Santa Maria e de outros lugares e seguiram juntos. Eles caminhavam a pé. Tinha muita gente a quem *Nhanderu* ia mostrando o caminho para chegar no litoral. Eles passaram pela Argentina, Santa Maria, Paraguai. Eles ficavam um mês ou dois meses em algum lugar, e depois seguiam. Assim eles caminhavam. Eu não sei ao certo como contar porque eu ainda não tinha nascido naquele tempo. Só os meus pais e meus avôs. Eles ficaram em São Paulo, formaram uma aldeia, ficaram um mês, dois meses. Assim eles caminhavam, faziam aldeias pelo caminho, porque *Nhanderu* não os queria no mesmo lugar. Nas aldeias antigas eles não podiam ficar porque eles não poderiam criar as crianças nesse lugar e, assim, eles continuavam a caminhada e seguiam o que *Nhanderu* dizia.

No começo do mundo, a gente já existia aqui. *Nhanderu* criou o nosso povo e outros povos, por isso estamos aqui. *Nhanderu* nos criou antes dos *jurua* (não indígenas), por isso, nós temos os nossos direitos, mas eles também têm os direitos deles. Eles precisam nos valorizar. Eles pensam que sabem mais do que nós. *Nhanderu* deixou a terra para nós vivermos aqui, mas os *jurua kuery* pensam que são mais inteligentes do que a gente e, por isso, eles mataram muitos índios, mataram muitos índios por causa da terra. *Nhanderu* diz: “os nossos filhos estão sofrendo nas mãos dos *jurua kuery*. Eles estão acabando com os nossos filhos. Vamos destruir a terra aos poucos, assim é melhor”. E se *Nhanderu* destruir a terra, o que os *jurua kuery* vão fazer? Não foram eles que fizeram a Terra, mas dizem que são os donos da terra, fazem os índios sofrerem, alguns não gostam do índio, matam os caciques para conseguirem tirar o povo da sua própria terra.

Xejaryi Tereza – Djatxuka
(*Tekoa Mboapy Pindo*, Aracruz/ES)

Os nossos avôs, nossos antepassados, nossos primeiros avós, aqueles que rezavam (*oporai va'é*), que escutavam a palavra de *Nhanderu* (*Nhanderu ayvu*), sabiam onde ele ia nos levar, nos guiar. Ele veio pela aldeia dos Tupi, de outros índios, o nosso *xeramõi*. Mas ele errou pra *Nhanderu kuery* e, por isso, ele ficou na Terra (não foi com o corpo inteiro à *Yvy Marã e'y*), faleceu. Eu usei a palavra “morreu” (*omano*), porque vocês são jovens, para vocês entenderem. Minha mãe era filha dele e nos disse: “o seu avô nos deixou. Agora, com muita dor, nos lembramos dessa terra, na beira do mar de água salgada, e vamos prosseguir juntos, meus netos, minhas netas”. Por isso que nós viemos e chegamos até Cantagalo (RS). Ficamos ali, plantamos milho, batata doce, mandioca, etc.. Era com esses alimentos que sobrevivíamos. Não tínhamos a comida do branco, só comíamos o nosso alimento. Vivíamos só plantando e cantando. Não tínhamos sofrimento. A gente não vivia sem *Opy* e, dessa forma, vivíamos melhor, sem tanto sofrimento. Na mata tinha muita caça para nos alimentar: tinha tatu, *koxi* (porco do mato), anta... E peixe também. E tinha frutas: *guavira*, *guaviju*, *jarakaxia*... E era dessa forma que nós vivíamos e nos alimentávamos. Era por isso que nós não pegávamos as doenças dos *jurua*. Continuo até hoje sem comer muita comida de *jurua*, mas, quando não encontro os alimentos de antes, sou obrigada a comer a comida do *jurua*. Ainda não sinto nada de mal no corpo e, por isso, não me disseram que eu tinha doença no rim ou no pulmão. É por isso que eu vivo bem, meus netos. Essa é a verdade: eu sou bem forte.

É por vocês que eu estou forte e estou falando com vocês. O que nós plantávamos acabou, por isso que vivemos na *Opy* cantando, sem esquecer de *Nhanderu*. Nós nos fortalecemos lembrando. Eu e o seu tio estamos fortes ainda, lembrando.

*Xejaryi Maria Guimarães – Para Rete
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)*

Antes de haver a cidade, os meus avôs fizeram uma aldeia próxima a São Miguel das Missões, em Santo Ângelo (Rio Grande do Sul). A aldeia se chamava *Tekoa Ka'arandy*, naquela época. Hoje em dia, já ninguém conhece essa aldeia onde eu nasci. Desde essa época já andávamos muito. De lá, já começaram as expulsões; fomos expulsos de lá, na época do SPI. Fomos levados para a aldeia Guarita, onde vivemos junto com os Kaingang. Lembro até agora daquela época.

Naquele tempo, o cacique principal Kaingang, Geraldino Deofordino, conversou com o meu pai e conseguimos fazer uma aldeia guarani do outro lado do rio Guarita. Lá tem até agora uma aldeia que chama Cerro Corá, onde ainda moram alguns Guarani. Minha mãe faleceu naquela aldeia. Fomos então para Chapecó. Lá eu perdi meu pai também. Naquela época não havia divisão do território, era uma única reserva onde morávamos junto com os Kaingang (hoje em dia as Terras Indígenas estão separadas). Eu era o *ruvixa* (cacique principal) dos Guarani, mas havia um problema de liderança, pois havia um cacique Guarani e outro Kaingang. E Isso não dava certo. O cacique dos Kaingang estava se fortalecendo, cada vez queria mandar mais, e nós decidimos sair de lá. Decidi falar com a FUNAI e lhes expliquei que não queria brigar pela terra com os Kaingang. Pedi à FUNAI que nos ajudasse a conseguir os meios de ir para outro lugar. De lá, de Chapecó, fomos, então, até Paranaguá.

De lá de Paranaguá, não fomos nós que decidimos vir aqui para Brakui (Angra dos Reis/RJ). Foram os *nhe'ẽ* que iluminaram para nós onde que nós deveríamos fazer a nossa aldeia. *Nhe'ẽ* esclarece onde é que deve ser feita a aldeia, por onde e pra onde tem que ir. Tudo isso eles esclarecem. Através dos *nhe'ẽ* eu estava sabendo onde ia fazer a aldeia.

Aexa ra'ú, *há'e rire ma aju*; *ojapura* (nos sonhos, os *nhe'ẽ* me contaram onde deveria ir). De lá de Paranaguá, vim até aqui, em Brakui, pra ver. Na hora que cheguei de volta a Paranaguá, meus filhos e parentes próximos já estavam querendo vir até Brakui também. Os meus parentes, filhos e netos queriam vir naquela mesma hora, mas eu disse que não, que devíamos esperar mais um pouco. Os próprios *nhe'ẽ* que me disseram que devia esperar mais um pouco. Tínhamos que esperar que os *xondaro* de *Nhanderu* clareassem mais toda aquela região, o que é que tem lá, quais os espíritos ruins das montanhas, da água. Os *xondaro* de *Nhanderu* vão lá para conversar primeiro, para explicar que ali os Guarani iam fazer uma aldeia: “vão vir os meus parentes”, dizem [aos espíritos]. E eles pediram para esperarmos mais um pouco. Eu mesmo pedi a *Nhanderu Tupã* para fazer isso antes de nos mudarmos para Brakui desde Paranaguá. Então, chegada a hora, eles me avisaram que eu podia levar os meus filhos e netos para lá. Fui falar com o pessoal da FUNAI para me ajudar. Chamei também as pessoas que tinham ficado em Chapecó. Somente Domingos morava ainda em Ibirama. Até agora os *jurua* me perguntam por que nós viemos até aqui, por que saímos de Chapecó, de Paranaguá, para fazer aldeia aqui. Eles quiseram saber desde o começo.

Então, isso que é difícil. Os brancos não alcançam o entendimento dessas coisas, porque os Guarani perguntam a *Nhanderu*, porque ele é o dono da Terra. Os Guarani mais antigos primeiramente rezavam, perguntavam, querendo saber onde havia lugar, mato, para morar. Era isso que eu estava querendo saber. Então, *Nhanderu* me esclareceu onde é que poderia ter aldeia. Através de tudo isso, eu vou indo, até agora. Isso os brancos não vão acreditar: “será que ele fala com *Nhanderu*?”. Não vão acreditar que os Guarani conseguem falar com *Nhanderu*, até agora. É o *nhe'ẽ* que fala para nós. É o *nhe'ẽ* que vai contar onde é que tem lugar no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro; onde é que tem mato, onde é que tem nascente boa, onde é que tem lugar para os Guarani morarem. Eles, os *nhe'ẽ*, que vão passar para os Guarani, para *nhaneramõi* (nossos avós). Até agora é assim, e vai continuar assim mesmo. Nós não vamos mudar isso. Nós vamos continuar. Mesmo que os brancos não gostem. Por que eles não gostam? Porque eles não sabem por que fazemos isso, esse trabalho. A nossa cultura é isso. *Nhanderu* oferece o lugar para nós e conta onde está, por onde devemos ir, onde

vamos morar, onde vamos fazer aldeia. Então, nós vamos chegar lá. Aí, vão chegar os brancos e perguntar: “por que vocês vieram aqui? Quem mandou?”. É assim que os brancos sempre falam. “Por que vocês vieram aqui? Quem mandou vocês virem aqui pra fazer aldeia?”. Eles sempre falam. Mas quem fez o mundo foi *Nhanderu*. Ele é o dono. Não é o Governo, não é o presidente que é o dono das terras. Somos nós os primeiros que vivemos aqui. Os *Nhanderu* fizeram o mundo e fizeram nós, Guarani. Não somos os donos, apenas somos os primeiros habitantes desta Terra. *Nhanderu* fez esta Terra para que nós a usássemos. Então, não vou dizer que eu sou dono do mundo. Não é isso. Mas os *Nhanderu* o fizeram para nós usarmos. Para nós, Guarani. Por isso que nós temos direito. Sempre falo estas coisas. Não estamos falando nem brincadeiras nem mentiras. Temos certeza absoluta. Absolutamente, *Nhanderu* vai dizer: “está falando certo, meu filho, está falando certo”. Nunca vai dizer que estamos errados, porque acreditamos em *Nhanderu* e ele que vai dizer que não é mentira. “Está certinho o que meu filho está falando”. Vai dizer isso. Ele mesmo. É assim que nós, Guarani, sabemos.

Então, assim temos que contar para os brancos, aí vão acreditar. Se não, não vão acreditar. Os *nhe’ẽ* mostraram pra mim o lugar. Através disso, eu fiquei pensando que, para os nossos avós antigos, os nossos parentes antigos, também era assim que acontecia. Antes de acontecer, já sabiam. Esse exemplo *Nhanderu* colocou no meu coração, para eu entender que era desse jeito que os meus avós antigos encontravam os lugares pra morar. Nós somos assim, se lembrarmos mesmo de *Nhanderu*, ele tem condições de nos ajudar. Pra isso que ele nos enviou ao mundo. Mas, hoje em dia, nunca lembramos certo. Pedimos a *Nhanderu*, mas nos esquecemos de *Nhanderu*, então, é difícil de conseguir qualquer coisa. Confiar em *Nhanderu* supõe dizer: “*Nhanderu* que fez o mundo, então, ele que vai saber”. Aqueles que vieram de *Yvy Mbyte*, *Nhanderu* iluminou o caminho pra eles atravessarem o mar. Quantas pessoas que vieram de *Yvy Mbyte* passaram para o outro lado? Quando alguns vieram de *Yvy Mbyte*, já tinha muitos brancos. E eles deram dinheiro, muita roupa, e aqueles que vinham caminhando agradeceram muito, mas, depois, eles jogavam tudo fora, e nunca guardavam o dinheiro.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(*Tekoa Xapukai/Brakui*, Angra dos Reis/RJ)

Eu nasci no Paraná, em Palmeirinha. Tem Palmeirinha e Mangueirinha. Palmeirinha é lugar dos Guarani e Mangueirinha é lugar dos Kaingang. Me lembrei: eu tinha mais ou menos sete anos. Morávamos lá, porque era um lugar que foi deixado para os Guarani e os Kaingang. Um tempo depois, o finado meu pai e meus tios queriam morar em outro lugar, que é chamado Dois Vizinhos, no Paraná também. Nós nos mudamos pra lá. Ali tinha um lugar onde tinha bastante terra, naquela época. Tinha muita terra que não tinha sido vendida. O Governo é que vendia a terra. Então, nos deixaram só um pedacinho pequeno de terra. Foi então que se lembraram da Argentina, porque diziam que lá tinha terra que não tinha dono. Fomos pra lá, em direção à Argentina. Passamos por Barracão, que é divisa de Paraná e Santa Catarina. Em Santa Catarina é São Dionísio Siqueira e do lado do Paraná é Barracão. Ficamos um tempo morando ali, mas depois eu me casei e o meu sogro e minha sogra queriam vir pra cá, porque diziam que tinham parentes por aqui, lá no Rio Grande, no rio Camaquã. Eles tinham uns parentes morando lá e se lembraram deles. Então, nós viemos, mesmo eu não querendo vir. Eu tinha dois filhos e não queria deixar os filhos. Fiquei com muita pena, e vim.

De lá saímos, porque era um lugar muito pequeno, aquele que tinha sido dado aos Guarani. Então, saímos e viemos para um lugar chamado Osório. Moramos lá quatro ou cinco anos. Minha sogra faleceu e, três meses depois, meu sogro faleceu também. Ficamos sozinhos. Eu tinha ganhado aquela terra no Município do Viamão, onde hoje é a aldeia Cantagalo. Tinha gente que vinha de longe, da Argentina ou do Brasil mesmo, mas nunca pensaram em fazer aldeia. Eles paravam, fazendo artesanato pra sobreviver, em qualquer lugar. Muita gente deixava que eles trabalhassem por aí. Mas, depois que eu cheguei lá e vi que a terra não era ocupada e que parecia que não tinha dono (proprietário), fizemos uma roça. Então, apareceram os donos da terra. Se queixaram e me levaram para a cidade para conversar. Perguntaram por que nós estávamos lá, e eu disse: “ah, eu pensei que a terra não tinha dono, ninguém plantava ali, não tinha casa nenhuma. Então, nós chegamos e plantamos, porque temos que roçar, temos que plantar. Só pedindo pra vocês por aí na cidade não dá. Temos que plantar pra poder alimentar os nossos filhos”. Fui indo por aí e, no fim, eu ganhei aquela terra; porque o cara que comprou aquela terra, fazia 30 anos que comprou, mas não fez melhoria nenhuma: não plantava, não construiu casa, só deixou como estava. Então, fizeram a conta para ver como estava a situação. Durante 30 anos não plantou, não construiu e não pagou o imposto. Fizeram a conta e viram que, somente com aquele imposto, já dava para comprar outra terra do mesmo tamanho. Por aí, eu ganhei aquela terra. Fui eu que ganhei aquela terra. Naquela época, não tinha aldeia, somente algumas famílias morando que depois saíam, e vinham outros. Ali, era um paradeiro só. Mas a população aumentou bastante e a minha esposa falou: “agora poderíamos buscar outro lugar para a gente morar”.

Ficamos na BR, lá na Terra Fraca, do lado de Palhoça. Muita gente foi nos conhecendo. [...] Com a ajuda deles, fomos indo devagar até que me conseguiram aquele pedacinho lá no rio Maciambu. Aquele lugarzinho estava na mão do juiz e, depois, o juiz deu pra nós morarmos. Naquela época éramos poucos, somente quatro famílias, mas a terra lá era pequena também: 04 hectares e meio. Mesmo assim, a gente plantava um pouquinho, no meio das pedras, mas plantávamos. Então, muita gente dizia: “ah, ele planta, ele gosta de trabalhar na roça”. E foi indo, foi indo... E foi então que passou o gasoduto que vinha da Bolívia e ia até Porto Alegre. Esse gasoduto é muito perigoso porque, às vezes, o cano poderia se soltar, ou estourar, e iria queimar. Poderia matar todo mundo e atingiria os índios. Então, nós ganhamos uma compensação pela obra do gasoduto. [...] Esta terra foi comprada, não foi nenhum governo que deu. Por isso, não vou deixar mais. Talvez podemos aumentar. Dizem que esta terra é muito pequena pra demarcar.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(*Tekoa Marangatu*, Imaruí/SC)

Essa aldeia, esse local, na verdade, já faz parte do litoral e há pessoas que já viveram muito aqui, fazendo caminhadas e passando por aqui: Piraquara, Antonina, Graciosa, para alcançarem a praia. Nossos antepassados vieram da Argentina, do Paraguai e passaram por aqui em busca de *Yvy Marã e’y*, da Terra sem Males. Não era simplesmente uma caminhada, mas uma caminhada sagrada e quando passaram por aqui, deixaram a *Tava* que é o museu agora lá de Paranaguá. Diz-se que há mais um local pelo qual passaram que seria *Tava* e que fica ao lado de Guaraqueçaba, mas não cheguei a conhecer ainda. Eu nunca vivi por aqui, nunca vim antes, não vim nem passear aqui anteriormente. Eu nunca soube que existia Piraquara, mas eu tinha um sogro que era um *xeramõi* e, quando ele ainda estava vivo, ele disse: “vocês poderiam procurar um local para nós fazermos uma nova aldeia. Mesmo quando eu não souber mais, eu queria que vocês morassem longe daqui.” Logo depois que ele disse isso, ele faleceu e, por isso, vim para cá. *Nhanderu* iluminou mesmo, mostrou, em forma de sonho. Ele mostrou tudo. Mostrou, realmente mostrou que essa seria uma aldeia, que nós iríamos parar aqui por um tempo. Ele mostrava também um outro local que será uma aldeia. No caso da outra aldeia, ele mostrou mais para a beira da praia mesmo de Guaraqueçaba. Não sou capaz de explicar como é possível isso, porque nunca vivi aqui, nunca vim aqui e no meu sonho já se mostrou tudo isso. Por isso que viemos e paramos aqui. Eu acredito que nós não viemos simplesmente fazer uma caminhada, mas viemos sim através da visão de *Nhanderu*. Por isso, quem vem aqui, é difícil de se acostumar, parar aqui e viver na simplicidade. Outras pessoas já tentaram morar aqui, mas não se acostumaram. Há pessoas que vêm e não ficam porque aqui não é permitido bebidas alcoólicas e o acesso é longe, então, é difícil para eles. Nós fazemos apenas festas tradicionais para sermos felizes.

*Xeramõi Marcolino da Silva – Karai Tataendy Marangatu
(Tekoa Araçai, Piraquara/PR)*

É verdade! Sobre isso que vocês estão precisando saber, vou falar um pouquinho. É verdade o que antigamente os nossos avôs falaram, o que *nhandejaryi* (nossa avó) *Tataxi* falou. Ela contou pra nós, por onde eles andaram olhando, o que eles escutaram, o que eles viram... Eles foram pesquisando as futuras aldeias desde o começo da Terra, foram iluminando o caminho, desde a beira das grandes águas, começaram a caminhar. A nossa avó sempre nos falou para escutar bem a voz de *Nhanderu*, aquele que fez o céu e a terra, nosso *Nhamandu*, ele sabe por que nós estamos caminhando. Ficamos um ou dois anos em um lugar e depois *Nhanderu* mostra de novo outro lugar. E os brancos sempre nos perseguindo. Então, *Nhanderu* fala pra nós: “sai um pouquinho daqui, que os brancos vão incomodar vocês”. Porque nós estamos andando sempre em cima daquilo que é de *Nhanderu*, não é dos brancos. Mas eles sempre estão nos incomodando, nos prejudicando. Por que ele está nos mostrando, iluminando o caminho? Ele está falando: “vocês não percam esse sistema, esse *reko*”. Nossos avôs que nos fazem caminhar por esse caminho. Por isso que nossa avó chegou no meio de nós, para nos guiar. Os mais velhos e as pessoas novas, todos caminhando juntos. E sempre *Nhanderu kuery* mostrando o lugar onde a gente faz o fogo (as nossas aldeias). E nós, sempre em direção da beira da água, para caminhar em direção ao *Kuaray*, onde o Sol sai, seguindo a estrada do Sol. É isso que *Nhanderu* sempre mostra, ilumina para nós. Agora, os *tekoa* na beira do mar, nossos avôs fundaram, porque eles caminharam pela beira do mar. E, assim, muitos anos, foram andando e, depois, foram voltando para trás, de novo. Falavam: “vamos ficar mais um pouco aqui, para nós ficarmos sabendo onde tem mato, onde nós vamos fazer os nossos fogos”. Quando estavam vindo de volta para trás, eles ficavam mais tempo, paravam mais nos lugares.

Eu mesmo não perguntei tudo pra *xejaryi* (minha avó), então, não sei por onde eles andaram. Eu mesmo nasci no *Tekoa* (aldeia) de Parati Mirim, depois de crescer que eu vim nesse *tekoa* (no Espírito Santo). Quando a gente chegou, era só *jurua* que tinha. E uma senhora falou: “essa aqui é a minha casa, essa aqui é a minha terra não é de vocês”. Então, levantamos a *Opy* e a mulher disse que ia fazer uma estrebaria de vaca ali. Aí, estávamos procurando o lugar de fazer aldeia e foram *Nhanderu kuery* que mostraram pra nós o lugarzinho. Então, os brancos não puderam com nós, com *Nhanderu*, em Parati Mirim. E é assim. Depois, o meu irmão mais velho, Vera, contou que nós e a *tataxi* caminhamos até Ubatuba. Tinha o *Karai Tataendy*, que chamavam de Capitão Pedro. O nome verdadeiro dele era *Karai Tataendy*. Ele também contou, os mais velhos contaram. Minha avó falou: “vamos, vamos lá onde *Nhanderu kuery* mostraram, iluminaram pra nós”. E os *jurua kuery* não querem que nós ocupemos, mas eram *Nhanderu kuery* que estavam passando a palavra pra nós e, assim, nós chegamos lá (aldeia Boa esperança – ES). A FUNAI e a empresa Aracruz Celulose e o Governo do Estado não queriam que a minha avó fizesse o *tekoa* (aldeia) ali naquele lugar. Então, nos levaram na Fazenda Guarani, em 1972. Mas, para lá, o meu irmão do meio não queria ir. Aí, nos levaram para a Fazenda Guarani. Eles falaram que lá existia vaca, cavalo, terra para ser plantada, trator: “tudo vai ficar para vocês”. Aí, nos levaram. Quando chegamos lá, de tudo quanto é lado, vinham outros tipos de Guarani. Foram juntando outros tipos de Guarani. Por isso que o meu irmão, que tem o nome de *Vera Mirim*, *Vera Guyra*, não queria ir. Depois que nós estávamos lá, ele não ficou bem no mato. Ele não queria ir, não queria. Depois que chegamos, a nossa avó começou a cantar para *Nhanderu*, três dias passou cantando para *Nhanderu*. Aí, falou: “não vão ao mato, não olhem para o mato, vamos olhar primeiro tudo o que tem aqui. Deixa que *Nhanderu* mande relâmpago e faça trovejar em cima do mato primeiro”. Aí, ela cantou: “nós viemos aqui para ocupar essa terra”. O meu irmão não ficou bem. Lá, nós ficamos três, quatro, cinco anos; lá na Fazenda Guarani.

Então, nossa avó falou: “agora que nós já vimos, vamos voltar. Vamos lá onde *Nhanderu* mostrou o lugar de nosso fogo” (ES). Naquele tempo era puro mato. Tinha tudo quanto é animal: porco do mato, *katetu*, anta; tinha de tudo naquele mato.

Depois, os *jurua* plantaram só eucalipto. Aí, não tem mais nada de caça do mato. Antes era puro mato e agora não tem mais. A minha avó falou assim mesmo. Em 1979, a nossa avó falou para nós: “agora eu vou entrar onde *Nhanderu* mostrou, iluminou antes”. Eu tinha doze anos. Nós fomos, entramos na antiga terra. Aí, chegaram dois carros de polícia. Falaram: “saíam daqui. Aqui não é a terra de vocês. Por que vocês vieram fazer aldeia aqui?”. E a minha avó falou: “não foram vocês que fizeram a Terra. Por que vocês estão nos incomodando por causa da terra? Aqui *Nhanderu* mostrou primeiro para nós, e daqui vocês já nos tiraram uma vez. Eu não saio mais daqui. Só se *Nhanderu* disser pra mim: ‘Sai daqui, vai embora’. Mas vocês não vão me mandar sair daqui. Se fossem vocês que tivessem feito a Terra, aí vocês poderiam dizer para nós sair daqui. Se vocês querem que a gente saia daqui, então, matem a todos de uma vez. Daqui nós não saímos”. Os *jurua* se cansaram de nos incomodar. Depois daquilo, os meus avós conseguiram, tiveram o poder de fazer a aldeia ali. Agora nós estamos aqui, os moços, as moças, nós temos a nossa própria aldeia, nós temos os nossos foguinhos até agora. Às vezes, as crianças ficam brincando. Tudo isso nós temos pra contar. Sempre estamos contando. Onde nossos avós caminharam, nós estamos andando também. Às vezes, não é por preguiça que a gente não quer contar; os nossos netos é que não se esforçam para escutar as nossas conversas, para pegar os nossos conselhos. Por tudo isso, nós estamos sendo atacados. Porque, antigamente, os nossos avós contavam histórias, falavam pra nós por onde que nós andávamos, para onde que nós caminhávamos. Tudo isso eu estou contando pra vocês.

Xeramõi Antonio Carvalho – Vera Kuaray
(Tekoa Mboapy Pindo, Aracruz/ES)

JAGUATA PORÃ | CAMINHAMOS BEM

Nós temos força através de *Nhanderu*. Nós caminhamos, dormimos no caminho, chegamos. E, quando chegamos, o outro nos pergunta como é que está a nossa aldeia. Pergunta sobre tudo. A saúde, a temos através de *Nhanderu*. Todas as coisinhas, para nós Guarani [acontecem através de *Nhanderu*]. Também para caminhar. E quando chegamos à aldeia dele, o *xeramõi Vera Mirim* já perguntou tudo. Como estamos na [nossa] aldeia; como estão os adultos, as crianças. E agradece muito porque alcançamos a sua aldeia através de nossos criadores. E também sempre lembrando e pedindo – não só para uma pessoa. Todo Guarani, de manhã e de tarde, pede para proteger os nossos parentes que estão neste mundo, em todas as aldeias. A nossa cultura é assim. Através de nossa palavra, *Nhanderu* nos fortalece muito.

É através de *Nhanderu* que conseguimos chegar às outras aldeias. *Nhanderu* ilumina para andar bem na estrada, para não acontecer nada, para chegar bem na aldeia. *Nhanderu* é que está acompanhando. Quem vai viajar se prepara durante muito tempo antes da viagem. Pensa: “um dia eu vou lá, vou chegar lá”. Pensa sobre a sua viagem. E, aí, seis meses, um ano depois é que vai fazer a viagem. Aqueles que vão fazer a viagem, todos os dias pedem a *Nhanderu* proteção, para andar bem. Quem os recebe em sua aldeia, agradece porque está vendo todo mundo bem de saúde. Nós fazemos isso [essa reza] e, por isso, temos o corpo forte. Porque durante muitas e muitas noites, e muitas tardes, nós passamos essa palavra, esse pedido, para *Nhanderu*. Antes de caminhar, antes de fazer a viagem, já pedimos para *Nhanderu* proteger, abrir a estrada. Porque *Nhanderu* tem muito *xondaro*. Aí, vamos a qualquer lugar. Mesmo tendo todas essas coisas, as que a gente vê e as que a gente não vê – os espíritos ruins-, nós andamos bem! *Nhanderu* recebe a nossa palavra, o nosso pedido e, através disso, fortalecemos nossa palavra. Os *xondaro, nhe’ẽ kuery* de *Nhanderu*, vão abrir os caminhos para a nossa viagem. Porque se *Nhanderu* não iluminar, se ele não abre pra nós, qualquer coisa pode acontecer.

Há muitas coisas no mundo! Se a pessoa tiver coração limpo mesmo, vai ter pensamento positivo. Se a pessoa confia em *Nhanderu*, então, vão entrar só as coisas boas. Aqui na Terra tem muitas coisas para fazer mal, tem vários tipos de doenças... Mas se você tiver o coração limpo, você vai andar tranquilo no meio de tudo isso. Os anos foram passando, e nós ficamos pedindo o fortalecimento de nossos corpos, a vida certa, a saúde. Isso aí é *nhanembaraete, nossa força*. É isso que a gente pede para *Nhanderu*. Ele, que vem nos ouvindo faz muito tempo, vai dar essa força para nós. É através dele que nós temos força, apesar de todas as coisas ruins que tem na Terra. Onde tem essas coisas ruins, na nossa vida, nos nossos caminhos, *Nhanderu* vai tirando um pouquinho. O ruim que vai querer chegar perto de nós, *Nhanderu* vai querer tirar. Por isso que nós estamos bem. É isso que o *xeramõi* agradece, que muitos anos depois a gente se vê de novo, e continuamos fortes.

Em *Ara Yma* (tempos frios) pode acontecer de vermos alguma coisa ruim por aí. Mas não podemos colocar isso no pensamento. Devemos permanecer no caminho, sempre no caminho. *Ara Pyau*, então, é o calor, a gente sempre reza para *Nhanderu*. Temos que lembrar sempre, sempre, sempre. [...] Os mais velhos, faz já quantos anos que pedem proteção para viver bem, pra não acontecer o que não é importante, em cada lugar. A gente está bem de corpo, bem de saúde, tranquilos. Agradecemos por isso a *Nhanderu*, que nos protege: *Aguyjevete!*

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

JURUA KUERY OJOKO NHANDERAPE

Os jurua dificultam nossos caminhos



Eu nasci e cresci em Porto Alegre e depois eu vim para Santa Catarina com meus pais. Moramos em Itajai durante cinco anos (em aldeias). Foi ali que tive dois filhos.

Então, nós viemos aqui em Pirai. Naquela época, nós não tivemos problema para entrar. Nós, Mbya, não temos mais terra para viver. Os *jurua kuery* levaram toda a riqueza da natureza, eles destruíram as matas, mas, mesmo assim, nós vivemos. Os brancos não querem dar mais terra pra nós. Eles falam: “por que os índios querem terra?”. Nós queremos para plantar. Mas como a gente vai plantar se eles não querem dar terra boa para poder manter a nossa família? *Jurua* tem como nos ajudar, mas não ajuda. Eles tiraram a terra de nós. Às vezes, eu penso no passado, que nós tínhamos de tudo: mato, roça e as plantas medicinais.

*Xejaryi Marta Benites – Para Rete
(Tekoa Pirai, Araquari/SC)*

Na verdade, hoje em dia estão falando que nós viemos do Paraguai [Yvy Mbyte, o meio da Terra], e é verdade sim. Mas não agora, há pouco tempo. Antes que Pedro Álvares Cabral descobrisse essa terra, nós já estávamos por aqui [no litoral]. O governador do Estado de Santa Catarina diz que nós, Guarani, temos que descobrir onde estão os cemitérios antigos, porque se mostrarmos onde tem e sabendo onde é, podemos ganhar a terra.

Bem antes de tudo isto estar acontecendo, os Guarani já vinham do lugar onde, hoje, é o Paraguai. Para nós, a Terra é uma só. Naquela época, não tinha ninguém, não tinha brancos por aqui, então, foram vindo e foram morrendo, enquanto outros passaram, seguiram mais e chegaram até lá em Porto Seguro. Então, por aqui, na beira do mar, está cheio de cemitérios guarani. Isso eles não sabem. Mas eu ouvi falar, porque os nossos avós, bisavós, tataravós contavam. Então, foi passando para nós nos lembrarmos e acreditarmos.

*Xeramöi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)*

Hoje em dia, por que nós não caminhamos mais? Porque proibiram tudo. Por isso, nós não andamos mais como antigamente, caminhando entre as aldeias, 50, 100 pessoas, visitando outras aldeias. Não tem como, está tudo proibido. Por isso que não continua a mesma coisa como antigamente. Isso me preocupa muito.

Guarani nunca para, vai assim, de um lugar a outro, mas Guarani nunca faz nada. Os brancos não. Vai um grupo ou uma pessoa, procura um lugar, olha, faz usina, fábrica, barragem. Pra isso que os brancos caminham. Vão chegar em uma cachoeira bonita, vão fazer hotel; vão encontrar um rio bom, vão tirar a água, vão botar um cano bem grande pra levar pra cidade, vão fazer açude. Pra isso que os brancos caminham desde antigamente. O Guarani não; ele caminha, mas não é pra fazer nada. A gente vai pra todo lugar, mas nunca aparece. Não vamos quebrar nada, não vai explodir nenhuma pedra, não vamos fazer nada. Não vamos fazer serraria, não vamos cortar toda a madeira pra fazer tábua. Não vamos fazer nada, não vai aparecer nada [não deixamos marcas]. Mas os brancos não. Eles vão pra qualquer lugar e pensam: “ah, aqui é bom pra fazer tal coisa, ali vamos fazer tal outra, aqui tem que fazer cidade”. Então, é isso. Mas Guarani não é isso. Desde o começo caminhava! Os brancos reclamam, mas os Guarani nunca estragaram aquilo que *Nhanderu* fez, nunca, até agora. Os brancos querem que nós esqueçamos. O que nós fizemos pra eles? Nada. Apenas não paramos. E, agora, nos perguntamos: “o que nos fizemos de errado para os brancos? Será que é porque pedimos a terra? Será que estamos errados?” Não. Estamos no caminho. Eles fizeram tantas coisas erradas e nós nunca reclamamos. Quem será que tem mais direito? Será que fomos nós os que erramos tanto? Não, não erramos, nada. Nós não fizemos nada de mal para os brancos.

*Xeramöi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)*

Se o pesquisador pergunta como os mais velhos caminhavam, eu vou falar sobre isso, porque foi assim que começou pra caminhar. Primeiro, cantavam e, então, *Nhanderu* iluminava. Se perguntarem como era antigamente, eu vou falar também de agora, do que estou vendo. Como havia um grupo de pessoas que orientavam, *tenondegua*, *xeramõi* espiritual, eles levavam o grupo. Mas, no meio da caminhada, alguns saíram do caminho, e não queriam acompanhar os mais velhos que estavam na frente. Foi aí que eles erraram, porque enfraqueceram o *xeramõi* e eles mesmos se enfraqueceram. Aquelas primeiras pessoas que seguiam o caminho da *Yvyrupa* (Terra), se tivessem conseguido chegar, todos aqueles que, depois, vieram pelo litoral para alcançar a *Yvy Marã e'ý*, todos eles conseguiriam. Hoje, não conseguimos porque, no início, eles mesmos não conseguiram. [...] Hoje em dia, *Nhanderu* já não olha mais para os adultos, ele só está olhando pelas crianças que estão nascendo na Terra.

Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Guyra'í tapu, Parati/RJ)

Se *Nhanderu* não mandar mais crianças, se nossos filhos não tiverem filhos, o que o *xeramõi* (avô) e a *xejary* (avó) vão fazer sem crianças, o que vai acontecer sem crianças? Nossos filhos, nossas filhas, se não tiver mais o filho, a filha, o que vai acontecer? Se não tiver mais crianças e só tiver pessoas adultas, se não tiver crianças fazendo barulho, brincando perto de nós, a Terra, o mundo, vai começar a ficar em silêncio. Hoje, a gente vê que ainda tem pássaros, mas não é mais como antigamente. Às vezes, tem passarinhos cantando, mas não é mais como antigamente. Quando a gente ouve passarinhos cantando, a gente sente uma harmonia, a gente sente paz, a gente se alegra; e com as crianças é também a mesma coisa.

Nhanderu quer que cheguemos a ser crianças de novo [depois de ter alcançado a velhice], como no começo. Nós temos que pedir forças a *Nhanderu*, cantar, fumar *petýgua* (cachimbo), etc. Hoje, estamos vivendo assim, para mostrar a *Nhanderu* e, assim, temos força. Eu não quero falar, nem contar, mas tenho que falar para vocês saberem. Até os brancos estão contra nós. Não são todos os *jurua*, mas hoje está ficando mais difícil. Vocês saberão como que era antigamente.

Xeramõi Aristides da Silva - Karai
(Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC)

Para os mais velhos, na nossa visão, quando não éramos obrigados a aprender na escola, aprender a escrever, quando para nós ainda não existiam questões burocráticas, era muito melhor. Nossos *xeramõi* e nossos anciões só ficavam na casa de reza, assim nosso aprendizado era na casa de reza. Naquela época, tínhamos plantações de várias coisas e isso nos deixava felizes. No começo do verão, que para nós é quando começam os tempos novos, fazíamos batismos de alimentos que seriam das frutas; grãos, etc.. Por isso, nossa existência era muito mais divertida e feliz antes de existir qualquer interferência burocrática. Quando eu era criança, nós morávamos no mato, não muito distante da cidade, mas também não muito perto. Nós ficávamos isolados lá, então, não chegavam interferências, até mesmo as doenças não chegavam. Nas comunidades das aldeias não aparecia sarampo, doenças febris, ninguém adquiria essas doenças na aldeia. Mas não vivíamos ali isolados simplesmente para não pegarmos doenças, os *xeramõi* pediam a *Nhanderu* todas as tardes, sempre, para que, eternamente, enquanto existir um povo ali, para que não acontecessem doenças nem nada com nós. Simplesmente, nós pedíamos todos os dias, todas as noites. Os *xeramõi* pediam que nada de ruim chegasse para seus netos e pediam a deus que protegesse a todos da comunidade. Sempre os *xeramõi* pediam a deus. Hoje em dia já mudou, hoje é muito diferente dos tempos passados. Hoje, estamos praticamente misturados com a cidade, por isso é muito fácil adquirirmos uma doença, hoje qualquer doença entra nas comunidades.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

Agora, são os professores que ensinam a ler, escrever, a falar. A gente tem que ensinar a ler e escrever, ensinar a nossa cultura, e não pra aprender as coisas do *jurua*, o conhecimento do *jurua*. Eu falo pro meu filho pra fazer isso, e não ensinar à criança as coisas dos *jurua*, as palavras dos *jurua*. Eles têm que aprender a colocar no papel, e também a fazer na prática, fazer as coisas na aldeia. Na escola, eles têm que aprender a fazer armadilha, porque existem armadilhas para cada tipo de animal. Na escola, as crianças aprendem a desenhar a armadilha, mas, na prática, ninguém sabe fazer, ninguém sabe por que é assim, pra que *Nhanderu* deixou essas comidas pra gente comer. Antigamente, nós comíamos essas comidas, e é por isso que somos fortes. Antigamente, só bebíamos *aroka*, suco tirado do mel. O *mbojape* (pão feito de milho) era para as crianças. Se eu comesse esse tipo de comida antes, eu estaria mais forte. Por isso que a gente fala que a gente passa fome, porque não comemos mais as comidas dos Guarani, comemos mais as comidas dos brancos. Aí falta tudo, trigo, óleo.

Antigamente, não tinha escola, só tinha *Opy*. O jovem ia para a *Opy* e aprendia muitas coisas, não como hoje em dia, que os jovens vão pra escola e não aprendem nada.

Xeramõi Felix Karai Brizola – Karai Mirim
(Tekoa Ara Ovy, Maricá/RJ)

Meus avós, principalmente minha vó, falava sobre a questão dos *jurua* (não indígenas), falava desse jeito: “há vários *jurua* que gostam de índios e há vários também que não gostam, a maioria não gosta. Então, nós Guarani, Guarani mesmo, não podemos se misturar muito com *jurua*, porque eles ainda são parentes das pessoas que exterminaram nossos parentes. Muitos de nossos antepassados foram exterminados por eles, por isso, não podemos conviver com eles, nós precisamos nos afastar um pouco deles.” Mas, hoje, não dá muito certo nos negarmos a conhecê-los, até porque eles são muitos, demais. Já não dá mais para viver em paz, nós Guarani, em várias aldeias. Eles aumentaram tanto que, querendo ou não, já estamos convivendo com eles. Já não dá nem para plantar mais. Eles estão nos espremendo, há apenas algumas aldeias onde dá para plantar bem ainda, no resto das aldeias, dificilmente. Por exemplo, aqui mesmo é difícil de plantar. Há coisas que tenho que admitir. Há coisas que conseguimos através deles, como fumo e erva industrializados. Mas há uma coisa que ainda não perdemos, a nossa língua. Todas as aldeias ainda falam fluentemente a nossa língua. Mesmo morando praticamente no meio deles, nós temos que permanecer falando a nossa língua tradicional. Há algo ruim acontecendo porque não deveríamos perder *nhandereko*. Por que vocês acham que a coisa está cada vez mais difícil para nós, na visão de vocês? Na maioria das aldeias, nós utilizamos várias coisas feitas pelos povos não indígenas. Hoje em dia mesmo, todo mundo tem celular, muito mais vocês jovens. Nós temos televisão e o pior de tudo é a televisão, isso estraga muito a nossa comunidade, porque na televisão mostra tudo. A escola, se formos analisar e utilizar para o bem, com certeza é boa, mas o problema é que, hoje em dia, as crianças aprendem para um lado negativo, a sabedoria para outra coisa. Já querem aprender tudo, tudo, tudo mesmo. Mesmo que seja ou não seja importante, eles, querendo ou não, aprendem tudo. Por isso, é importante, mas, por outro lado, prejudica também. Mas, se nós banirmos totalmente e não entrarmos na escola, também não dá, porque hoje em dia o *jurua* já está nos oprimindo e vai continuar nos perseguindo ainda. Além do mais, por exemplo, a cada quatro anos eles mudam de governo, mudam de presidente e eles vão criando mais leis. Cada governo vai criando suas leis. Por isso, querendo ou não, nós temos que aprender nas escolas para nós irmos junto com eles, para nós nos defendermos mesmo. Por isso, a escola é boa e também não é, mas, de qualquer forma, nós precisamos valorizar a escola também. Na minha visão é isso. Mas o que realmente nos derruba mesmo é a televisão.

Xeramõi Marcolino da Silva – *Karai Tataendy Marangatu*
(*Tekoa Araçai*, Piraquara/PR)

A *Opy* é a nossa escola. Entramos na *Opy* para saber como vamos viver, como vamos fazer, por que ficamos bravos, por que o casal é ciumento, por que temos preguiça, por que temos ciúme das coisas. Cada um de vocês vai ouvir. Lembrem-se quando voltarem para as suas casas. Eu falo aos meus netos que, quando chega a tarde, não quero mais ouvir barulho, não quero mais que a televisão fique ligada. Eu peço pra *Nhanderu* pra ele queimar as placas solares e os aparelhos que tem dentro das casas, com o raio.

Xeramõi Augustinho da Silva – *Karai Tataendy Oka*
(*Tekoa Guyra’i tapu*, Parati/RJ)

Então, até agora, esta aqui, para nós, é uma terra só. Até agora. Como *Nhanderu*. Ele não vai dizer que aqui é México, aqui é Peru, aqui é Uruguai. Para ele, é só uma terra e foram eles que fizeram. Então, hoje em dia, os brancos querem nos considerar como população branca. Se eu vou à Argentina, eles vão me perguntar: “por que vocês vieram do Brasil?”. Se vierem da Argentina, vão dizer que vieram de outro Estado, outro país, outra nação. Mas, para nós, não é isso. Eles queriam nos considerar igual a eles, como população branca. Mas *Nhanderu* não faz isso para nós, ele não fala essas coisas para nós. Então, para nós, é uma Terra só. Se os brancos nos conhecessem como somos, se valorizassem a nossa cultura, o nosso sistema, não poderiam acontecer essas coisas. Se conhecesse de verdade, não poderiam proibir àqueles que vêm da Argentina que passassem para Brasil.

E também agora dizem que os índios nunca param, que caminham muito. Nós vamos ser assim mesmo, mas agora não é como antigamente. Nós vamos a outras aldeias e voltamos depois. Antigamente, nós caminhávamos muito para conhecer outras aldeias, visitar os nossos parentes, fazer *Nhemongarai*. A cada ano, a gente ia a uma aldeia. Na estação velha, em uma aldeia, na estação nova, em outra... Assim! Isso é o nosso costume. Mas, agora, hoje em dia, por que é que paramos? Não conseguimos mais fazer isso. Hoje em dia, tudo é fechado, tudo é impedido de passar. Para o branco é melhor, tem estrada por toda parte, vai de ponta a ponta. Mas, para nós, esses caminhos são fechados.

Antigamente não era assim. A gente caminhava, porque tudo era nosso. Só *Nhanderu* que nos protege. Aí, nós andávamos à vontade, pescando, caçando, tirando mel, cortando palmito para comer. Tudo era nosso. Mas, agora, tudo tem dono. Não é só a terra. A terra em cada Estado, para o Governo do Estado, é dele. Todas as nascentes, todas as árvores, todos os passarinhos, todos os bichinhos, tudo tem dono agora. Não é mais nosso. Até pra nós nos proibiram, caçar ou pescar em alguns rios. Nós queremos caçar, pescar, mas sempre encontramos alguém que nos expulsa: “aqui é minha terra, aqui é o meu terreno. Aqui não pode caçar, não pode pescar”, dizem. Tem todo tipo de pragas também. Assim, nós não temos mais caminhos, nem para caçar, nem para visitar os nossos parentes. Estamos cercados, tudo ao nosso redor está cercado. Por onde vamos passar? Onde vamos pescar? Onde vamos tirar mel? Temos sentido e sofrido muito; só que nós temos fé em *Nhanderu*, acreditamos e também sempre pedimos para nos acalmar, sempre para pensar bem, por nossas criancinhas. É por isso que nós nos mantemos assim. Mas sofremos, porque perdemos toda a nossa riqueza. Não temos mais a nossa riqueza. Havia todo tipo de passarinhos, agora parece que só tem 140 ou 160 tipos de passarinhos aqui em Santa Catarina. Antes, havia mais de 1600 tipos de pássaros. É assim! Então, aquilo que era nosso, nós perdemos tudo.

Eu estou olhando: onde é que tem aquela mata que *Nhanderu* deixou? Será que não é pra nós? Do meu ponto de vista, é pra mim: aquela é a minha terra. Isso os brancos têm que entender daqui pra frente, porque essa terra, aquele pedacinho, Guarani estava morando e vai morar mais. E vai continuar do jeito que está, não vai acabar, não vai levar tudo, não vai matar a nascente de água, não vai tirar terra pra vender, não vai tirar pedra pra vender, não vai tirar madeira pra vender, não vai tirar bichinhos pra vender, não vai tirar a água pra vender. O Guarani não pensa nessas coisas; nós queremos preservar o lugar em que estamos. Nós amamos o que é nativo, não é só as pessoas que nós amamos. Nós cuidamos da nossa Mãe Terra. Porque através da Mãe Terra que as populações se levantam.

Os brancos falam pra mim: “agora é melhor pra vocês, está tudo tranquilo com a ajuda do governo, fizeram a escola, o posto de saúde”. Mas pra mim é pior ainda. Nós estamos sofrendo mais ainda. Por quê? Se tivessem ajudando os Guarani, eles perguntariam o que é que nós precisamos para cuidar da nossa saúde. Mas é difícil. Nunca vai acontecer na nossa aldeia do jeito que precisamos para a nossa saúde. Porque já não temos mais os remédios antigos e porque

as doenças já não são como antigamente. As doenças dos brancos são diferentes, elas chegam por outros meios, como através da comida. A doença também alcança muitos, porque não é como antigamente. Antigamente, as aldeias eram diferentes em termos de energia: a energia da mata nativa, dos espíritos, dos seres do mato, todos ficavam bem. Agora, a energia também é diferente. A doença chega de todos os lados. Se há uma fábrica ali, com a fumaça saindo todos os dias, sem parar, ano após ano. Do outro lado, tem outro tipo; do outro, outro. Quantos são os navios por dia que saem? Quantos os carros que usam gasolina, álcool? Então, tudo isso já está fechando a atmosfera, não é como antigamente. Por isso que as pessoas, as crianças ficam doentes. Então, temos que dar os remédios dos brancos. E os brancos têm que nos ajudar, porque foi a população deles que acabou com as nossas riquezas. Um pouco, pelo menos, deveriam ajudar.

Antigamente, éramos ricos, havia muitas frutas nativas; tudo o que tirávamos para viver vinha da mata. Os bichinhos que *Nhanderu* deixou para nos alimentarmos. E, hoje, nem podemos chegar perto da praia porque está cheia dos *heta va'e kuery* (aqueles que são muitos, os brancos), e nós somos pouquinhos e não temos mais terras. Os brancos acabaram com tudo. Lá no Rio Grande do Sul é pior ainda porque não tem mata; lá tudo é campo mesmo. Então, agora, quem está vivendo por lá é no meio do campo. Fizeram as casinhas lá e estão sofrendo. Até a água é difícil por lá. Muitas vezes, o rio é longe. É só água encanada e é pouca, às vezes falta. Quem mora no Rio Grande do Sul sofre.

Às vezes, os brancos perguntam: “o que vocês comem?”. E nós temos que contar que comemos aquilo que o branco também come. Mas por quê? Onde a gente vai achar a comida Guarani, se não temos mais mato, se não temos mais terra para plantar? Existem terras, mas são propriedades dos outros e os fazendeiros não querem que entremos, não querem que cortemos nem um palitinho. Então, temos que pedir aos brancos a comida. Agora, o branco pergunta: “por que será que o Timoteo queria mais casinha, material de construção, brasilite, açude. Por que, se não é a cultura dos Guarani? Isso que o Timoteo quer não é cultura dos Guarani”. Mas não é por isso. Se as coisas estivessem como antigamente, eu não ia pedir pra ninguém: não vou pedir carne, não vou pedir comida, não vou pedir açude, porque nós temos peixe à vontade, em qualquer lugar vamos pescar, ninguém vai proibir. Mas, agora, onde nós vamos pescar? Se nós vamos lá embaixo, ninguém vai querer ver. Vão dizer: “o que estão fazendo os índios por aí? Eles entraram sem ordem. Manda sair, manda ir embora de novo. Aquilo é meu. Aqui não pode chegar, não pode pescar, está proibido. Aqui não pode vir”. Só isso que o branco faz. E, agora, onde que nós andamos livremente igual que antigamente? Nós não temos mais nada. Então, agora, pra não incomodar os brancos a cada hora, nós temos que pedir pro Estado, pro Município, pro Governo Federal pra construir, pelo menos, dois ou três açudes pra nós pescar, pras crianças irem pescando ali. Porque nós não conseguimos igual que os brancos. Não temos estudos. Onde que nós vamos conseguir dinheiro a cada vez pra comprar peixe? Onde? Não é nosso, não é a nossa fábrica. Nossa fábrica são os balaios, as flechas, essas coisinhas só. Apenas leva, vende, troca por dinheirinho pra comprar alguma coisa. Então, agora, por isso que nós temos que pedir para as instituições dos brancos. Não temos mais casas, não temos mais materiais pra fazer casas como antigamente. O nosso prego era cipó, cipó imbé pra amarrar. Não usávamos nem prego, nem brasilite, nem tábuas antigamente. Mas, agora, como é que nós vamos conseguir como antigamente? Por que nós não conseguimos mais, por que pra nós é muito difícil? Quem é culpado disso? Será que é Guarani mesmo que tem culpa por incomodar os brancos? Não é. Nós temos direito, porque é assim que nós somos. Eu tenho a minha sabedoria e passo para os brancos. A única palavra que eu tenho pra passar pro branco é essa, porque é o meu direito.

*Xeramōi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)*

JURUA KUERY REKO | A SOCIEDADE DOS JURUA

A sociedade *jurua* pensa que sabe, mas não entende nada de natureza nem de nós, do nosso conhecimento. Eles não sabem e, por isso, desvalorizam a nossa forma de conhecimento. Eles não sabem da água, como ela funciona; nem da mata; nem de nós eles não sabem. Eles acham que sabem, mas eles não sabem. Porque, para falar a verdade, se formos falar de nós povos indígenas, tudo está ligado entre a natureza, as matas, os rios, a terra. Tudo está ligado, então, não há como separar essas questões que nós não dividimos.

*Ronaldo Costa – Karai Tukumbo
(Tekoa Pirai, Araquari/SC)*

Em nossas reuniões, em nossas conversas, não colocamos divisões entre a nossa cultura e a natureza. Nós não falamos: “tal hora falaremos só sobre nossa cultura e deixaremos separada a natureza, o rio e a árvore”. Não combinaremos de falar em algum momento específico apenas sobre o rio, não há como falarmos sobre o rio e não falar do índio. Já o não indígena vem e divide tudo, especificam tudo, separam tudo e, para nós, não é assim.

Eles não pensam no futuro, no que vai acontecer. Eles não pensam, eles não sabem que algum dia pode acabar a árvore, o rio ou até mesmo a natureza, eles não pensam em nada, se daqui a quarenta anos vai acabar ou não. Porque aqui na Terra, tudo e todos têm espírito, todas as coisas, a árvore, o rio, todos eles têm um espírito e um dono. Nós sabemos tudo isso, que as coisas que fazemos se voltam contra nós mesmos. É por isso que um índio sabe onde pode fazer suas necessidades. Ele não vai deixar fezes em um rio pelo simples fato de ter entrado nele, ele escolhe um local apropriado, específico. Quando as crianças nadam no rio, elas não urinam no rio, para urinar eles saem e vão longe.

Há também um exemplo sobre o rio, eles estão acabando com o rio e agora eles não sabem por que ele está secando. Agora, eles estão pegando águas poluídas para tratar, sendo que a natureza faria isso automaticamente, não fosse a grande destruição do rio. Mas, hoje em dia, não, eles têm fossas caindo no rio, tudo, poluição e esgoto e agora eles têm que tratar. A mesma água que eles poluem, eles têm que tratar para tomar. Agora, eles tratam e vendem para eles mesmos, isso nos confunde muito. Hoje, eles não valorizam mais nada. Quando nós, Guarani, falamos que a natureza é importante, eles não nos dão a mínima importância. Só não chegaram a nos desrespeitar totalmente porque nós falamos nossa própria língua. Então, há todas essas coisas sobre as quais é importante refletir, mesmo não sendo importantes para os *jurua*, para nós é. Então, o mínimo que podemos fazer é por nós mesmos. Todas as coisas que são importantes para nós, nós sabemos, mas nas nossas cabeças, não estão no livro ou no papel. Mas, se nós analisarmos na teoria dos *jurua*, já existe tudo, já há muitos livros de sobra, só que é aquilo que eles falaram, não o que nós falamos. Eles acreditam que lá há algo que é importante, mas eles colocam o que eles querem que achamos que é importante. Então, vocês jovens devem questionar mesmo. Questionar e buscar saber, ter curiosidade porque, querendo ou não, nós teremos que abordar esse assunto, não há como escapar.

Na verdade, eles vão acabar com o planeta, eles vão causar tanta destruição que as consequências vão chegar neles mesmos. Eles vão sofrer com isso. Então, isso que eu falo é para vocês jovens já comecem a refletir, em todas essas questões das consequências graves que surgirão não só para eles, mas para todo mundo. Tudo isso é uma diferença entre nós e eles, não há quase nenhuma comparação. Por que vocês acham que nós somos mais felizes? Mesmo sem dinheiro, sem roupas como as deles nós estamos bem de saúde, estamos sempre bem enquanto que eles vivem na depressão. Essa filosofia é de todos, de todos os *xeramõi* em todas as aldeias. *Nhanderu* é muito sábio, nos colocou no mato para nós vivermos com aquilo. Muitas vezes, nas cidades, acontecem matanças, sequestros e eles ainda se questionam sobre o porquê de estar acontecendo isso! O que é algo quase óbvio, mas eles não querem enxergar. Então, tudo isso é para ser refletido por vocês, jovens, e por todo mundo, para se adquirir mais conhecimento. Não é apenas a minha fala que vai construir vocês, mas refletir e questionar, isso é o que vai trazer sabedoria para vocês.

[...] Eu gostaria de falar um pouco sobre a questão da cultura, a ideia de cultura no conhecimento dos *jurua*. Até dentro da sociedade *jurua*, a cultura só existe entre os mais ricos, aqueles que têm mais poder financeiro, aquele que se veste melhor, que come do bom e do melhor. Para eles, só eles têm cultura, mesmo se for *jurua*, mas, se for pobre, ele já não tem aquela cultura. No meu entender, essa é a ideia que eles têm. A cultura para eles é aquela pessoa que conversa bem, que fala bem, essa é a cultura para eles; mesmo a maneira de se vestir, de cumprimentar, o modo de se comportar, essa é a cultura para eles. Até mesmo na questão dos líderes governamentais, dos ricos, dos que têm dinheiro, são eles que têm a cultura, segundo os *jurua*. Há uma divisão em classes sociais também, há aquelas pessoas que são muito mais ricas, vivem só em camarotes, que desfrutam só das melhores coisas e há pessoas menos ricas. Nessa questão da ideia de cultura, para os *jurua*, ela está ligada à riqueza mesmo, riqueza financeira, não é como nós. Mas nós temos uma riqueza, eles acham que não, mas nós temos uma riqueza que é uma outra riqueza, não financeira, é a comunidade, é a questão de um ajudar o outro.

É verdade, eu concordo com as coisas que foram ditas, são muito interessantes. Por isso eu falo: eles acham que têm conhecimento, mas eles não têm. Quem tem conhecimento de verdade somos nós. Na verdade, nós conhecemos de verdade a questão do mundo, nós sabemos como ele foi feito, então, nós sabemos como cuidar e eles não têm a mínima ideia sobre isso, se nós formos pensar no conjunto. É verdade, é importante nós pensarmos e nós devemos pensar. Muitas vezes, nós falamos sobre o mundo, sobre o território. Ao mesmo tempo, eles nunca nos compreenderam, eles não sabem como nós pensamos. Imagine, não fosse o firmamento, o que seria deles?! Isso nós temos! Vocês acham que eles construiriam algo sobre a água do mar, não fosse a terra firme? Construir eles até poderiam construir, mas cada balanço da água ou pequeno vento destruiria tudo. Eles não conseguiriam se fixar ali. Essa é uma questão que eu estou apenas lembrando vocês para vocês poderem pensar e refletir sobre isso. O que vocês têm em mente, que ideia vem para vocês através dessa questão que eu apenas estou lembrando?

Realmente, eles só pensam na questão do bem material, para eles, o mais importante é o dinheiro, a prata, joias, aqueles colares, brilhantes, isso para eles é o mais importante. Então, acredito eu que nós somos praticamente o oposto deles, porque tudo o que para eles é importante, para nós não é. Por exemplo, a prata e o dinheiro... Para nós é importante a casa de reza, viver em um ambiente com a natureza. Até os nossos nomes, nós já viemos com nome pronto. *Nhanderu* já nos enviou com um nome pronto que é o nosso nome verdadeiro, essa é uma questão mais importante para nós. Isso é algo que é infinito: quando nós morremos, o nosso nome continuará sempre vivo com nosso espírito. Tudo isso para nós não tem preço; nem existe para nós a questão de vender o chão que pisamos. Para eles, já é diferente, tudo tem um preço, a terra; em tudo eles colocam preço.

Os *jurua* estudam bastante, para ser advogado, para fazer as leis, e depois isso não serve nem pra ele mesmo. Pensa que sabe de tudo e, na verdade, nem sabe. Ele mesmo faz um tipo de lei e, depois, está sofrendo bastante. *Jurua* não sabe o que vai acontecer daqui pra frente. Depois que acontecer, já vai ser inevitável. Aí, ele vai pensar: “poxa, não devia fazer isso”. Mas Guarani não. Guarani sabe o que vai acontecer se fizer isso, daqui a uns tempos. *Xeramõi* (avô) já começou a falar tudo isso antes de acontecer. E vai acontecer. Antes de acontecer, pelo menos, cada pessoa podia ficar preparada. Se acontecer isso, por onde ele vai caminhar? Pra esquerda, pra direita, pelo meio. Tudo isso já tem que estar planejado. Assim que a gente aprende, com a *xejaryi* (avó), com os mais velhos.

Nhanderu criou o mundo pra gente viver, pra gente plantar. Tem o rio, tem o peixe. Só que é difícil descobrir. Que nem agora, em São Paulo, está faltando água, por quê? Depois o pessoal reclama que está faltando água. Os próprios que mandam, até destruíram as nascentes de água. Como é que vai aguentar? Se um dia o espírito não gostar mais, lógico que ele vai mudar pra outro lugar. Isso que acontece. Mas *jurua* não quer pensar nisso, não quer chegar aí, não quer ver essa parte. Muitas vezes sabe, e muita gente pensa que não sabe de nada. Claro que ele sabe, mas ele não quer aceitar o problema que foi feito. Sempre quer ter algo melhor que os outros. É assim que a gente aprende com os *xeramõi* (avôs).

Nós temos muito conhecimento, só parece que nós não temos. Eu duvido um pouco das autoridades maiores que estão aí. [...] Vocês acham que vão ter um pouco de conhecimento sobre nós, ali, entre quatro paredes? Só na escrita vão ficar olhando. Eles não sabem se comportar quando vêm dentro da nossa comunidade. Eles não sabem dizer: “por favor, nós temos que fazer aquilo”. Nós não, nós somos diferentes quando vamos na cidade. Vocês acham que eles permitiriam que nós nos comportássemos como eles? Que nós destruamos o mundo ou façamos algo sem que eles saibam? Mas eles são diferentes, eles vêm e fazem coisas por trás, sem respeito nenhum. Essa é também uma diferença, nós os respeitamos e eles não nos respeitam. Mesmo sabendo que, em alguns casos, o território pertence aos nossos antepassados, e pertence a nós, eles o vendem sem que nenhuma liderança saiba. Quando nós ficamos sabendo, já foi vendido, já não é mais nosso. Isso acontece muito. Na verdade, eles pensam que podem tudo só porque eles pertencem à sociedade majoritária, eles não têm respeito nenhum. Eles confiam muito nas coisas que eles vão fazer e não acreditam em nada. Nós somos diferentes. A sociedade não indígena é totalmente diferente da nossa sociedade, o sistema deles é diferente. No entanto, eu acredito que nós temos mais conhecimento do que eles, conhecimentos verdadeiros. Nós somos inteligentes, deus nos colocou para sermos inteligentes. *Nhanderu* nos colocou para vivermos no mato, nós simplesmente somos do mato e somos conhecedores da natureza. Quando *Nhanderu* nos enviou ao mundo, ele não nos enviou para destruímos aquilo que ele construiu, mas para simplesmente vivermos harmonicamente.

Por isso que hoje eu falo: até hoje nenhuma autoridade fez um documento ou uma carta verdadeira com aquilo que nós queremos, com aquilo que é certo. Eles não fazem questão de mostrar o nosso verdadeiro querer, embora o conheçam. Quanto mais o esconderem, melhor para eles. Lá em São Paulo mesmo, eles estão praticamente tomando a água que eles trataram do esgoto. Todas essas questões, quanto mais eles as esconderem, será melhor para eles. Assim, eles não estão mostrando a realidade de que eles estão tomando água tratada do esgoto, eles não mostram, nós não vemos na televisão. Eles só mostram a parte do sistema deles que é melhorzinho, o que eles fizeram, entre aspas, de positivo. Algo negativo jamais eles mostrarão, mesmo que aconteça, eles escondem a questão. Tudo isso eles acham que nós não sabemos, mas nós sabemos sim o que está acontecendo. Eles sabem o problema, mas eles

não fazem questão de mostrar. É claro que não são todos, há pessoas bem intencionadas, mas, infelizmente, são minoria e a maioria dos poderosos não se importa. Por que vocês acham que não há um documento, uma carta oficial atestando que, quando eles, os portugueses, os europeus chegaram aqui, nós já estávamos aqui? Não há nenhuma marca ou um mapa que mostre que os Guarani e outros povos indígenas já estavam aqui, não há, não existe. Porque eles sabem que, se eles fizerem isso, não será bom para eles. Eles sabem disso e nós temos todo o direito, por isso, eles não querem fazer esses mapas e documentos. Eles não mostram que, quando chegaram, eles mataram nossos *xeramõi*, nossos anciões, mulheres grávidas sem compaixão. Eles não fazem questão que a sociedade saiba dessas coisas, que eles nos massacraram quando chegaram aqui. Quando eles chegaram aqui, eles mataram todo mundo, não perdoaram nem bebezinhos que estavam no colo mamando. Eles chegaram e não quiseram nem saber, mataram, simplesmente assassinaram. E isso nós não sabemos, por isso, quando chega o dia 19 [de abril] queremos fazer festa. Nós não sabemos que nossos antepassados foram assassinados naquele período do ano. O dia 19 é uma comemoração criada por eles, não foi por nós. Eles inventaram que aquele dia tinha que ser o Dia do Índio. E esses nomes diferentes tais como Guarani, Xavante e outros nomes de outros povos? Quem os denominou? Foram os *jurua*. Não fomos nós. Se nós perguntarmos aos Xavante como eles se autodenominam, provavelmente, ele dirá outro nome. Assim, eles nos chamaram de Guarani e nós não sabemos nem porque “Guarani”. Então, sobre tudo isso, nós temos que refletir, nós precisamos refletir, vocês, jovens, e nós, todo mundo. Esse nosso grupo, todos nós que estamos presentes hoje. Então, essas questões... Não é nem para discutir em como é o *jurua*, é para discutirmos entre nós lideranças e povos indígenas: por que temos que comemorar o Dia do Índio? Isso é algo que devemos questionar, nós devemos discutir entre nós mesmos, não tem nada a ver com *jurua*. Hoje em dia, o pessoal que está conhecendo esse novo mundo não sabe mais questionar, se perguntar o porquê do Dia do Índio. Já não sabe mais por que acontece isso. Acredito eu, que para eles colocarem essa questão, é porque na época eles nos mataram e ficaram felizes, então, eles criaram isso como forma de eles mesmos ficarem felizes e nós nos enganarmos. Em minha humilde opinião, isso não fica bom.

A nossa forma de viver é o mais simples possível, não há nenhuma complexidade como os *jurua* criam. Complexidade só existe porque se cria, mas, no nosso caso, é diferente. Vivemos simplesmente, plantamos, louvamos a deus, temos uma forma de viver... É isso, não há segredo. Hoje em dia, já é diferente, até nós povos indígenas já conhecemos o natal, queremos pular carnaval e essas coisas que não fazem parte do nosso viver. Todas essas coisas existem, mas foram criadas por eles, não foi deus que colocou como uma forma de crença. Por isso, por mais que não queiramos mostrar nossos costumes, nossas crenças e nossa cultura, nós temos que mostrar, pois é algo verdadeiro, não foi simplesmente inventado.

Ronaldo Costa – *Karai Tukumbo*
(*Tekoa Pirai*, Araquari/SC)

Eu só queria ressaltar uma questão, uma pequena palavra que eu entendi que ele falou e com a qual eu fico muito feliz. Nós já estamos sabendo o que está acontecendo, principalmente nas grandes cidades, é muito importante ressaltar essa parte. Por que vocês acham que só onde há sociedades não indígenas é que acontecem terremotos? Terremotos já estão acabando com várias pessoas não indígenas, mas entre nós, que somos minoria, não acontece nada. Nós sofremos muito nas mãos da sociedade não indígena, e essa questão nós não vamos revelar com a matança como eles faziam. Nós vamos simplesmente contar para o nosso Pai que é *Nhanderu*. Quantas vezes eles já nos ultrajaram em vários sentidos, em vários aspectos? Assim, aos poucos... As consequências do término da sociedade deles é por causa disso, é porque eles fizeram sofrer muito os nossos antepassados e o fazem até hoje, com o nosso pessoal. Eles estão simplesmente recebendo o castigo, só isso. Não há outra explicação. E não vão acabar só eles, vai acabar tudo! Não vão acabar simplesmente as pessoas, vai acabar a água, a terra, as árvores, tudo, tudo o que você pode imaginar vai acabar! Tudo isso que está acontecendo não vai durar muito, já é o começo do fim do mundo, o começo. Então, o terremoto não é simplesmente o terremoto, há lava ali dentro, ou seja, é com fogo que tudo vai se acabar. É o começo do fim do mundo, é a única explicação. Tudo isso é um castigo mesmo, castigo e tudo vai acabar de novo. “Ah, não vai acabar!”. Vai acabar sim! Não há outro caminho. É a mais pura verdade, nós estamos vendo acontecer isso. Nós não vimos simplesmente alguém contar um boato, nós estamos vendo nas televisões, em todos os lugares, o que está acontecendo e nós seremos hipócritas de negar isso ainda?! O que vocês acham? Destruíram tudo! Destruíram a mata, a terra, destruíram! Eles não construíram, eles destruíram. Já venderam terra, milhões de milhões. Falando em água, a água também está acabando. Existem lugares onde não há mais água, lugares onde havia, mas já está acabando... Há um lugar que vi na televisão onde não há água e eles fizeram um poço artesiano. Hoje, até os poços estão secando, não há mais água, não há mais de onde vir a água. Como eles fizeram muitos poços, as terras estão caindo, porque é debaixo da terra que eles tiram a água, então, estão caindo! Simplesmente, a terra está acabando junto com a água. Mesmo eles fazendo de tudo para não faltar água e tentar reverter isso, não haverá solução e vai acabar a água. E por que nós ainda estamos bem? Nós, Guarani, que não procuramos ter riqueza financeira, não é por nós que está acabando, mas por causa deles. Ele, *Nhanderu*, está dando suporte para nós porque nós não destruímos, nós não brincamos com a natureza. Nós não destruímos aquilo que eles, os deuses, construíram. Porque, na verdade, a construção do *jurua* é uma destruição que está estragando a construção de *Nhanderu*. Mesmo faltando tudo para eles, nós só vamos sentir falta em último caso, quando não houver mais ninguém com água, aí sim, vai faltar para nós também. Mas, antes disso, não vai faltar para nós. Hoje, inclusive, nas grandes cidades já está faltando água, inclusive em São Paulo. Vocês podem acompanhar tudo isso. Isso já é uma consequência de tudo o que o homem *jurua* está destruindo. Isso é o castigo que acontecerá para sempre, até acabar tudo. E eles não se questionam do porquê de estar acontecendo tudo isso. O projeto que está na cabeça deles ainda é de como eles vão ganhar dinheiro. É um projeto que não pensa na água ou no bem-estar geral do ser humano, mas em dinheiro. O ser humano foi colocado em segundo plano. Eles estão até projetando criar um trem muito rápido cujas rodas não vão nem encostar nos trilhos de ferro. Eles já vão construir algo bem mais avançado, eles não pensam nas consequências. Então, eles não sabem nada, não sabem até quando vai existir a Terra. O projeto deles não se preocupa com a Terra, só isso.

Há várias coisas sobre as quais devemos refletir e ainda há várias coisas para falarmos, mas, como o tempo é curto, nós estamos falando sobre as questões mais visíveis e iminentes que estamos vivendo nos tempos atuais. Acho que é isso que eu gostaria de ter falado, é isso.

Xeramõi Augusto da Silva – *Karai Tataendy*
(*Tekoa Marangatu*, Imaruí/SC)

E, por isso, agora, o erro nunca vai acabar. Cada vez o ser humano estraga mais o mundo: tira mais terra, destrói mais pedras. Aqui na nossa frente, fizeram tanto trabalho: tiraram pedra, pedra, pedra, fizeram brita e essas coisas. Por isso, cada pedacinho é dinheiro para os brancos. Dinheiro não vai acabar. Onde tem morro, terra, quantos milhões que vai valer só aquele pedaço de pedra que tem ali? Quantos milhões que vai alcançar quando tirar tudo aquilo? Como é que vai ficar o dono da empresa? Cada vez vai se aumentando e vai aumentar mais dinheiro de onde é a nossa terra. Essa aí era a nossa terra, primeiramente... Não era nossa, mas, primeiramente, fizeram essa terra pra nós usarmos. Somos nativíssimos. Nós somos nativos pra usar essa terra. Não é nossa, mas é pra nós usarmos que os *Nhanderu* a fizeram. Pra usar. O dono não é o dono. O dono é o nosso deus. Eles fizeram o mundo, e aqueles são donos. Em Portugal dizem que são donos: sim, os *Nhanderu* fizeram pra eles usarem, mas eles não são donos. Até agora, é *Nhanderu* que é o dono. Na Espanha, também fizeram aquele pedaço, e os espanhóis vão dizer: “ah, é meu. Tudo o que está aqui na Espanha é meu, eu mando”. Pensa que ele manda, pensa que ele é o dono, mas foi apenas pra eles usarem que eles [os *Nhanderu*] fizeram. É para os espanhóis usarem, mas a hora que ele quiser destruir, a hora que ele quiser fazer alguma coisa, *Nhanderu* faz, porque é dele. No mundo ninguém manda, nem presidente manda. Aqui no Brasil é a mesma coisa. Na Argentina, o presidente da Argentina vai dizer que toda a Argentina é dele, que ninguém manda mais, que ninguém vai passar por cima dele. Mas, quem é que vai passar em cima dele? O dono, quem fez! O próprio dono não entrega tudo pra fazer o que quiser. Fazem, mas só aqui por cima, na superfície. O próprio dono, de todos os países, é *Nhanderu*. E aqui em nossa terra também. Apenas os Guarani são aqueles verdadeiros para os quais os *Nhanderu* fizeram esta terra, para nós usarmos. É para nós que fizeram essa ilha toda, para usar. Não somos donos da terra. Eu tenho vergonha de dizer que nós Guarani somos os donos da terra. É apenas para usar, e nós temos mais direito que outras pessoas, porque nós somos naturais daqui. Os *Nhanderu* fizeram e deixaram aqui pra usar essa terra. Mas é pra usar; não somos donos. É assim que é a minha sabedoria.

Por que nós Guarani, desde 1970, estamos sem terra? Nós estamos vivendo embaixo da ponte, na beira da estrada; em todas as partes. Nós vivemos igual que ciganos. Mas antigamente, em 1970, 1975, havia mais direito ainda. Em qualquer lugar que chegávamos o prefeito dizia: “deixa, ali tem lugarzinho pro Guarani ficar, deixa ficar”. Aí tratava, dava uma comidinha. Mas, daí pra frente, depois dos anos 80, aí já era diferente. Não podíamos ficar mais na estrada, dentro da cidade, do município. Tudo era proibido. Aí, nós já sofremos. Antigamente, não. Podíamos chegar em qualquer cidade e nos tratavam bem, nos ajudavam. Se tem lugarzinho, podíamos ficar lá. O prefeito mesmo era assim. “É, eles têm direito, são Guarani”. Tinha mais terra, então, dava pra ficar lá. Podíamos ficar três ou quatro meses e, se quisermos, até mais. Davam uma comidinha... Antigamente, os brancos mesmo tinham o coração limpo ainda. Agora, eles estudam mais e, quando eles tiveram mais estudo, piorou pra nós. Eles não queriam saber mais, não queriam conversar mais com os Guarani. Pensavam: “ah, esses Guarani não valem nada, esses Guarani, não pode falar com eles; Guarani nunca para mesmo, fica caminhando pra lá e pra cá, não podemos aceitar eles”, etc. Agora está difícil, não podemos mais andar como antigamente. Se eu quero ir daqui até Mbiguaçu, não dá mais porque a estrada tem muito trânsito; como é que vamos caminhar? E onde vamos dormir? Na beira da estrada? Não dormimos igual que antigamente. Nós sofremos. Os brancos dizem: “ah, agora os Guarani estão bem, não é como antigamente, que estavam sofrendo. Agora os Governos os tratam bem”, mas piorou, pra mim é muito pior que antigamente. Antigamente, nós estávamos muito bem. Não tem perigo de nada, podíamos caminhar por todo lugar. Onde tinha morador, podia dormir de lado e ninguém se incomodava. Mas agora ninguém pode andar a pé, dormir na beira da estrada; tem muito perigo. Muitos perigos. Os brancos, as pessoas são perigosas e também a estrada. São

perigosos os carros também, se saem um pouquinho já podem atropelar alguém. E as pessoas têm armas, revólveres, metralhadoras, espingardas. Isso aí eu não quero ver. Não vou querer comprar carro, não vou pagar caro só pra matar pessoas, não. O meu carro mesmo vai me matar. Só pra isso que eu vou comprar carro? Falaram antigamente que Guarani foi deixado pra ser pobre. Só o mato é pra nós, o bichinho é pra nós, a natureza é pra nós, só isso que é a nossa riqueza. Água é a nossa riqueza. Isso é a nossa riqueza. Mas, agora, nós perdemos, não temos riqueza mais; nós perdemos tudo. Agora nós somos pobres. Não temos mais nada. Agora, onde nós vamos conseguir riqueza de novo? Onde? Os brancos, de onde tiram riqueza? De dentro da terra, nas minas, pra fazer ferro, fazer alumínio, todas as coisas, cimento... Fazer telhas, fazer brasilite, fazer tinta. Tiram. Cada ano fazem carros, o Brasil está cheio de carros, de onde tiraram tudo? Eles que fizeram? Não, é natural, tiraram da terra. Limpam os terrenos para achar gasolina, óleo diesel, e essas coisas. Tiram da natureza. *Nhanderu* deixou tudo, dentro da água. É a nossa terra que deu lucro para as nações brancas, para fazer cidades mais altas ainda, pra fazer a estrada mais bonita ainda. E pra esclarecer mais, de onde sai? Os brancos que fizeram? De onde conseguiram fazer? A água é natural. Onde os *Nhanderu* fizeram a água pra esclarecer todo o Brasil cada noite, o dia todo, pra trabalhar as geladeiras, os computadores, todas as coisas. É de nossa terra que tiraram tudo isso. O dinheiro não vai acabar, cada vez tem mais dinheiro. Mas nunca, nós Guarani, fizemos isso. Eu não vendo nem um pedacinho de pedra, nem um quilo de terra para os brancos. Nós não vamos ter interesse em tirar ouro. Isso nós já prometemos pra *Nhanderu*, que disse que não é pra fazer isso. Nós cumprimos essa promessa. Nós Guarani estamos proibidos de mexer com ouro, procurar ouro por aí. Pode estar por aí, nós sabemos, mas nós não vamos tirar, não vamos mexer. Não é pra mexer. Não é pra nós mesmo que *Nhanderu* fez isso aí. Nós sabemos, então, não temos intenção de trabalhar com essas coisas. Nem mexer com outras pedras, pedras azuis, brancas, vermelhas... Nós vemos, mas não podemos tirar nem pra vender. Todo mundo sabe. Todo mundo repete a regra que nós temos. *Nhanderu* determinou pra nós pra não fazer essas coisas e nós temos que cumprir isso. Até o fim do mundo, nós vamos cumprir. É assim que é a nossa cultura. Todas as coisas, não podemos vender.

Não é a lei dos brancos que nós vamos fazer, é a lei de *Nhanderu* que nós vamos cumprir. Assim que é a nossa cultura. Os brancos não: a lei dos brasileiros, federal, estadual, é pra eles fazerem. O pai da sociedade branca é o Governo, o Presidente, ele que manda tudo, ele que vai fazer as leis. Mas nós, Guarani, não; a lei quem dá é *Nhanderu*. É *Nhanderu* que vai dar a lei pra nós. Ele que diz o que nós não vamos fazer na terra. Eles já fizeram isso antes que chegassem os brancos aqui. Isso nós já temos tudo. Isso ele já coloca pra nós, pra nossos avós antigos ele deixou, e nós continuamos.

[...]Nós estamos muito bem. Nós não vamos roubar. Porque temos o coração limpo. Pensamos muito bem. Um dia que ficar muito apertado, nós vamos chegar lá no Prefeito e vamos dizer: “nós precisamos de alguma coisinha”. Então, tem que entender também. Não vai dizer: “ah, mas vocês são preguiçosos, vocês não trabalham”, não podem falar essas coisas; têm que conseguir alguma coisinha. Se aprender a nossa cultura, tem que saber respeitar, porque nós respeitamos. Nós chegamos, vamos pedir alguma coisinha pra comunidade. Poderia fazer, com vontade. Mas várias pessoas não entendem essas coisas. Assim que somos nós Guarani.

É muito difícil entender a nossa cultura, nossa religião, nossa reza. Tudo isso é difícil de entender. É muito difícil mesmo, porque a maioria não vai acreditar. Os padres, até agora... Há muitos padres, até em Roma, mas eles não vão alcançar a nossa [sabedoria]... Aqui, padres do Brasil, da Argentina, vai ser muito difícil, nem governo, nem deputados, nem cientistas... Nada. É difícil. Mas, mesmo assim, nós vamos continuando, não vai terminar nossa reza, nossa cultura,

nossa língua. Difícil... Não vão conseguir. Mesmo milhões de pessoas lutando, querendo acabar com a nossa língua, nossa cultura, nossa reza, não conseguiram. Isso não vai terminar, porque, apesar de sermos pouquinhos pessoas guarani, nunca vão conseguir. Nunca. Um dia *Nhanderu* vai resolver terminar este mundo, mas, antes disso, não vão conseguir terminar com a nossa sabedoria, nunca. Se *Nhanderu* faz outro mundo de novo, outros Guarani, outros brancos, vai ser outro, vai ser diferente. Mas este agora que *Nhanderu* colocou pra nós, ninguém vai tirar. Quer tirar todo o nosso direito? Não vai tirar. Quer tirar toda a nossa língua? Não vai tirar. Quer tirar toda a nossa reza? Não vai conseguir tirar, não vai sair. Concretamente, *Nhanderu* deixou pra nós e não vão conseguir. Eu falei certinho, porque não vão conseguir, absolutamente. Eu mesmo vou falar com Deputado Federal, com padre de Roma. Podem vir falar comigo, não vão conseguir nunca.

A gente faz o trabalho pra ele, lembrando dele, mostrando a lágrima pra ele, pedindo pra ele força. O trabalho que ele quer é isso aí. Unicamente nós, pessoas pobres, fizemos isso. É importante. Através disso, a gente ganha nossa vida, a saúde. Ele que vai dar a saúde pra nós. Não é dinheiro, não é capital que dá a saúde pra nós. É *Nhanderu* que dá a saúde pra nós. Por isso, *Nhanderu* que manda. Essa terra é dele, nascente, mar, praia, tudo é dele. A hora que quiser, vai fazer alguma coisa. Porque ninguém paga: Governo não paga, o Presidente não paga, Nações, centos de nações no mundo, não pagam nem um tostão pra *Nhanderu*. Quem fez o mundo? Ele que fez. Ibama não faz nenhum pé de árvore; nada. Quais bichinhos que eles fizeram? Não fizeram nada. Que pássaros que o Ibama e a Fatma fizeram? Nenhum! Aonde que fizeram nascente? Em lugar nenhum! Onde que fizeram nascentes os empresários mais ricos do mundo? Ninguém faz. Aí que tá. No mundo, há milhões de nações, de outros países... Não são os americanos que fazem o mundo pra morar. Não foram os alemães que fizeram o mundo, que fizeram a Alemanha. Não foram os japoneses que fizeram o mundo; eles têm muito dinheiro, mas eles não conseguem fazer o mundo, não fazem nem um pinguinho de água. De onde sai o dinheiro? Sai da terra. De onde que conseguem o necessário pra viver? O que dá para os povos, nações, para todo mundo, para viver, para comer, para beber água? De onde que saem as plantas? Da terra, através dos *Nhanderu* que botaram a terra para levantar as plantações, para comer carne, para fazer tantas fazendas. Será que são os ricos que fazem essas coisas? Se *Nhanderu* não tivesse criado o mundo, de onde iam conseguir pra criar gado? Se não tivessem feito o mundo, como é que iam andar os carros? Não iam andar. Se *Nhanderu* não tivesse deixado petróleo e essas coisas, será que os carros iam andar? De onde conseguimos? Será que os brancos que conseguiram, que fizeram essas coisas? Pra fazer gasolina e todas essas coisas, *Nhanderu* que deixou. Por que o avião subiu voando? *Nhanderu* que deixou pra carregar, pra andar. Ele tem amor por todas as nações, mas as nações que não têm [amor], as nações que não estavam sabendo. Os mais pobres - coitados dos Guarani – não são enxergados. Ficam jogados como bichos, desde o começo até agora. Não são considerados como gente. Por isso, desde 1500, quando chegaram, os brancos os tratavam como bichos, os mataram e, até agora, nos tratam como crianças, a nós Guarani, como se não tivéssemos sabedoria. Porque não está na escrita e, aí, não vão saber nunca.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

É verdade, eu concordo com a fala de todos aqui. Na minha visão, quando é abordado o assunto da cultura indígena, o *jurua* fala que nossa cultura não tem nada a ver. Nossa cultura não tem muito sentido para ele, não tem algo coerente ou algo concreto para ele. Para eles, a nossa filosofia é muito abstrata, então, me parece que não há como eles acreditarem em nós. Eles não sabem por que queremos um local com mais mato, mais natureza, mais água e mais terra onde nós possamos plantar. Eles creem que nós plantamos simplesmente para comer, mas não é bem isso. Há todo um contexto, uma forma de plantar e um porquê de termos que plantar. Essa é uma diferença entre nós e eles. Quando eles plantam, não é para mostrar para *Nhanderu*, para louvar ou algo assim, eles já pensam no capital. “Eu vou plantar, mas eu quero ganhar capital”. Eles já não têm esse mesmo sentido que tem para nós. Nós plantamos não para ganhar dinheiro, mas, como já expliquei anteriormente, a própria forma de plantar tem uma certa ritualidade. Há toda uma questão de ligação com o viver mesmo. Isso tudo nós fazemos para viver bem, viver com saúde física e espiritual. É isso que eu tinha para dizer.

Norberto Martinez – Kuaray Pa-Pa
(Tekoa Marangatu, Imarui/SC)

Eu ouço muito as pessoas *jurua* que se apossaram de um território dizerem que, quando chegaram nele, já o possuíam, que o avô do avô dele já morava ali. Então, esse é o argumento que usam quando nós entramos ou requeremos o território. Eles têm esse argumento: que o avô do avô do avô dele já morava ali, sendo que nossos antepassados antes de 1500 já estavam aqui na América, em toda a América do Sul. Em minha opinião, claro que há pessoas que não sabem mesmo, mas há pessoas que sabem que os territórios nos pertencem. Mas eles não fazem questão de mostrar para os outros que nós temos direito. Tem pessoas que sabem muito bem até, mas fazem questão de não mostrar, de não admitir que nós somos daqui. Porque, na cabeça deles, eles só querem mais e mais terra, nada mais importa.

Todas essas histórias verdadeiras que eles estão contando, quando as ouço, sinto uma dor muito grande, porque parece que, hoje em dia, nós sofremos menos do que nossos antepassados. Nossos antepassados sofreram muito mais do que nós.

Gabriel Martins Pires – Karai Tataendy
(Tekoa Pirai, Araquari/SC)

MBYA REKO

O modo de ser Guarani Mbya



Yvy rupa py jaiko kuaa | Sabemos estar na Terra

Nhandeayvu rekorã i Nhamandu, tory rekorã i Nhamandu! Quem nos acorda é *Nhanderu Nhamandu*. Ao iluminar esta Terra, ele nos faz falar, nos faz rir. *Nhanderu Kuaray* vê tudo, em todas as aldeias, até dentro da terra, vê o que é que tem. A gente não está vendo, mas *Kuaray* vê tudo. Ele vê tudo por cima da terra e por baixo também. Os *Nhanderu Nhamandu* vêm trazendo o dia, iluminando.

Eles vêm por dentro do mar, vendo tudo o que é que tem. *Nhamandu omonhendu* (ele ilumina) e vai cantando para todos os bichinhos, para os bichinhos e para nós. Ele vai cantando, assobiando e acordando todo mundo, quando é de dia. É assim que ele nos levanta, iluminando!

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

No mundo Guarani só tem três tipos de lei, são três tipos de coisas que têm que ser mantidas, que temos que continuar levando pra frente. A palavra certa seria *orereko*, *nhandereko* (nosso sistema, nossos costumes). Na verdade, essas três já são muitas. [...] Primeiro vem *Yvy* (a Terra) junto com *ka'aguy* (a mata). Depois vem o *xeramõi* (liderança espiritual). A terceira é o *xondaro* (guardiões). *Xondaro kuery* cuidam do que está em volta. O *xondaro* vai se concentrar para ajudar o *xeramõi*, para ter força.

A primeira coisa que vem no estudo, o mais importante de tudo, é a Terra. Se não tiver a Terra, onde é que vamos morar? E o *jurua* (não indígena), onde é que vai morar? A Terra é sagrada, não pode ser estragada. E nem a mata. Porque quando o Sol vem muito quente, o aquecimento, como é que fica a Terra? Toda rachada, os rios secos. Pra não acontecer, tem que segurar a mata em cima da Terra. Mas *jurua* não sabe disso. Qual é o sangue da Terra? Ninguém sabe disso. Porque na Terra tem quatro (*Nhanderu*) que trabalham juntos. Por isso que a Terra fica firme. É uma coisa bem séria. Por isso que eu briguei semana passada com os *jurua* também. Disse a eles: “se a terra não estivesse aqui no mundo, você ia morar onde? Na água? Até pode fazer isso, construir uma casa de tábuas em cima da água. Mas, onde é que vai arrumar tábuas para fazer a casa? Com pedra não vai fazer uma casa em cima da água. E mesmo com uma casa construída em cima da água, vem um vento e a derruba. Não tem segurança”.

O que os *xeramõi* estão falando aqui, é uma história contada muito tempo atrás.

Ronaldo Costa – Karai Tukumbo
(Tekoa Pirai, Araquari/SC)

Eu já ouvi falar de uma árvore grandona, onde tinha espírito de galinha, de porco, de vaca, cavalo, tudo isso. Não é o *amba* das pessoas, o *nhe'ẽ amba*, não é. Todos os bichinhos, todos os espíritos dos bichinhos vão pra lá. O espírito dos bichinhos, quando a gente mata, vão todos pra lá. Se juntam e vêm de lá também, protegem de lá também; eles têm a força de lá mesmo. Dessa árvore grande, são só os espíritos dos bichos vêm de lá. A gente diz: “bicho *nhe'ẽ*”. Daí que eles chamam *amba*, “bicho *amba*”. Quando nós matamos uma galinha, um porco, uma vaca, o espírito vai pra lá, pra essa árvore grandona. Vai só pra lá. Essa é a forma que eu sei.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

[Até os bichos da mata] eles vão todos lá. Protegem de lá porque, igual que nós, também tem espírito que cuida dos bichinhos. É de outro tipo. Às vezes, a gente olha para a mata e pensa que tem só árvore, mas é uma Capital lá, não é uma árvore. A gente vê, somos nós que vemos tipo uma árvore, mas não é, é uma Capital bem grandona. A gente até pode ver [a Capital], mas só no sonho. Assim normal [acordados] a gente não vai ver nunca. É assim, né? Eu também já sei. Lá em Morro dos Cavalos, quando eu morava lá, tinha uma criança que não estava se sentindo bem e eu me esforcei muito pra curar ela. Aí, eles me mostraram. Eu fui na Capital, bem nas alturas, pra ver. Depois, mostraram o morro pra mim. Pra saber, pra conhecer aquele morro! A gente vê assim normal, só o morro, uma montanha. Mas é uma Capital, alta, com prédios, bonita. [...] Os *Nhanderu* mesmo mostraram pra mim. Fui vendo, a Capital, bonita, prédios altos. [...] E, depois que vieram, mostraram aquela montanha! Por isso que a gente sabe que tipo que é aquela coisa, aquela pedra, aquela árvore, a cachoeira. A gente vê assim só cachoeira, mas ali também não é. Não é só cachoeira, é um tipo de prédio, bonito, a gente não vê! Se mostrarem, a gente vê diferente. Tem uma Capital, tem um prédio tão bonito...

Quando a gente chega em outras aldeias, temos que ver, observar, porque não temos conhecimento. Se você chegar, ficar observando, todo mundo vai te respeitar. Se a pessoa fizer muita bagunça, gritar, fizer barulho, os parentes não vão gostar. O dono da cachoeira também não vai gostar se a gente já chegar fazendo bagunça. Temos que chegar e explicar: “vim aqui pra tomar banho, não pra ficar brincando”. Aí, fica tudo bem. Mas, se não, ele pode atirar pedras em nós, que a gente não vai ver. Então, a gente fica doente.

É assim, então, a cultura de cada um é pra respeitar. Nós respeitamos a todos, e os bichinhos nós respeitamos também. Eu respeito todos os bichinhos que tem no mundo. Eu não mato bichinho, nem formiga. Também os remédios têm os seus donos, aqueles que cuidam da plantas. Pra fazer remédio, tem que falar com ele. Na minha opinião, os brancos, qualquer estudante, pode estudar durante anos e anos, mas, pra saber mesmo sobre a mata nativa, não tem por onde. Esse mato, sem florescer, ele não passa, sem frutas, ele não passa. Tem que florescer a cada ano. Por quê? *Nhanderu* deixou para que se pudessem criar as pessoas. Floresce? Por que floresce? Floresce porque começou a engravidar igual que as pessoas. Ali já vai ter a cabecinha. Primeiramente, ali vai começar e cresce igual que nós. Nós também somos assim: primeiramente, começa pelo nosso cérebro, os nossos olhos. Aí, desce e começa o nosso coração, e dali vai. Assim também todas as frutas: laranja, maçã, uva; começam pequenas e crescem igual que nós. Elas também têm espírito, é igual que nós. Todas as árvores têm espírito, de mulheres, com vestidinhos, branquinhas,

azuis, vermelhas, todas com a roupa bem bonitinha. Mas a gente não vê. Cada fruta, cada pezinho tem espírito que está olhando sempre e, por isso, que está crescendo e florescendo, sempre com saúde. Essas arvorezinhas pequenas são a mesma coisa. Todas têm espírito. Sem ordem, sem permissão, não poderia chegar, cortar, tirar a folha, tirar a raiz, tirar a casca. Tudo isso a gente machuca, elas sentem igual que nós. Por isso que nós respeitamos muito a natureza, qualquer pedrinha, em qualquer lugar, pode ser pequenininha, mas quantos anos ficou ali? Pode ser 3.000, 4.000 anos. Neste mundo, o lugar daquela pedrinha é ali, não se pode tirar, deixa ela ali. Se tirar ela, tira a casa, o seu lugar próprio, nós vamos jogá-la em um lugar que ela não gosta, aí erra para o espírito. Todas essas coisinhas nós temos que saber. A nossa cultura é isso. Não pode tirar, não pode brincar, não pode matar peixinho pequenininho, não é pra comer. Então, deixa. Deixa viver com alegria, não pode tirar. Para que matar? Deixa viver tranquilo ali, porque aquele é o lugar dele, a casa dele, o espaço dele. Tudo isso a gente sabe. E também onde o passarinho tem ninho, a cada ano ele usa, não podemos tirá-lo dali. Pra que nós vamos tirá-lo de onde ele se criou a cada ano? Ele não vai abandonar o ninho, ele não esquece, porque aquele já é o lugar pra criar, tipo uma casinha dele. Então, é pra respeitar todas essas coisas. E também: pra que matar o passarinho? Não vale pra comer, não dá pra fazer almoço, então, não adianta. Deixa viver com tranquilidade. E também nós não podemos prender passarinho. Pra que prender passarinho? Quem vai gostar assim? Nós vivemos com tranquilidade, ficamos contentes andando por toda parte. O passarinho também vai andar por toda parte, vai dar uma volta, vai encontrar a comidinha, a cada dia. E nós vamos colocá-lo na gaiola três ou quatro anos? O que é que vai pensar o espírito? Tem que comparar conosco. Se ficarmos presos, será que vamos gostar, que vamos ficar contentes? Então, o passarinho também sente igual que nós, sofre muito. Por isso que Guarani não tem intenção de pegar pássaros e enfiar em gaiolas pra colocar por qualquer parte. Não vai aparecer assim na nossa aldeia. Mas eu vejo em todo canto na cidade, vejo todo tipo de animais: javali, anta, quati, paca, cutia, dentro da gaiola, num espaço onde colocam comida pra eles. Antigamente, nós (Guarani) não comíamos nem sal, mas, agora, até paca, cutia comem pão, banana, maçã, alface, comida cozida. Hoje é tudo diferente, igual acontece com nós.

*Xeramōi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)*

NHANDERU OIKUAA ARAKAE NHANDEREKO RÃ | NHANDERU DEFINIU COMO SERIA O NOSSO MODO DE VIVER

[...] Somos pouquinhos pessoas, mas obedecer a lei do branco eu não vou, porque *jurua* não é nosso parente, nós somos outras nações. *Nhanderu* deixou pra nós a lei, pra cumprir, pra fazer roça, pra fazer plantio. Ninguém vai atacar a nossa cultura, nem que trabalhe muito tempo. Igual com a nossa língua, nós não vamos esquecer. Igual com o nosso trabalho. Nós vamos roçar, queimar alguma parte, escolher onde derrubar mato, daqui a uns dias vai crescer de novo e nós vamos queimar outro pedacinho, em outro lugar, e assim continua. Não vamos destruir. Onde vamos usar um pedacinho de mato, vamos roçar, queimar, e depois nós vamos usar lenha, a cada dia, ali vamos plantar dois ou três vezes e, depois, vamos deixar crescer de novo. E aí vamos pra outro lugar. E, assim, nós vamos levar dez ou quinze anos, depois é que voltamos roçar no mesmo lugar. Assim que é a cultura do Guarani. Por isso que nunca aparece tanta roça assim. É de pedacinho em pedacinho que vamos roçando.

Primeiramente, nós criamos a nossa aldeia, começamos aqui. Agora vamos fazer uma *Opy* (casa de rezas). É pra sair *teko anhetengua*, o nosso costume mesmo, certo. A nossa cultura vai começar aqui. Nós vamos levar a cultura Guarani, através da reza e da *Opy*. Essa é a nossa escola, pra aprender como é que nós vamos viver, como é que nós vamos ensinar as crianças, os adultos. Só através de *Nhanderu* é que nós sabemos. Por isso que aqui, na minha aldeia, não tem polícia, não tem cabo. Eu não tenho cadeia, nada. Por quê? *Nhanderu* não prometeu, não deixou isso pra nós. *Nhanderu* não disse para castigar meu parente, meu sobrinho. Todos temos que nos respeitar, unicamente. O pessoal de outras aldeias pode respeitar aqui. Eu vou respeitar as pessoas de Mbiguaçu. Eu vou respeitar, como meu pai. Eu vou respeitar o pessoal de Canelinha. Se eu chegar lá, eu vou respeitar, não vou passar por cima. Se errar alguma coisinha, um dia eu vou conversar de novo com ele, perdoar. E aí vai acalmar o pensamento. As pessoas que brigaram disseram algumas palavras, depois os dois têm que pensar, pra ficar bem de novo. E, assim, perdoar. É isso também que *Nhanderu* deixou para os Guarani. Não é como os brancos, brigam uma vez e é pra acabar. Não é isso, se brigarmos por alguma coisinha, depois temos que nos entender de novo. Porque *Nhanderu* sempre perdoa, qualquer pessoa, mulheres, homens. Erram alguma coisa, mas ele perdoa, no mundo. Então, através dele, nós temos que perdoar também. Devagarinho, vamos chegar no ponto certo. É muito bom!

Antigamente, o jovem ia buscar lenha, mesmo que ninguém mandasse. Ele pensava e ia ajudar outra pessoa na roça ou em qualquer tipo de trabalho. Mesmo que o outro não pedisse ajuda, ia ajudar porque não tinha preguiça. [...] Antigamente, era assim: se eram 20 mulheres, uma cozinhava, outra lavava os pratos, outra limpava a casa. Não é como hoje, que uma fica cozinhando sozinha pra todo mundo. Antigamente, quando faziam todas juntas, elas ficavam alegres, rindo, não ficavam tristes. Todas ficavam juntas, fazendo as coisas, contando piadas, contando histórias. A gente ajuda os outros pra gente mesmo, pra ter saúde, alegria. [...] Às vezes *xeramõi* e *xejaryi* falam: “você tem que fazer isso pra você mesma, pra ficar feliz, pra ter saúde”. Nosso espírito, nosso *nhe’ẽ* está vendo isso e ele também fica feliz, fica feliz mesmo, quando a gente está fazendo as coisas junto, no *Nhemongarai*. Mas temos que fazer com alegria. Não somos só nós, *tekoaxy*, meros seres humanos, que ficamos felizes, os nossos *nhe’ẽ* também ficam felizes.

*Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)*

Eu vou contar algo sobre uma pintura corporal, seria importante vocês conseguirem colocar essa parte no trabalho. Isto eu vou contar, tudo que está ligado a essa pintura é importante. Quem conhece e sabe explicar melhor essa questão são os *xeramõi*, aqueles que são conhecedores mesmo. De todo modo, há uma fase da adolescência na qual nossas vozes começam a ficar mais grossas. Nessa fase, os espíritos maus ficam atentos em nós, então, devemos tomar cuidado e não cometer erros. Nessa fase, é fácil para um adolescente contrair coisas ruins. Nesses casos é que eles utilizavam a tinta chamada de *yxy*, que passava nos pulsos e na cara para se prevenir dessas coisas. O *yxy* é extraído do mel. Quando tiramos mel, há uma parte que é *yxy*. Há uma parte do mel que devemos misturar com cipó milongo. Só assim vocês vão entender, quando falo cipó milongo, mas nós falamos *karuguapoã*. Essa tinta serve tanto para meninos quanto para meninas, é como se fosse um remédio mesmo. Isso sempre deve ser utilizado. É algo nosso mesmo. Não se trata simplesmente de pintar por pintar, há uma explicação. Os povos de antigamente utilizavam muito isso (pinturas corporais), mas de formas diferentes também. Outros povos indígenas se identificavam só pela pintura. Através dessas tintas, eles identificavam se a pessoa era parente ou não. São as meninas que fazem as pinturas nos meninos. O *karugua* sempre é passado nas articulações, no lugar onde se sente dor é onde as meninas passam esse remédio. Isso é utilizado também contra a preguiça.

Antigamente, as aldeias eram longe da cidade. Quando tinha uma perto, levávamos quatro horas para chegar à colônia. Estando no mato, nós não precisávamos sair a cada dois ou três dias para ir à cidade. Tinha sempre um *Karai*, que era o cacique. Cada dia, de manhã cedo, tínhamos que visitar ele. Se ele dissesse que aquele não era dia de sair, avisava à gurizada que tinha que ficar por ali. Por quê? Porque ele sabia que alguma coisa poderia acontecer. Então, ninguém saía para ir caçar, pescar, para ir no mato ou na cidade. E também a doença nunca chegava. Por causa do pajé que estava rezando forte, de verdade. Por isso que as crianças, os velhos e os adultos, mulheres e homens, não ficavam doentes. Só pegavam alguma gripe de vez em quando.

*Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)*

Eu ainda uso o *tambeó* (veste tradicional dos Mbya). Mas, como disse a minha mulher, nunca vou mostrar, só vou usar quando quiser, e não pra filmar, ou fazer fotos. Igual o *tukumbo*. Em outras aldeias também tem, só que é difícil a gente ver. Eu não vou mostrar, porque se for mostrar e usar aqui neste momento, em que vocês estão presentes com o gravador e a câmera, isso pode estragar tudo, porque é muito sagrado. Nós temos que valorizar muito o *tukumbo*. Não é para usar em qualquer lugar, ou só pra brincadeira. Antigamente, os *Nhanderu* usavam pra bater nos espíritos do mal [*nhe'ẽ vai*].

Antigamente era assim. Eles acreditavam em *Nhanderu* dessa forma. Não falavam só por falar, acreditavam mesmo. Ele deu serviço pra nós. Para dar força, para saber como descobrir os nomes. Antes de receber o nome, quando as crianças ficam doentes, o *onhemboery va'e* (aquele que revela o nome) dá o nome e, com esse nome, as crianças ficam felizes e, então, saram das doenças. [...] Como tem que cuidar da saúde? Isso eles sabiam antigamente. Hoje, leva na cidade, busca remédio, mas devia levar primeiro no *opita'i va'e* [aquele que fuma, rezador]. Hoje acontece isso porque estamos mais perto da cidade. Antigamente, eles acreditavam primeiro em *Nhanderu*. Quando tem *Opy*, vão lá ver o que está acontecendo, o que tem que ser feito. *Nhanderu* vai escolher quem vai ser o *Karai*, o *onhemboery va'e*. *Nhanderu* mesmo que vai contar, passando a informação para o *onhemboery va'e*. Se *Nhanderu* não fala, ele não vai saber. [...]

Nós estamos apenas aprendendo ainda. O *xondaro* também é para cuidar da aldeia, mas nem todos podem ser *xondaro*, porque, quando o *Nhanderu* envia alguém para esta Terra, já manda com a sua função, por isso não é qualquer um que veio para ser *xondaro* mesmo. É através do *Karai* que vão saber quem vai ser o *xondaro*.

Xeramõi Aristides da Silva – Karai
(Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC)

Quando as crianças estão inquietas é porque tem alguma coisa de errado ou sentem alguma coisa. Para sabermos o que está acontecendo, a gente precisa levar a criança na *Opy* para o *xeramõi* e *xejaryi* espalharem a fumaça por cima dela. Sempre que as crianças estão assim precisa levar na *Opy* e, assim, o *xeramõi* e *xejaryi* falam para os pais o que a criança sente, porque quando vem o *nhe'ẽ porã* alguns pais dizem que não é filho deles. O *nhe'ẽ* da criança sabe e, quando cresce, essa palavra deixa ele triste, porque ele não quer ouvir essas palavras. Sobre tudo isso falam na *Opy*. Quando a mulher está grávida, não podemos falar essas coisas e, assim, quando a criança nascer vai ficar feliz e, quando cresce, vai viver feliz. Porque a criança sabe que tudo está certo e, por isso, vive bem.

Mesmo antes de nascer, nós não podemos falar mal, dizer “não é meu filho”, ficar brigando, separar. Tudo isso deixa a criança triste, porque a criança vem da terra de *Nhanderu* e, por isso, devemos cuidar bem. As minhas avós falavam: “quando vocês estiverem grávidas não podem ter maldade, assim, a criança vai ficar alegre e feliz e, se vocês fizerem coisas erradas, não fica bem para a criança, ela não vai crescer”. A gente precisa ficar alegre, pedir para *Nhanderu* com todo o amor por essas crianças que estão brincando. Elas estão felizes porque os pais pediram para *Nhanderu* com todo o amor para ele cuidar dos filhos.

Mesmo quando as crianças estão maiores, e já começam a andar, não podemos fazer coisas erradas, pois elas sabem de tudo. Se agente acorda e já começa a brigar e a fazer coisas erradas, as crianças ficam tristes e sem vontade de brincar. E quando eles crescem e têm uns 9 ou 10 anos, ainda sentem a tristeza e falecem. Fomos nós, os pais, que erramos. Mas tem algumas crianças que crescem e ficam adultos, que aguentam e têm força para seguir, porque eles dizem pra si mesmos: “ainda que os meus pais estejam fazendo coisas erradas, eu vou viver, vou viver a minha vida”. Assim, eles ficam adultos, ficam velhinhos. Tem tudo isso pra gente conversar.

As crianças que *nhanemombara'ete*, que nos fortalecem. É pelas as crianças que o mundo ainda não acabou. *Nhanderu* vai acabar com a Terra, mas, para isso acontecer, *Nhanderu* não vai mais mandar as crianças para a Terra. Enquanto isso não acontecer, *Nhanderu* continua mandando as crianças. São as crianças que nos dão força.

Xejaryi Tereza – Djatxuka
(Tekoa Mboapy Pindo, Aracruz/ES)

OPY'I RE

Na Casa de Rezas



Toike mbaraete mby'a guaxu nhandere | Deixe a força e a coragem entrar dentro de nós

Ojapukai oreru mirim, orexy mirim, Opy i re. Na *Opy*, clamamos para nossos pais *Mirim* e nossas mães *Mirim*. Quando entramos na *Opy*, pedimos aos *Nhanderu Mirim* que iluminem pra nós o caminho certo. *Nhanderu Mirim kuery* dão esse conhecimento pra aqueles que vão na *Opy oporandu* (perguntar), *oporai* (cantar), *oendu* (ouvir).

Xeramõi Mario Guimarães – Kuaray Mirim
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

O nosso pai e nossa mãe, lá de cima, nunca morrerão e é por isso que nós temos que sempre nos lembrar deles. A nossa mãe olha lá de cima o nosso corpo, olha tudo bem certo, não tem onde ela não enxerga. Olha tudo pra ver se está certinho. Eu não posso olhar, saber o que tem no seu corpo, mas o que eu puder fazer pra ajudar a curar, eu vou fazer. [...] Quando estiver dançando e vier aquele calor que alcança o nosso corpo, isso é porque *Nhanderu* está olhando. Mas se você não sente calor, se não sente nada, então, *Nhanderu* não está olhando pra você, não está cuidando de você.

Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Guyra'i tapu, Parati/RJ)

Antigamente era assim. Antes de chegar o pessoal, quem estava na aldeia já estava sabendo que iam chegar. Hoje mesmo já estava sabendo que vocês iam chegar. Eu fiquei sem dormir. Por quê? Fico muito feliz porque uma pessoa vai chegar pra conversar comigo. “Então, amanhã vou esperar”. Sem dormir eu fiquei pedindo; não senti sono. Mas, agora, estou muito bem. Eu sou assim, posso ficar sem dormir uma semana. Por quê? *Nhanderu* deu força pra mim. Fico sem dormir e fico muito feliz mesmo. Uma hora da madrugada eu peguei o *pety'gua* (cachimbo), e fiquei muito feliz porque os espíritos estão todos junto comigo, estamos muito bem e é isso que eu preciso, sempre. Através dos espíritos dão a força pra mim. A minha parentada, de longe, sempre cuida de mim. Todos estão olhando para mim. Aí, eu não tenho sono e todas as coisas estou sabendo. Estou alegre mesmo, porque *Nhanderu* sempre fica alegre mesmo. Nunca chega mal pra ele, e nós temos que ser assim também. Eu fico muito feliz.

Assim é *Nhanderu*. Por isso, agradeço a *Nhanderu*. *Nhanderu* confia em nós e ele sempre vai proteger cada lugar que tem aldeia guarani. Onde tem gente que confia nele, *Nhanderu* vai proteger. Mas onde não confiam *Nhanderu* não vai proteger. Eu confio em *Nhanderu*, sempre pedi pra *Nhanderu*, falei com *Nhanderu*. Sempre. Por isso mesmo eu não saio daqui. Às vezes eu queria sair, mas *Nhanderu* diz: “não, continua aí, não deixa os teus parentes”. Aí, eu vou continuar. Através de *Nhanderu* que eu continuo morando aqui.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

Pra *Nhanderu* cuidar bem, cada um tem que cuidar de seu corpo. É verdade, vocês também fazem assim. Os *nhe'ẽ* cuidam muito daquele para quem dá o nome. Cada tarde, eles se juntam na *Opy*, cuidando da *Opy* e daquele que descobriu o nome deles. Quando tem um doente, ele é levado na *Opy*. Os *nhe'ẽ*, mesmo de outros lugares, vêm dar força pra levantar ele de novo. Tem algumas vezes que o *Karai* (pajé, liderança espiritual) parece estar fraco, sem força, sem coragem. Isso é porque os *nhe'ẽ* que estão com ele vão pra outro lugar, porque estão precisando deles lá, porque tem um doente. *Nhanderu* manda os *nhe'ẽ* que estão na Terra pra aquele que está doente, precisando, são os nossos *nhe'ẽ* que cuidam de um doente.

Quando a pessoa precisa, quando sente uma dor, ele vai ver o *Karai* que tira do corpo dessa pessoa aquilo que o está incomodando, como pequenas pedrinhas. Ele tira com o *petỹgua* (cachimbo). Mas o doente tem que respeitar esse *Karai*, assim como o *Karai* tem que respeitar o doente, não pode escolher. O *Karai* não pode cuidar mais de um porque é mais bonito ou bonita, porque gosta mais. Ele tem que cuidar de todos, igual. Eu ouvi isso dos antigos, dos *xeramõi* de antigamente.

Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaruí/SC)

Antigamente, em cada lugar havia *Karai*. Havia quatro, os mais fortes dentre eles, em lugares diferentes. Esses *Karai* davam força para os outros *Karai*, que estavam espalhados pelas aldeias. Eles davam força uns aos outros, através dos cantos e do *petỹgua*. Quando um *Karai*, em outro lugar, estava ficando fraco, o outro mandava força para ele se fortalecer mais. Onde quer que estivessem, os *Karai* se entendiam, eles se comunicavam através de sua concentração.

Xeramõi Aristides da Silva - Karai
(Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC)

No *jurua* exatamente não dá para fazer trabalho. Em alguns casos, há alguns *xeramõi* que abrem uma exceção, mas esses *xeramõi* são aprendizes de *Nhanderu Jekupe* e vão realizando leves trabalhos. Realmente, eles podem fazer leves trabalhos, mas não vão fazer aquele trabalho pesado de materializar a doença e tirar da pessoa, mas sim um trabalho de equilíbrio, de descer a fumaça ali e deixar a pessoa tranquila. Isso eu acredito que eles podem fazer sim, só os *xeramõi* que são estudados por *Jekupe*. *Nhanderu Tenonde*, o primeiro de todos, ele também pode pegar alguém para ensinar, mas esse não vai curar aquele que errou, mesmo entre os Guarani. É o mais rígido. Ele é o que fica mais distante de nós. Já o *Nhanderu Tupã* e *Nhanderu Karai*, os *xeramõi* que estudam com eles fazem trabalho com a pessoa ainda que seja pecadora, mas que seja guarani. Nos mestiços, acredito que alguns abrem exceção, para equilibrar a energia, mas não fazem trabalho de cura mesmo de tirar a doença, só jogam a fumaça de longe. Já o *Jekupe* é totalmente diferente, já aceita mais, ele faz trabalho, nem que seja pesado, com pessoa mestiça. Ele não escolhe, somente aos *jurua* de verdade ele se nega. Porque *Jekupe*, ao mesmo tempo em que é um deus, é um guerreiro. Ele trabalha em volta da casa de *Nhanderu* mesmo. Ele é praticamente um líder guerreiro.

Xeramõi Marcolino da Silva - Karai Tataendy Marangatu
(Tekoa Araçai, Piraquara/PR)

OS INSTRUMENTOS DA *OPY*

Antigamente, o pessoal não usava e não conhecia *amba'i* (espécie de barquinho de madeira pequeno onde se coloca água para o batismo) na *Opy* (casas de rezas), não existia. A partir de hoje, a maioria conhece, eu inclusive, eu tenho *amba'i* na casa de reza. Acredito que a maioria de vocês, jovens, não vão entender porque surgiu e porque hoje nós temos *amba'i*. *Amba'i* não era exatamente do Mbya. *Amba'i* era do Guarani, mas daqueles a quem chamamos de *Xiripa*, *Xiripa'i*. Esses têm força em tudo, em vários sentidos eles têm mais força, porque são do *Jekupe*. Por isso, no *amba'i* tem também *kuruxu* (cruz de madeira). E, agora, quase todo mundo já tem esse *amba'i* nas casas de reza. Esse sim é dos *Jekupe*. É justamente porque eles têm mais força, e aceitam mais, que eles podem até fazer trabalho de cura nas pessoas mestiças ou que cometeram grandes erros. *Nhanderu* mesmo mostrou que eles deviam usar *amba'i*. Esse *amba'i* também não existiu desde o começo do mundo, no início com os Guarani *Xiripa*. Surgiu bem mais tarde, também através de um *xeramõi*. Agora, não é que os outros deuses que cuidam de nós sejam mais fracos, só que eles aceitam menos [trabalhar com aqueles que erram e com os *jurua*].

Popygua'i (instrumento formado por duas varetinhas de madeira) é nosso mesmo, do Guarani Mbya, desde quando *Nhanderu* nos gerou. Eles que nos passaram isso, é para nós utilizarmos mesmo. Os *xeramõi*, os nossos antepassados, falam que, quando nós utilizamos esse *popygua'i* dentro da casa de reza, afastam-se os maus espíritos. Esse instrumento sempre acompanha o *petygua* (cachimbo). Antigamente, nós também fazíamos flechas, muitas, e levávamos na *Opy* também para espantar espíritos do mal que estivessem rodeando a *Opy*. O *tukumbo* também servia da mesma forma.

Xeramõi Marcolino da Silva - Karai Tataendy Marangatu
(Tekoa Araçai, Piraquara/PR)

Quando nós vamos pra *Opy* e olhamos o *takuapu* (instrumento musical de bambu), o *popygua*, o *mbaraka* (violão), a *raveka* (violino), sabemos que cada um deles significa alguma coisa. Têm muito significado. O *takuapu* acompanha o *nhe'ẽ* das mulheres. O *popygua* é dos homens. Quando os *Tupã kuery* pegam o *popygua*, a gente ouve os trovões.

Xeramõi Felix Karai Brizola – Karai Mirim
(Tekoa Ara Ovy, Maricá/RJ)

[...] Eu ouvi o meu pai, eu ouvi o meu avô e é por isso que, até hoje, eu me levanto com o *mbaraka* (violão), por isso que tenho força. Eu acreditei, levantei e pedi para *Nhanderu* me dar um canto. Porque é *Nhanderu* que escuta os nossos pedidos e nos entrega os cantos. Se eles não nos ensinassem, ninguém ia saber cantar na *Opy*. São os *Nhanderu* que contam pra nós. É *Nhanderu* que nos ensina. Não é na Bíblia que nós aprendemos. Nós nunca perdemos o nosso conhecimento, o nosso saber, que fica nas nossas cabeças. Nós temos a nossa Bíblia na cabeça, nos ouvidos.

A *Opy* não é como a farmácia dos brancos. O nosso remédio verdadeiro é o nosso *petygua*, *takuapu* é remédio, *mbaraka mirim* (chocalho) é remédio, *popyguai* ajuda a curar. O *avaxi ete* (milho) que nós temos aqui é sagrado mesmo. Sem *Nhanderu* não poderíamos ter este milho, só aquele outro [o dos não indígenas]. Por isso que ele tem que ser respeitado, tem que usar bem, não deixar estragar, porque é sagrado, porque *Nhanderu* que deu pra nós.

Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka
(Tekoa Guyra'i tapu, Parati/RJ)

XERAMÕI KUERY OMONGUETA: OS MAIS VELHOS NOS ACONSELHAM

É verdade, o nosso modo de viver é diferente dos *jurua*. *Nhanderu* nos deu o conhecimento para vivermos na *Opy*. Quando nós vamos na *Opy* temos que ir acreditando em *Nhanderu*. *Nhanderu* está vendo o pensamento de cada um de nós. Cada palavra, quando conversamos, ele escuta. De *Nhanderu* ninguém se esconde, ele vê tudo. Dos seres humanos a gente pode se esconder, mas de *Nhanderu* não. Podemos fazer um buraco pra nos esconder, ou tentar qualquer lugar que seja, mas não nos escondemos dele. É muito importante para nós aprender sobre esse conhecimento.

É meus parentes, quando vamos deitar, ou dormir, temos que rezar, todo os dias, para *Nhanderu*. Pra que sempre, no dia seguinte, nossos trabalhos deem certo, pra dar certo todas as coisas que fazemos. *Nhanderu* conta pra nós nos sonhos, como podemos fazer as coisas. Quando a gente sonha com algumas coisas, temos que guardar na memória, porque vai servir pra cada um daqueles que tiveram o sonho. É sempre *Nhanderu* quem dá o conhecimento aos *xeramõi*, para que não lhe falem palavras. O nosso conhecimento é assim, por isso, não podemos esquecer de *Nhanderu*. A gente tem que acreditar em *Nhanderu* e, pra cada coisa que queremos fazer, perguntar a ele. Temos que pôr *Nhanderu* nos nossos corações. Nosso deus, nossa mãe! *Nhanderu* quer que nós fiquemos unidos e lembrando dele.

[...] Hoje em dia já mudou tudo, não podemos tirar materiais da mata, porque os não índios falam que eles são donos das terra e que nós somos invasores. Essa terra que nós pisamos é nossa porque *Nhanderu* criou pra nós indígenas, para os animais e para todos os seres vivos. Isso os *jurua kuery* não sabem. Eles falam que qualquer pedacinho de terra é deles. Até matam por terra. Antigamente, éramos livres. Nós podíamos caminhar nos matos, fazer armadilha, matar animais para nos alimentar. Antigamente, nós éramos mais alegres, porque nós tínhamos muitas coisas boas, nós tínhamos caça, água, terra boa, pesca, mata, tudo isso era nossa riqueza. Agora, os jovens de hoje não têm como fazer para viver como nos tempos antigos.

[...] No começo da existência da Terra, *Nhanderu* mandou um casal de guarani puro. É tudo verdade: antigamente, existia um casal de guarani puro no começo do mundo. Tem que fazer documento sobre isso, para os não índios saberem que essas histórias são verdadeiras, para eles acreditarem. Hoje em dia, os *jurua kuery* têm sabedoria nos papéis, vamos mostrar que estamos falando a verdade. E, pra isso, temos que ter o nosso próprio livro guarani. Nesse trabalho, eu também estou junto com vocês e, nessas nossas conversas que estamos fazendo, cada palavra que eu falo é verdade. Estou muito contente aqui com vocês. É com prazer que eu estou contando e passando esse conhecimento pra vocês. Esse trabalho de vocês também é meu trabalho.

Xeramõi Miguel Benites – Karai Tatãxi
(Tekoa Itaxim Mirim, Parati/RJ)

Sobre nosso corpo existem tentações, influências ruins que não nos deixam ficar muito tempo na *Opy*. É assim que eu falo sempre. Às vezes, os jovens não entendem ou não escutam o que falamos. Mas a fala daquele jovem tocou nosso coração. Eu fiquei muito feliz, por ver jovens nesse caminho. Com seu corpo inteiro vocês alcançaram a nossa aldeia. Eu agradeço a vinda de vocês, para fortalecer a cada um de nós. Mesmo que os males estão em todo lugar, ficará a fala de cada um, em seu coração. Que *Nhanderu* ilumine cada amanhecer e cada pôr do Sol em seu caminho, pra seguirem em frente, para levar a sabedoria para os outros jovens. Vocês que vieram, chegaram aqui bem, no meio de tanto males, pois *Nhanderu* está com vocês, em todas as caminhadas. Por isso chegaram aqui bem e vão voltar bem pra casa! Os *xondaro* de *Nhanderu Tupã* vão fortalecer a sua fala, assim, vocês vão se sentir felizes, daqui pra frente. Eu também sei que foi muito difícil pra vocês chegarem aqui. Fico feliz por vocês fazerem esse trabalho. *Nhanderu* vai dar coragem e força. *Nhanderu Mirim* ilumina o mundo inteiro, pra falar a todos, para ficar feliz. Eu nem sei como aconselhar vocês, mas falo pra todos vocês, e pra mim mesma, pra seguirmos em frente. Em todas as aldeias se passa fome e dificuldades. Apesar de ser assim tão difícil, vamos ter força e coragem. Eu me sinto feliz, por isso aconselho vocês a levar esse trabalho pra frente. *Nhanderu* que vai iluminar vocês e a fala dos jovens. Os mais velhos também nos acompanham, também temos que acreditar nos mais velhos, pois o que eles falam é tudo verdade. Pra vivermos com força e coragem nós todos, e também as crianças. Agradeço a todos os que falaram. *Aguyjevete!*

Xejaryi Alzira Fernandes – *Jera Poty*
(Tekoa Itaxim Mirim, Parati/RJ)

Quando alguém fala na *Opy*, temos que ouvir, pois a pessoa está falando a verdade porque *Nhanderu* iluminou pra ela falar.

Nós temos que ajudar as pessoas. Se vemos que o *xeramõi* está trabalhando, temos que chegar e oferecer a nossa ajuda. Se fizermos isso, *nhanenhe'ẽ kuery* (os nossos *nhe'ẽ*) ficam felizes. Se você não ajuda as pessoas, os *nhe'ẽ kuery* vão demorar mais pra te ajudar.

Em todo lugar tem lei. Aqui, dentro da *Opy*, as mulheres têm o seu lugar próprio, e os homens também. Quando estão dentro da *Opy*, já não podem conversar, rir, brincar. Essa não é uma lei ruim. A gente não pode passar perfume, creme no cabelo, no corpo, conversar, fazer cafuné no outro. A gente não pode usar essas coisas por respeito a *Nhanderu*, porque ele não usa. Se a gente quer saúde, a gente não deve usar. Todos *xeramõi* ou *xejaryi* (avós) orientam, explicam por que a gente não pode usar. Os jovens podem pensar: “ah, eu não vou mais na *Opy*, porque tem essa regra”. Mas não foram eles que escolheram, é *Nhanderu* que quer assim.

Quando eu entro na *Opy*, cumprimento. Pra entrar na *Opy* tem que cumprimentar. Fora da *Opy*, a gente não pode fazer muito barulho, bagunça. Quem quiser ficar fora pode ficar, mas tem que ficar quieto. Mesmo quem fica em sua casa, fica concentrado, como se estivesse na *Opy*. *Nhanderu* vê todo mundo; ninguém se esconde de *Nhanderu*. Se quem está na *Opy* reza, e a gente faz alguma coisa errada, *Nhanderu* está vendo. Quando os mais velhos entram na *Opy*, se quiserem fechar a porta, podem fechar, porque isso já é da regra, em todo lugar. [...] Quando o *xeramõi* está se levantando pra rezar, a porta tem que ficar fechada, não pode abrir mais. [...] Na *Opy*, a gente guarda o corpo pra não acontecer alguma coisa ruim fora da *Opy*. Por isso é que temos que respeitar a hora da *Opy*. Quando os mais velhos falam isso, é porque estão cuidando de todo mundo, de cada um. Os mais jovens têm que fazer os trabalhos dos *xondaro*: pegar lenha e as outras coisas, porque os mais velhos têm que ficar descansados, pra fazer a reza. Assim, as *xejaryi* (avós) não podem ficar na cozinha, socar milho no pilão. É pra isso que têm as netas e as filhas, pra cuidar das *xejaryi* e das mães. Os meninos ajudam os avós. Antigamente, os mais velhos nunca lavavam a roupa; quando a neta via a avó indo lavar roupa ela já pegava pra lavar. O costume do Guarani é assim: o mais jovem tem que ajudar o mais velho. O jovem tem que fazer o fogo de manhã, porque o velho já não pode mais fazer isso. Não é por preguiça da pessoa mais velha, é porque ela não pode mais ir na cozinha, cozinhar. Pra isso que *Nhanderu* mandou a filha, a neta, aqui na Terra, pra cuidar da mãe e da avó. Por isso estou falando.

Xeramõi Timoteo Oliveira – *Karai Tataendy*
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

Minhas netas, que estão aqui na *Opy*: vou falar agora pra vocês. Eu sempre falo pra vocês do *Nhemongarai*, lembrem-se disso: não sou só eu que falo, todos falam do *Nhemongarai*. Agora sabemos como e por que nós estamos vendo o que os nossos *xeramõi* falam na *Opy*: porque eles se lembram de como os seus próprios *xeramõi* e *xejaryi* falavam. Todos vimos, todos escutamos e agora vocês também vão lembrar. Nós sempre falamos, pra vocês se lembrarem. [...] Agora vocês estão vendo, agora vocês vão acreditar. Lembrem-se, coloquem na cabeça, coloquem no coração. Este *Nhemongarai* é bom, dura muito, não como uma festa. É o caminho comprido (infinito), *tape puku*.

Quando a gente anda pelo *tape puku*, a gente não cai, não cansa. Não tem nada ruim no *tape puku*, não tem sujeira (*ky'a*), porque é o caminho de *Nhanderu*. Quando o pessoal fica no *tape japu'a'i*, vai jogar bola, vai pra festa, a gente pensa que eles não vão morrer, porque eles são jovens, mas eles podem morrer sim. Vários já morreram pelo *tape japu'a'i*. Era pra ele continuar, mas não continuou porque andou pelo *tape japu'a'i*. *Tape puku* é esse aqui: *Nhaneramõi ropy*, *nhanejaryi rataypyi*, a *Opy* de nossos avós, os fogos de nossas avós.

Tenonderã é futuro. Se vocês continuarem indo na *Opy*, vocês vão ter um futuro muito, muito longo. *Nhanderu rape*, o caminho de *Nhanderu* é muito longo e bem estreito. [...] Olhem para os mais velhos, vejam como os *xeramõi* e as *xejaryi* vão viver mais – o que a gente vai fazer pra eles viverem mais, pra eles aguentarem as coisas? Pra viverem mais, eles têm que ir pra *Opy*. Será que vocês querem viver por muitos anos? Assim que eu falo aos jovens.

Cantem, minhas netas! Depois do coral, alguém vai rezar. Amanhã todos nós vamos voltar para as nossas aldeias. Só nosso corpo vai viajar. Os nossos espíritos vão continuar todos juntos. *Nhe'ẽ kuery* não escolhem a quem cuidar; cuidam de todos nós. Pra vocês saberem mesmo o que nós, mais velhos, falamos, é difícil. A gente usa algumas palavras que vocês não entendem mais, não conhecem. Eu uso a palavra de antigamente. Agora estou usando palavras mais novas, pra vocês entenderem, mas quando estou com os mais velhos, eu uso a fala de antigamente. *Ayvu marã e'y napendukuaai* (vocês não conhecem mais a palavra eterna). Eu falo *ayvu marã e'y* através da minha reza. Eu dou orientação porque *Nhanderu Tupã* iluminou. Quando falo dessa forma, *aipo ekomombeu*, falo sobre mim mesmo, conto pra *Nhanderu* do *nhe'ẽ* de todo mundo. Quero saber por que aconteceu isso, o que vai acontecer com a pessoa. Eu conto tudo pra *Nhanderu* para, através da reza dele, passar informação. [...] Quando falo com *Nhanderu*, *ayvu marã e'y*, é diferente da linguagem aqui da Terra.

Xeramõi Felix Karai Brizola – Karai Mirim
(Tekoa Ara Ovy, Maricá/RJ)

Enquanto a gente cresce, já vai sabendo alguma coisa. Isso acontece, então, desde criança. Às vezes, a pessoa sonha bonito. O que você vai fazer? O que está vendo? Então, essa coisa é para guardar, a pessoa não pode esquecer. É *Nhanderu* que mostra. Desde que somos pequenos sonhamos. [...] Todos os *nhe'ẽ* se fortalecem juntos. Nós, Guarani, fazemos isso, em todas as aldeias, através disso obtemos a coragem para fazer qualquer coisa: o trabalho, a fala, etc. Isto é assim para todas as populações Guarani, no Paraguai, na Argentina, no Brasil, em todos os lugares. *Kova'e ma nhaikõtevẽ i!* Desse modo, nos ajudamos!

Nós, Guarani, de manhã e à noite, para cada detalhe de nossas vidas, pedimos coragem aos nossos *nhe'ẽ*. Em todas as aldeias estamos pedindo aos nossos *nhe'ẽ*. Através disso vamos obter a coragem (*py'a guaxu*). Não vamos desistir por qualquer motivo porque temos coragem e firmeza. E isso depende de *Nhanderu*, pois é através dele que obtemos a firmeza.

Tomoĩ porã i! Coloca! Por todas as aldeias, *Nhanderu* vai colocando no pensamento de quem precisa, de quem não esquece, a sabedoria que lhe é necessária. Nós fortalecemos muito *Nhanderu*, e nos fortalecemos também, e, assim, os *tamoĩ* (mais velhos, avós) nos agradecem. Esse é o modo de ser do Guarani. Pode morar unicamente uma pessoa em uma aldeia, mas ele vai pedir força para todas as aldeias, para os *nhe'ẽ* que estão no céu, para os *nhe'ẽ* dos parentes e, assim, vai se fortalecer. Essa é a nossa cultura mesmo. Somos todos assim. Cada um fortalece a si mesmo, pedindo sabedoria.

Nhanderu kova'e ho'anga rakae nhandevype! *Nhanderu* mesmo predestinou para a gente. *Nhanderu* mesmo colocou tudo pra nós. Os nossos cânticos (*tarova*, *jepapa mirim*) não somos nós que criamos, através da escrita. *Nhanderu* manda do céu. Aquele que reza bem ouve os cantos, que chegam ao coração dele. Então, ele canta. *Nhanderu* dá pra ele poder rezar. Através disso a gente obtém a força e, mesmo que tenhamos que enfrentar muitas dificuldades, nos mantemos firmes. É pra isso que *Nhanderu* faz algum *yvyraija* (liderança espiritual), alguma *kunha karai* (liderança espiritual feminina) ouvir o canto. E eles agradecem muito por isso. “*Aguyjevete*”, dizem. É para agradecer que eles pronunciam essas palavras.

É isso que nós queremos. Os *tarova* (cânticos) fortalecem todos. A pessoa que reza para *Nhanderu*, quando ela se levanta e faz soar o *mbaraka* (violão), ela olha para cima, e presta atenção, se concentrando (*ojapixaka*) para poder ouvir. Nosso ouvido tem que se dirigir ao alto e o nosso coração também. “Eu também vou rezar para *Nhanderu*”, diz o *tamoĩ*.

Rezamos para *Nhanderu*. *Nhanderu* é quem nos manda aqui na Terra. Então, quando a gente se levanta pra cantar, é ele que está vendo. Dentro da *Opy* ou em qualquer lugar. É pra isso que nós cantamos. Não podemos nos envergonhar. Se uma pessoa vai a outra aldeia e entra na *Opy*, ele pode ouvir um canto que ainda não conhece, que não sabe cantar. Mas, se ele confiar e se fortalecer mesmo, vai acompanhar qualquer canto em qualquer aldeia. O canto foi *Nhanderu* que deu, para todas as aldeias.

[...] Todas as pessoas, em cada aldeia, que entram na *Opy* rezam pedindo para todas as aldeias que se espalham pela *Yvyrupa*. É necessário lembrar e pedir, pois é através disso que nós, Guarani, temos força.

Na *Opy*, é a mulher que pode dar mais força para os homens. *Nhanderu* mandou as mulheres na Terra e, para elas, é mais fácil rezar para *Nhanderu*. Sendo mulher, *Nhanderu* mesmo vai ensinar mais.

Xeramõi João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

TAPE PORÃ TENONDE PORÃ | Para seguir em frente



GUATA PORÃ | Belo caminhar

Tape Porã, o belo caminho, é pra levar pra nós. Vamos dizer que o *Tape* é a estrada. Pra nós, Guarani, tem *Tape porã* e *Tape poi*, que é o caminho grande, largo. O *tape poi* é grande e ruim. *Tape porã* é um caminho estreito. Pra levar a vida bem, isso é *tape porã*. Para não misturar o pensamento bom com o pensamento ruim. Por isso que a palavra é muito diferente – *tape porã* e *tape poi*. *Nhande jaiko tape porã rupi, jaa tape porã meme*. Nós temos um belo caminho, vamos pelo belo caminho. *Tape porã* é uma vida pra levar.

Tenonde porã é pensar pra frente, o que é mais importante pra nós fazermos. Pensar pra frente, antes de acontecer, nós vamos encontrar, saber. O que é mais importante, o que nós vamos fazer, o que nós não vamos falar, o que nós vamos falar, o que é mais importante pra nós. É pra levar pra frente. Pra levar *Tenonde porã*, o bom futuro, então, não pode misturar com outras coisas, o pensamento. *Tenonde Porã* é pra chegar bem, pra levar a vida bem, a vida boa, no caminho certo. *Tenonde Porã* é pra isso, pra achar o que é o mais importante. Porque, pra frente, o que é que vai acontecer? Se você pensar muito mal, o que vai cair pra você? Se você pensa muito bem o que você quer ver pra frente, coisas importantes pra você, você vai encontrar resultado, vai ver. Se não, você vai encontrar coisas ruins. Então, isso que é muito importante saber: antes de acontecer, tem que pensar o que nós vamos levar pra frente. *Tenonde porã* é pra pensar, achar o que é mais importante, pra seguir no caminho bom. *Tenonde porã* é isso. É pra conseguir, pra nós colocarmos o coração no caminho certo.

É assim que continua. Pras pessoas, pra levar o caminho, vai levar até pra sempre, tem que aguentar todas as coisas. [...] Então, deixa bem claro sempre. No seu coração, deixa a luz sempre, não deixa apagar. Na nossa cabeça também não pode apagar a luz que tinha aqui. Se você apagar essa luz, já vai pensar outro tipo de coisa, aquela que não presta. Se não deixa apagar essa luz que tem aqui, você pensa sempre, não vai esquecer, não vai fazer nenhuma coisa que não vale. No seu coração também tem, no meio dele, luz. Pra pensar. Se apagar, já era. O que você vai saber? Não vai saber nunca mais. Então, isso não pode acontecer. É assim que é a sabedoria do Guarani. Isso aí é muito importante, deixar entrar no coração.

Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)

Os caminhos da pesquisa

Ana Maria Ramo y Affonso y equipe de pesquisadores



Nós, pesquisadores do projeto realizado em parceria com a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), caminhamos belamente, guiados por *Nhanderu!* A nossa pesquisa foi gerada através da nossa própria caminhada e a nossa caminhada foi motivada pela pesquisa. Era preciso percorrer as distâncias por entre as várias aldeias onde vivem *nhaneramõi*, para que cada um dos passos que nos trouxe aqui, a estas palavras finais, pudesse acontecer. Durante o ano que durou este projeto, nosso grupo de pesquisadores era de doze jovens que moravam em aldeias diferentes, então, para participar no projeto, era sempre necessário algum deslocamento.

Decidimos o tema de nossa pesquisa em setembro de 2014 em reunião realizada no *Tekoa Marangatu* (Imaruí/SC), junto com as lideranças e representantes das comunidades de Santa Catarina e do litoral do Paraná envolvidas no Projeto. Em outubro, no *Tekoa Itaty* (Palhoça/SC), participamos de um encontro entre jovens e anciões; foi quando escolhemos as perguntas a serem feitas nas entrevistas para clarear as nossas dúvidas e conhecer melhor nossa história. Depois disso, conversamos com os *xeramõi* e *xejaryi* em nossas próprias aldeias.

Em dezembro, nosso grupo se reuniu no *Tekoa Araçai* (Piraquara/PR) e selecionamos os assuntos que, repetidamente, apareciam nas falas e discursos. Em janeiro de 2015, fizemos uma viagem até o Rio de Janeiro, onde pudemos conversar com os *xeramõi* de várias aldeias da região. Depois destes movimentos, nos encontramos no *Tekoa Yvya Yvate* (São Francisco do Sul/SC) em março de 2015, onde pudemos desenhar o mapa de nossa caminhada/pesquisa com o intuito de nos servir de guia para o livro. Depois disto, nos reunimos, em grupos, para traduzir as falas dos entrevistados, pois todas (com exceção de algumas falas de Timóteo e de Augusto) foram gravadas em Guarani. Por fim, montamos o “quebra-cabeças” que tomou a forma deste livro, no *Tekoa Mymba Roka* (Biguaçu/SC), no começo de setembro deste ano. Durante a pesquisa, também estivemos aldeias guarani em São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, no Paraguai e na Argentina. Foi nestas visitas que filmamos a maior parte das entrevistas que aparecem no documentário que acompanha este livro.

Em cada lugar, os mais velhos, com brilho nos olhos, coragem na palavra e aperto no coração, iam desvelando os sentidos de uma história muito antiga, que fala de um pacto ancestral com a Terra que nos acolhe, *Yvyrupa*, fundamentado no que os *Nhanderu*, que a criaram e nos colocaram nela, determinaram para cada um de nós. E, no entanto, os brancos, com seu permanente esquecimento e sua incansável voracidade de progresso, levantam muros sobre ela e sepultam caminhos tão antigos como a própria *Yvyrupa*, os caminhos daqueles que alcançaram, verdadeiramente, *Yvy Marã e’y*.

Com a plena certeza de que a nossa memória e a nossa sabedoria resistem, como persistiu o nosso povo, como permanecem as suas histórias, viemos contar, a cada um de vocês, um pedacinho de nosso legado, na esperança de que os seus corações se abram e possam alcançar o entendimento para, assim, nos respeitarem como merecemos. Por isso, nos esforçamos para traduzir, na linguagem escrita, as fortes palavras dos nossos *xeramõi* e *xejaryi*, mesmo sabendo que elas são incomensuráveis e, muitas vezes, intraduzíveis. Assim, também tivemos que nos esforçar para aprender a língua do *jurua* e encontrar palavras para dizer, e escrever, dentro dela, o que sabemos e o que guardamos em nossos corações.



Norberto Martines Kuaray Pa-Pa



Lucas Oliveira da Silva Rokadju



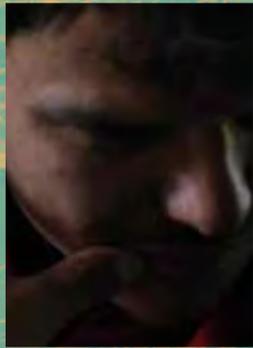
Osmar de Castro



Edinho da Silva Vera



Laercio Silva Wera Tupã Mirim



Silmar Ostroski Karai Mirim



Elizete Antunes Ara



Aládio Bolantim Mariano Kuaray



Vinicius



Xeramõi Timoteo Oliveira Karai Tataendy



José Benites



Wilson Euzebio Wera



Gabriel Martins Pires Karai Tataendy



Claudio Verissimo Karai,



Adriano de Oliveira Tukumbo



Die Arai Martins Timóteo Ara'í



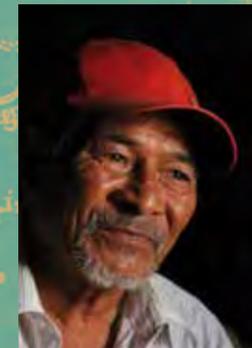
Elsom da Siva Karai Mirim



Nilton da Silva Pa-Pa



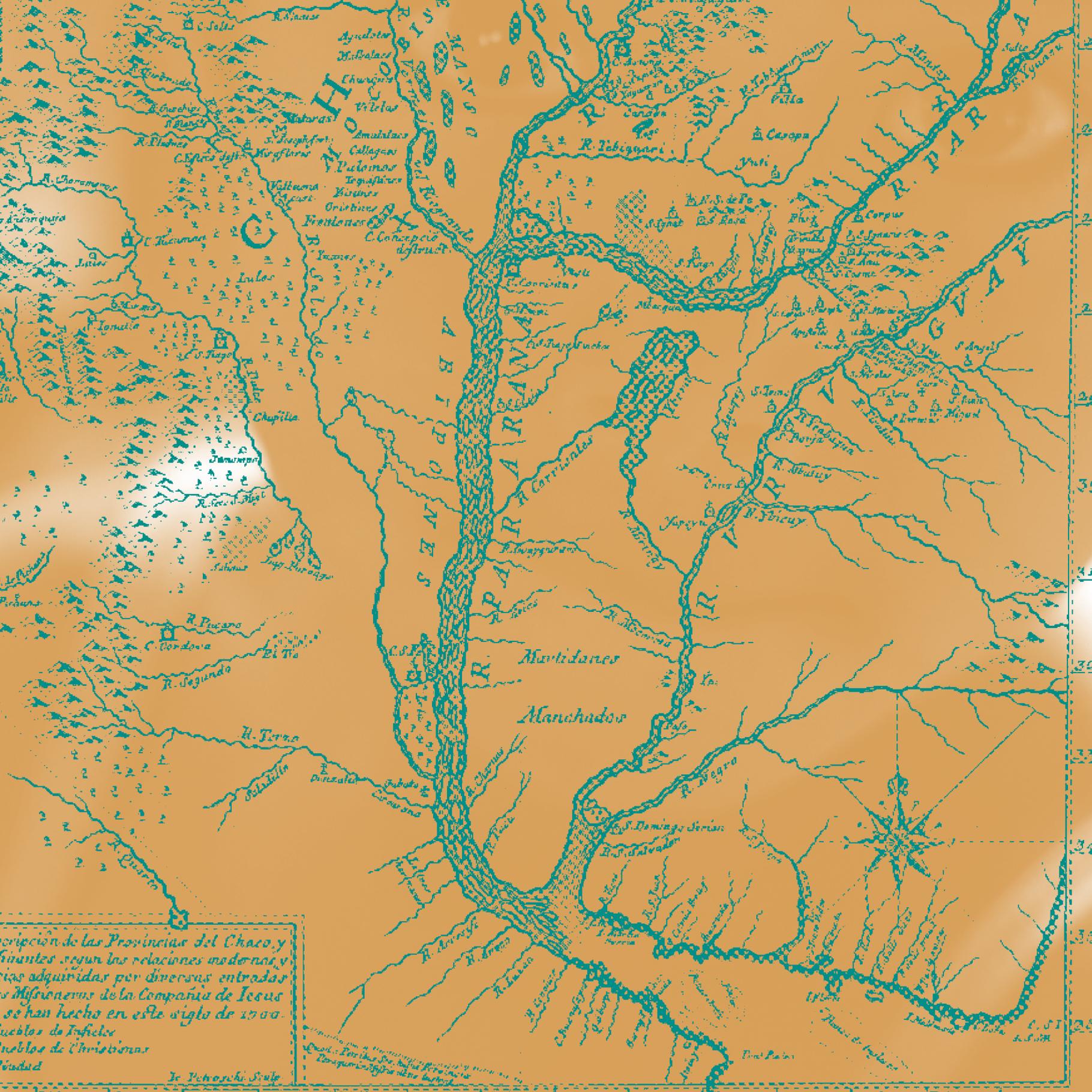
Ronaldo Costa Karai Tukumbo



Xeramõi Augusto Da Silva Karai Tataendy



Ana



Descripción de las Provincias del Chaco, y
 finantes segun las relaciones modernas, y
 rias adquiridas por diversas entradas
 y Misioneros de la Compania de Jesus
 se han hecho en este siglo de 1700.
 Pueblos de Indios
 Pueblos de Christianos
 Ciudad
 de Pedrochi Sule

Descripción de las Provincias del Chaco, y
 finantes segun las relaciones modernas, y
 rias adquiridas por diversas entradas
 y Misioneros de la Compania de Jesus
 se han hecho en este siglo de 1700.
 Pueblos de Indios
 Pueblos de Christianos
 Ciudad
 de Pedrochi Sule

C. ST
 A. S. 1700

Palavras e expressões da língua guarani: alguns significados

Aguyjevete: é um agradecimento. É também o modo como cumprimentamos e saudamos os parentes quando chegamos em seus *tekoa*; assim, expressamos alegria por estarmos nos encontrando.

Amba: é a palavra que usamos para chamar as moradas dos *Nhanderu*. Existem quatro *amba*, que são regiões diferentes, mas que não estão neste mundo. Eles se encontram acima de nós. É de lá que vêm os *nhe'ẽ*.

Ara Pyau: é o período de tempo em que tudo se renova (no calendário do *jurua*, vai do final de agosto até fevereiro). É o tempo de plantar. Então, antes disso, fazemos o ritual do *Nhemongarai* (“batismo”) das sementes. Mais para o final de *Ara Pyau*, colhemos o milho e fazemos outro *Nhemongarai*, o ritual de revelação dos nomes das crianças.

Ara Yma: é uma época do ano que corresponde ao frio (no calendário do *jurua*, começa em março e vai até agosto, quando começa *Ara Pyau*, o tempo novo). Em *Ara Yma*, não podemos plantar nada, somente ajeitamos a terra para a plantação.

Avaxi: milho; *avaxi etei:* milho verdadeiro; *avaxi ponhy:* milho pequeno; *avaxi xĩ ete:* milho totalmente branco.

Jurua e yvypo kuery: são duas formas diferentes de chamar os não indígenas.

Karai: é uma liderança espiritual. Ele que orienta as pessoas da comunidade quando precisam. Ele se

comunica com os *Nhanderu* e com os *nhe'ẽ*. Por isso, ele sabe o que está acontecendo com as pessoas que estão doentes e pode ajudá-las.

Kuery: quando *kuery* acompanha alguma palavra, quer dizer que é mais de uma. *Ha'e kuery*, quer dizer “são vários”.

Marã e'ỹ: de uma forma simples, poderíamos dizer que é algo que nunca estraga, que nunca acaba, que não tem nenhuma sujeira ou doença. É o contrário de *marã*.

Mbaraete: força. É o próprio *Nhanderu* que nos dá força para caminhar, para levantar, para conversar e pensar o que vamos fazer. Envolve tudo o que fazemos. Quando temos força e acreditamos que vem de *Nhanderu*, é que podemos fazer aquilo que nos propomos. Sem essa força, não vamos conseguir.

Nhanderu Tenonde: nosso pai (deus) primeiro, que gerou a si mesmo e depois gerou os seus quatro filhos. Também usamos essas palavras para chamar aqueles que ficam na frente de sua comunidade, guiando seu povo.

Nhe'ẽ: cada pessoa tem um *nhe'ẽ*. Os *nhe'ẽ* são filhos dos *Nhanderu*. Eles são mandados para cuidar da gente, aqui na Terra. Por isso, às vezes, em português os chamamos “anjos”. São eles que levantam o nosso corpo.

Nhemopuã: usamos essa expressão para dizer que *Nhamandu*, o Sol, nos levanta de manhã. É só porque ele vem que nós podemos nos levantar. Existem vários

sentidos para esta palavra, dependendo do contexto em que está sendo usada.

Omoãtãxi: quando a criança ou o adulto estão doentes, o *Karai* pega o cachimbo e solta a fumaça em volta deles. Esse é uma forma de benziemento. Também se solta a fumaça em volta do *avaxi* e do *ka'a* (erva-mate) na cerimônia do *Nhemongarai*.

Oporai'vae: aquele que canta dentro da *Opy*, pedindo fortalecimento para todos.

Opy: Casa de Reza ou Casa de Rituais. É lá que nos reunimos para cantar e dançar, para pedir *mbaraete* e *py'a guaxu*, força e coragem, para levar bem as nossas vidas. Lá é o nosso hospital e a nossa escola.

Popygua'i: o *Karai* usa o *popygua* (bastão, vara) dentro da *Opy*, Casa de Rezas. Ele acompanha os cantos. Tem que ser usado junto com o cachimbo.

Porã ete: usamos esta expressão quando queremos reafirmar que algo é verdadeiramente bom e belo.

Porã: em geral, é algo bom e belo. Porém, o seu sentido varia dependendo do que está sendo chamado de porã. Pode ser uma pessoa, um pássaro, um nome, um objeto, um lugar, um canto.

Py'a guaxu: coragem. É quando a gente acredita em *Nhanderu* que podemos verdadeiramente adquirir a força e a coragem para enfrentar todas as dificuldades que vivemos aqui na Terra.

Muitas vezes, traduzimos a palavra *py'a* como coração.

Takuapu: é um instrumento feito com um bambu. As mulheres batem o *takuapu* no chão, acompanhando os cantos do *Karai*. A batida do *takuapu* tem que acompanhar o ritmo do violão (*mbaraka*).

Teko: é o jeito de ser de cada coisa e de cada pessoa. Usamos a expressão *Nhandereko* para falar do costume e do sistema de vida Guarani.

Tekoa: é o espaço onde vivemos de acordo com o *nhandereko*. Pode se referir à aldeia ou à Terra Indígena Guarani.

Tekoaxy: todos nós temos *tekoaxy*. Somos *tekoaxy* porque não seguimos o caminho certo, pois é muito difícil respeitar as regras que *Nhanderu* coloca para a nossa vida na Terra. Por isso, brigamos, bebemos, mentimos, sentimos ciúme, raiva, preguiça.

Tukumbo: o *xondaro* usa o *tukumbo* do lado de fora da *Opy*. É um chicote que, quando estala, faz um barulho que espanta seres ruins que ficam ao redor da *Opy*.

Xapukai: é um grito. Quando na *Opy*, os *Karai* cantam muito forte, dizemos que eles *oxapukai*. Os *xondaro* também *oxapukai* para chamar as pessoas.

Xejaryi: significa “minha avó”. Chamamos assim as mulheres mais velhas, como uma forma de respeito.

Ronaldo Costa – *Karai Tukumbo*

Xeramõi: significa “meu avô”. Chamamos assim os homens mais velhos, como uma forma de respeito. Também chamamos de *xeramõi* os *Karai*, nossas lideranças espirituais. Nesse caso, ambas as palavras têm o mesmo significado.

Xondaro: são aqueles que protegem a aldeia e também os que cuidam do entorno da *Opy*. Existem vários tipos de *xondaro*. Tem os que ajudam os *tuvixa kuery* (caciques) na organização da comunidade e outros que ajudam os *Karai*, dentro e fora da *Opy*.

Yvy marã e'ỹ: é uma terra que não vai acabar nunca (onde tudo se cria de novo). Nós, que somos meros seres humanos, *tekoaxy*, não podemos pisar naquela terra. É o lugar para onde vão aqueles que chegaram a ser *Nhanderu Mirim*. Aqueles que acreditam mesmo podem chegar lá. Os nossos *nhe'ẽ* sempre chegam. Lá não tem nada de ruim, nenhuma sujeira e nem doença. Dizemos que é um local sagrado.

Yvyrupa: o que foi colocado para segurar a Terra, *Yvy*, o mundo. *Yvy ijyta* também poderia ser dito neste sentido. Hoje em dia, usamos essa palavra para falar de todo o território Guarani, mesmo não sendo reconhecido pelos brancos. *Yvyrupa* também pode ser “o mundo”, de uma forma geral.

OBSERVAÇÃO: A MAIORIA DAS PALAVRAS EM GUARANI é pronunciada com o acento tônico na última sílaba, sendo assim, não é usual ACENTUAR A SÍLABA TÔNICA DAS PALAVRAS.



Em mais uma parceria com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), temos a satisfação de apresentar esta nova publicação do Programa de Valorização do Universo Cultural Guarani.

O Iphan, através do Departamento de Patrimônio Imaterial, iniciou a identificação do Patrimônio Cultural Guarani, em 2004, com o Inventário Nacional das Referências Culturais (INRC) da Comunidade Mbya-Guarani no Rio Grande do Sul. Entre os anos 2009 e 2011, em parceria com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), o CTI e a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), foi elaborado o INRC do povo Guarani Mbya nas regiões Sul e Sudeste, envolvendo aldeias situadas nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Esses inventários são produzidos pelo projeto Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani, no qual, jovens guarani, em parceria com os *xeramõi* (os mais velhos em sua sabedoria) são os pesquisadores protagonistas do reconhecimento de suas próprias referências culturais.

Nesse processo de construção coletiva com os Guarani, ressaltamos duas importantes conquistas em 2014: a inscrição da Língua Guarani Mbya no Inventário Nacional da Diversidade linguística/INDL, reconhecida como Referência Cultural do Brasil e o Registro da Tava: Lugar de Referência do Povo Guarani, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, registrado no Livro dos Lugares.

Avançamos na inscrição de políticas participativas do projeto SalvaGuarda dos Patrimônios Culturais Imateriais das Comunidades da Nação Guarani no âmbito do Centro Regional para a SalvaGuarda do Patrimônio Cultural Imaterial para América Latina (Crespial/Unesco). A partir do compartilhamento de experiências de salvaGuarda e metodologias de identificação e reconhecimento do Patrimônio Cultural Guarani, desenvolvidas no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, está em curso uma proposta do Iphan, também em parceria com o CTI, na qual será criada a plataforma Yvyrupa: Cartografia Cultural Guarani Mbya.

A plataforma pretende atender à demanda de salvaGuarda do “modo de viver guarani”, intimamente relacionado ao território – este, entendido, como território livre – *Yvyrupa*. Ela permitirá reunir informações de diferentes fontes e naturezas em um único lugar e, assim, servir tanto para a autogestão do patrimônio cultural- pelos próprios Guarani- quanto subsidiar ações educativas e de promoção e valorização de sua cultura em todo o continente.

O Iphan reafirma seu compromisso de continuar essa aliança junto ao povo guarani Guarani no trabalho de salvaGuarda de um Patrimônio Cultural de enorme riqueza e significado, além das divisas e fronteiras pelo espírito fraterno da solidária convivência entre nações e diferenças componentes da nossa extraordinária diversidade.

T.T. Catalão
Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Nós sabemos a nossa história
Nosso modo de vida
Caminhamos, sabemos
Brilhos nos olhos
Ao ouvir os *xeramõi*
Emocionados, dando força
Fortalecendo nossa cultura
Com eles aprendemos
A respeitar a natureza
Os rios e tudo que há nesse mundo
Vendo as nossas crianças
Alegrando os novos dias

Lucas Oliveira *Karai Tataendy Rokadju*



Ministério da
Cultura

